

*Obra mediúnica
baseada em
fatos reais*

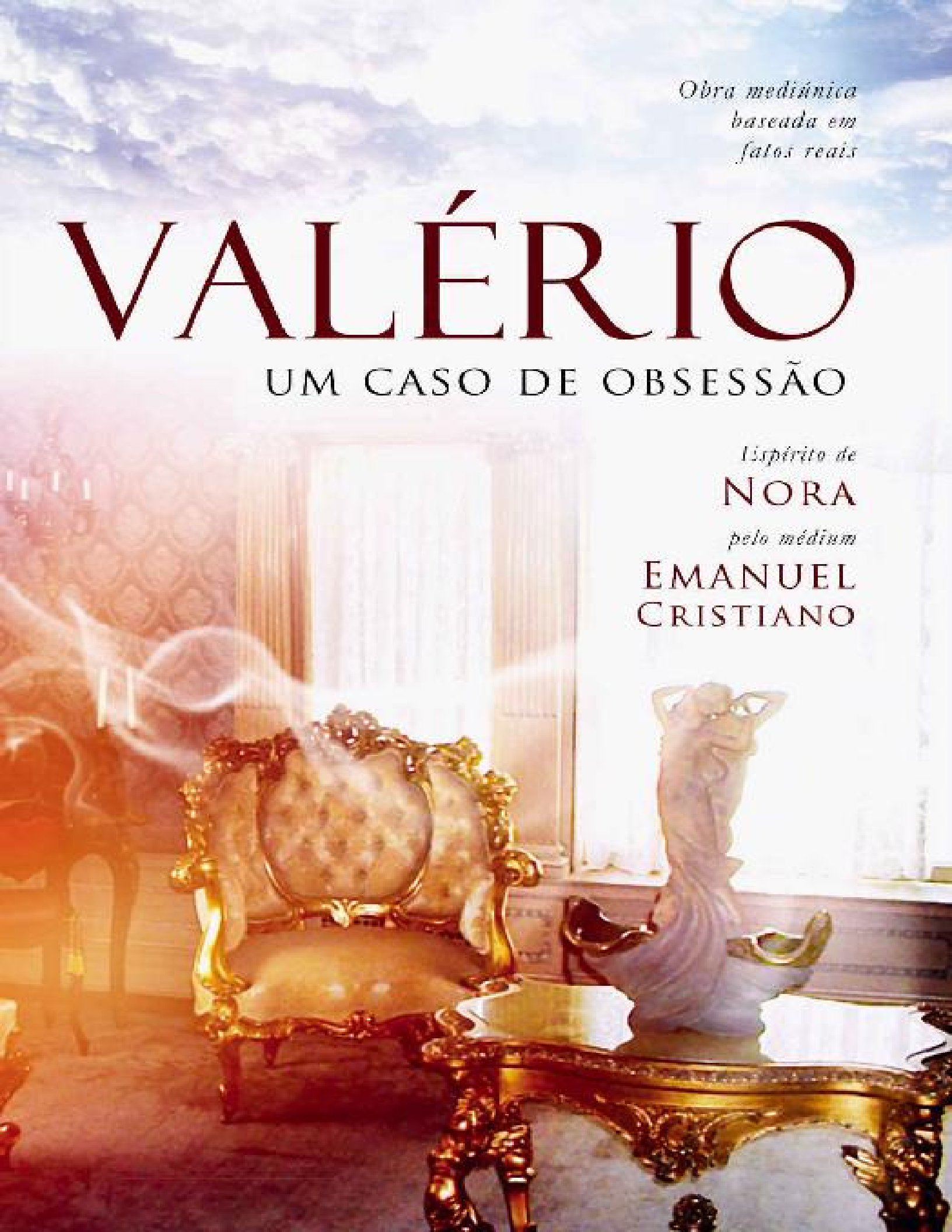
VALÉRIO

UM CASO DE OBSESSÃO

Íspirito de
NORA

pelo médium

EMANUEL
CRISTIANO



SUMÁRIO

[Dedicatória](#)

[Introdução](#)

[“A harpa de Davi”](#)

[Personagens](#)

[UM](#)

[Gladiadores do além](#)

[DOIS](#)

[Sombra e luz](#)

[TRÊS](#)

[A família Alicante](#)

[QUATRO](#)

[As lutas de Valério](#)

[CINCO](#)

[Adversários em ação](#)

[SEIS](#)

[Obsessão organizada](#)

[SETE](#)

[Luz e sombra](#)

[OITO](#)

[O testemunho de Casimira](#)

[NOVE](#)

[Obsessão na infância](#)

[DEZ](#)

[Catarina](#)

[ONZE](#)

[O segredo de Lourenço](#)

[DOZE](#)

[O Consolador](#)

[TREZE](#)

[Chegando ao centro espírita](#)

[CATORZE](#)

[Ação espírita](#)

QUINZE

A tragédia de Catarina

DEZESSEIS

Médium em provação

DEZESSETE

Suportando o mal

DEZOITO

Dante Ventura

DEZENOVE

Dolorosa surpresa

VINTE

Redenção

Posfácio







Espírito de
NORA

pelo médium
EMANUEL
CRISTIANO

VALÉRIO

UM CASO DE OBSESSÃO



FIDELIDADE

Campinas, SP

2014

DEDICATÓRIA

Deico estas páginas à Casimira que guarda seus últimos dias na Terra. Ela personifica a colaboração de médiuns anônimos, sinceros e comprometidos com a verdade. Palavra alguma poderá expressar a gratidão de uma plêiade de Espíritos que lhe será eternamente reconhecida.

Pensando em Casimira, penso em todos os confrades que laboram nas reuniões de intercâmbio espiritual tornando-se valiosos colaboradores dos amigos do infinito.

Por trás de cada obsessor, de cada relato dolorido, existe uma história de sofrimento, frustração e mágoa. Ninguém será eternamente das sombras. Somos filhos da luz e, à fulgência do amor divino, volveremos, um dia, plenos e desenvolvidos.

Que os médiuns espíritas sejam sempre corajosos, estudiosos, disciplinados, amigos da verdade e da simplicidade. Que cumpram o seu sagrado mister na discrição, na honestidade, na gratuidade e no testemunho cristão, engrossando as fileiras dos filhos do evangelho.

Agindo assim receberão certamente, das mãos dos ministros do Senhor, a palma da vitória como sublime símbolo do labor, da reforma moral e do triunfo, pelo trabalho puro e sincero, em nome do Cristo.

NORA^[1]

Sumário

INTRODUÇÃO PERSONAGENS

CAPÍTULO UM

GLADIADORES DO ALÉM

CAPÍTULO DOIS

SOMBRA E LUZ

CAPÍTULO TRÊS

A FAMÍLIA ALICANTE

CAPÍTULO QUATRO

AS LUTAS DE VALÉRIO

CAPÍTULO CINCO

ADVERSÁRIOS EM AÇÃO

CAPÍTULO SEIS

OBSESSÃO ORGANIZADA

CAPÍTULO SETE

LUZ E SOMBRA

CAPÍTULO OITO

**O TESTEMUNHO DE CASIMIRA CAPÍTULO NOVE
OBSESSÃO NA INFÂNCIA**

CAPÍTULO DEZ

CATARINA

CAPÍTULO ONZE

O SEGREDO DE LOURENÇO CAPÍTULO DOZE

O CONSOLADOR

CAPÍTULO TREZE

**CHEGANDO AO CENTRO ESPÍRITA CAPÍTULO CATORZE
AÇÃO ESPÍRITA**

CAPÍTULO QUINZE

**A TRAGÉDIA DE CATARINA CAPÍTULO DEZESSEIS
MÉDIUM EM PROVAÇÃO**

CAPÍTULO DEZESSETE

SUPORTANDO O MAL

CAPÍTULO DEZOITO

DANTE VENTURA

CAPÍTULO DEZENOVE

DOLOROSA SURPRESA

CAPÍTULO VINTE

REDEÇÃO

POSFÁCIO

Introdução

Os mortais hão dito que a obsessão é parte integrante dos flagelos com que a humanidade se vê a braços neste mundo. Na definição da ciência espírita: (...) chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. (Allan Kardec, *A gênese*, cap. XIV, item 45) Partindo da imortalidade da alma, é lógico concluir a possibilidade de os homens maus, tomados pela mágoa, ociosos, invejosos e infelizes, que após a morte encontraram a selva selvagem cantada pelo florentino, como resultado do seu mundo interior e das suas vesânicas sobre a Terra, voltarem ao planeta em crudelíssimas perseguições aos seus inimigos vivos.

Levantar esse véu é penetrar e desvendar os mistérios do infinito em luzes de estupendo raciocínio, descortinando as leis do Universo como sói o espiritismo soube fazer!

“A harpa de Davi”

Essas nuvens de testemunhas (Hb 12:1), pesadas de rancor, imantam-se aos homens invigilantes, ou fragilizados pela consciência culpada, como se fossem hospedeiros perversos, sugando-lhes as forças e perturbando-lhes física e mentalmente, a partir das imperfeições morais!

As civilizações antigas sempre compreenderam a atuação do mal. Equivocaram-se, muitas, ao personificá-lo como entidade à parte e concorrente da Criação. Desconheciam que o mal é apenas ausência do bem, resultado do pouco desenvolvimento espiritual dos filhos de Deus, quando na grande odisseia rumo à perfeição.

Foi assim, por exemplo, que o pintor persa que se fez sacerdote, Manes, ignorando a essência profunda das coisas, apresentou sua visão limitada sobre os arcanos divinos e, porque faltava-lhe conhecimento pleno, julgou o todo pela parte limitadíssima, da sua tosca interpretação humana apresentando a ideia do maniqueísmo. Nessa concepção, apontou o bem e o mal como forças universais justificando as insanidades e as virtudes humanas.

Ensina-nos o espiritismo que o sentido antagônico do bem e do mal foi a base de todas as crenças religiosas. Na infância da humanidade, o mal era ligado muito mais às dores físicas e às tragédias naturais porque os seres são mais sensíveis a ele; o bem parece-lhes comum e não sabiam compreender que certas dificuldades são providenciais para fazer o homem progredir mais depressa.

Na antiguidade, encontraremos, como símbolo desse dualismo, Seth e Osíris entre os egípcios; Ormuz e Ariman entre os persas; Jeová e Satã entre os hebreus; Apolo e Hades entre os helenos.

Essa concepção dualista, encontrada em todo o globo, representando o esforço da humanidade no processo de entendimento da própria natureza, ajudou a compor mitos e personagens que nas religiões esotéricas ou secretas tinham outro significado.

Desse modo, o termo demônio que originariamente, em grego, significa entidade espiritual, foi utilizado para personificar a maldade. O vocábulo diabo era, na mesma língua, entendido apenas como aquele que calunia, confunde, separa. De igual maneira, a palavra satanás, em hebreu, designava, essencialmente, adversário.

Mas, em muitas religiões, considera-se, por meio dos fatos, a volta dos mortos maus para atormentar os vivos, e dos bons para impulsioná-los ao progresso. Várias, porém, deturparam a verdade dando-lhes nomes diversos no preconceito teológico ou na tentativa de perpetuar a ignorância do povo.

Deus é único! Criador portentoso!

Nada está acima de suas santas, eternas e imutáveis leis.

Seus editos permitem que esse intercâmbio ocorra para que a reaproximação traga a certeza da imortalidade, da comunicabilidade e da necessária reconciliação entre as almas.

O homem, na infância da civilização, tomado pelos instintos, não entendendo as forças da natureza, demonizou ou divinizou tudo o que lhe parecia contrário ao seu primitivo entendimento. Nem demônios, nem deuses, apenas as almas dos homens do outro lado da vida em tormentos severos ou em virtudes excelsas sob os cuidados de Deus.

No campo da ação prejudicial dos atormentados “mortos” sobre os “vivos”, a história profana e sagrada legou-nos exemplos preciosos.

Brutus, registrado por Plutarco, é visitado por sinistra entidade avisando-lhe da sua morte próxima nas cercanias da cidade dos filipenses.

O imperador Lúcio Domício Enobarbo sentia-se perseguido pela sombra de sua mãe após matricídio covarde e interesseiro.

Nabucodonosor, o rei da Babilônia, sob poderoso processo de perseguição dos seus inimigos desencarnados, fora, por eles, perturbado mentalmente e levado a conviver com os animais. (Dn 4:29–30) Saul, afastando-se dos desígnios de Deus, conforme a tradição bíblica aponta, fora tomado por Espírito maligno, apartado, apenas, pela harpa de Davi. (1Sm 16:1–23) — • —

Observai, amigos, que a harpa é um instrumento que se toca com as mãos! Recordai-vos de que Davi, sob o amparo dos benfeitores do infinito, afastava o Espírito do mal tocando, agindo sobre melodioso instrumento.

Para afastar os maus Espíritos é mister atrair os bons! (Allan Kardec, *O livro dos médiuns*, 2.^a parte, cap. IX, item 13) Para atrair os bons, imperioso agir sobre as cordas luzidas da caridade, com mãos de autoridade moral, únicos recursos que os adversários respeitam.

Jesus é a nossa harpa divina cujas cordas, os ensinamentos, se tangidas, se vividos, produzirão as vibrações sintônicas capazes de neutralizar, afastar e principalmente conduzir os desviados do amor aos braços do Altíssimo.

Sob seus luminosos acordes:

Maria Madalena foi liberta de sete entidades inferiores; (Lc 8:2)
o gadareno teve a legião de Espíritos ferozes afastada; (Mc 5:1–13)
a filha da mulher siro-fenícia, tomada por Espírito impuro, foi curada; (Mc 7:24–30)
na sinagoga de Cafarnaum, um possesso foi libertado; (Mc 1:21–26)
um certo endemoninhado epilético foi curado; (Lc 9:37–43)
uma determinada mulher encurvada há 18 anos, por causa de um Espírito que a tornava enferma, teve a saúde restabelecida; (Lc 13:10–13)
uma entidade que se sentia muda e provocava a mudez em sofrido homem foi afastada. (Lc 11:14)

Os Espíritos obsessores, sendo as almas dos seres humanos que estão maus ou perturbados, aguardam, para se libertar, a melodia produzida pela cítara do nosso coração em exemplos de indulgência e solidariedade que dos seus sentimentos negativos desatam-nos, favorecendo outras uniões de afeto e respeito fraternais!

Em verdade vos digo: tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu. (Mt 18:18) Mas, que tudo seja verdadeiro e sincero. Nenhuma palavra vazia, nenhum ritual ou elemento materialista afastam os adversários do bem!

Em o *Novo testamento*, no livro *Atos dos apóstolos*, Lucas, exemplificando a ausência da verdade, narra o triste episódio dos filhos de Sceva, exorcistas profissionais e itinerantes. O Espírito perverso que não lhes reconheceu a autoridade, porque usaram apenas as palavras e não a força dos exemplos no campo da caridade, avançou sobre eles, por meio do possesso pelo qual se manifestava, maltratando-os, desnudando-os e ferindo-os! (At 19:13–16) Ao espiritismo compete revelar aos homens a verdade, para que, cômicos da imortalidade da alma, renovem-se evitando as quedas morais, produzindo a benemerência. Quando os seres humanos estiverem renovados pelo Cristo ou por atitudes éticas análogas, obsessores e obsidiados desaparecerão da Terra porque a humanidade estará renovada.

— • —

Este livro tem o singelo intento de abrir uma janela para a vida do infinito, através da qual seja possível observar uma cena, dentre muitas, em que as criaturas humanas, pós-morte, continuam presas aos amores tormentosos e aos ódios cultivados no planeta. Tem também o desejo de informar aos que se sentem tomados pelas trevas que a misericórdia divina não abandona ninguém; e o de rememorar, ainda, aos estudantes das leis do infinito, os mecanismos da obsessão e da desobsessão!

Rogo antecipadamente escusas se julgardes este trabalho como demasiadamente forte ou aterrorizante em certos pontos. Mas trata-se da verdade com todas as suas faces, e com a verdade, no processo de educação espiritual em que todos estamos inseridos, não convém falsear!

Obsessão não é vocábulo suave nem história de fantasmas para divertir os estouvados! É a vida lecionando duramente a lei de causa e efeito aos alunos rebeldes do sublime educandário terrestre, ou provação aos que marcham construindo o porvir!

Não há, na história da humanidade, maior tratado sobre a origem das perseguições espirituais e como delas se libertar como o que Allan Kardec imprimiu conduzido pelo Espírito Verdade! Dissecai, portanto, irmãos, o capítulo XXIII de *O livro dos médiuns* e aprofundai vosso conhecimento nesse assunto!

A ciência do porvir, muito se desenvolverá quando conceber que a consciência sobrevive ao fenômeno morte, carregando consigo, para outra realidade da vida, suas virtudes, dores e frustrações, donde podem conchegar-se às consciências revestidas do corpo em busca de seus interesses mais ou menos elevados.



Os personagens de Valério foram construídos a partir de exemplos reais; os nomes são todos fictícios para que o mundo não identifique os que nos serviram como instrumento didático. Mas a narrativa é verdadeira, emocionante e dolorosamente real!

A vós, leitor amigo, espírita ou não, os nossos melhores votos de uma proveitosa leitura, rogando-vos piedade aos que se desviaram do caminho!

Ouvi, mudai o rumo de vossa vida, andai com o Cristo, erguei vossas mãos devotando-as à beneficência e sabeis:

Acima de qualquer Espírito perseguidor, está a lei divina. As perturbações, físicas ou espirituais, representam a determinação da vida à maturidade, à reparação dos nossos equívocos, ao aprendizado e ao progresso.

Um dia a humanidade aprenderá sem que o sofrimento seja o principal educador.

Antes do poder aparente das sombras estão os mensageiros de Deus incentivando a bondade e sustentando os mansos e pacíficos. (Mt 5:4,9)

Um cristão na arena dos testemunhos, ainda que em severas expiações, ou em necessárias provas, ergue a frente e entrega o seu Espírito ao Criador, seguindo sempre!

Cristãos espíritas, Tomai a vossa harpa!

Preparai as vossas mãos!

Ungi a vossa alma com a verdade!

Tomai o evangelho por divina peça e tocai!

Que a vossa melodia reerga os caídos, que o vosso canto sustente os sofredores, que o vosso ritmo construa a esperança, que a vossa harmonia produza a paz, que as vossas vibrações acalentem os desesperados, que o vosso compasso estimule ao trabalho e que as vossas notas alcancem irmãos desajustados nos dois lados da vida, concitando-os ao recomeço.

Nenhuma obsessão resiste a esses acordes. Eles representam o som do amor divino ecoando em todos nós, registrado pelo Mestre querido, o maestro por excelência, nas partituras fulgentes do evangelho que, ressoando há dois mil anos, numa sinfonia de luz, solicita-nos com doçura: Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizei os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam. (Lc 6:27)

E quando fatigados, na justa por vos melhorar a cada dia, aplicando a Boa-Nova, escutai o sublime convite do Mestre e segui confiantes: Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados que eu vos aliviarei. (Mt 11:28) NORA^[2]

PERSONAGENS

ADVOGADOS não nomeados pela autora; aparecem no capítulo 19

AGENOR obsessor preposto de Lourenço Ventura

ÁLVARO instrutor espiritual responsável por socorrer a família Alicante

BERNARDO FEITOSA superior de Lourenço Ventura

CAFETÃO não nomeado; companheiro da meretriz

CASIMIRA empregada dos Alicante; heroína da história

CATARINA esposa de Valério; mãe de Murilo

CÍCERO obsessor “especializado” em obsessão durante a velhice de suas vítimas; Espírito fascinador

CLÁUDIO obsessor “especializado” em obsessão durante a infância de suas vítimas

DANTE um dos personagens principais da trama;

não identificado para não antecipar a história

ENTIDADE DAS TREVAS não nomeada pela autora; responsável por convidar Olavo para agir na casa de Valério

FILHOS DE CASIMIRA não nomeados pela autora; estão na adolescência; sofrerão perseguição espiritual

GUIA DE CASIMIRA não nomeado pela autora

INFORMANTE I não nomeado pela autora; responsável por levar para Agenor informações de Lourenço sobre a família Alicante

INFORMANTE II não nomeado pela autora; informou Lourenço sobre a conversão de Maria

INFORMANTE III não nomeado pela autora; vai avisar Ventura sobre o levante de Salvius

JUDITE mãe de Valério

LAÉRCIO SOUZA amante de Catarina

LOURENÇO VENTURA obsessor-chefe; um dos personagens principais da obra

MARCUS AUGUSTO obsessor a ser socorrido; um dos gladiadores

MARIA amante de Lourenço Ventura

MÉDICO não nomeado pela autora

MÉDICOS não nomeados pela autora; aparecem no capítulo 19

MENELAU líder de uma seita fanática; chefe de uma quadrilha

MERETRIZ não nomeada; mãe de Dante

MOTORISTA E MOTOCICLISTAS não nomeados pela autora

MURILO filho de Valério

OLAVO obsessor a ser socorrido; um dos gladiadores

OSÓRIO obsessor “especializado” em perseguir médiuns

PRELETOR DO CENTRO

ESPÍRITA não nomeado pela autora; aparece como modelo de colaborador

PROTETOR DE DANTE não nomeado pela autora

PROTETOR DE VALÉRIO não nomeado pela autora

REGINA esposa de Virgílio Alicante

SALVIUS revolucionário

TAMIRES esposa oficial de Lourenço Ventura

VALÉRIO filho de Judite; marido de Catarina; pai de Murilo; um dos personagens centrais da trama

VIRGÍLIO patriarca da família Alicante

VOVÓ EMÍLIA não identificada para não antecipar a história

UM

Gladiadores do além

Em esferas maiores, Espíritos bondosos cumpriam desígnios divinos. Aqui, projetos de futuros centros espíritas; ali, problemas e dificuldades de respeitáveis casas eram cuidadosamente discutidos; mais adiante, orações, provenientes dos círculos terrestres, recebiam criteriosa avaliação. Tudo respirava trabalho e devotamento, luz e misericórdia; seriedade e amor irradiavam dos corações beneméritos. Enfim, uma verdadeira academia consagrada ao estudo e à prática do cristianismo; não havia espaço para o ócio, todos laboravam executando as ordens de Jesus.

Nesse clima de sublimes tarefas, um pequeno grupo conversava intimamente, demonstrando nas palavras sinceras preocupações.

Álvaro, instrutor dedicado e com respeitáveis conquistas morais, alertava aos companheiros: — Caros amigos, diante do trabalho que se nos apresenta, da oportunidade sublime de serviço cristão, precisamos agir. Temos sob nossa responsabilidade o caso de Olavo. Lamentavelmente ainda se encontra em densas regiões sofredoras. Guarda n'alma perversidade e desejo ardente de vingança.

Estamos preparando pequena excursão a fim de prestarmos socorro; sabemos que nosso assistido permanece ligado a Marcus Augusto por laços intensos. Ambos rolam, atracados, pelos charcos em que se encontram nos círculos inferiores. Foram arrastados para lá pelos sentimentos que cultivaram durante a vida terrena.

Assim, é forçoso desçamos às zonas sombrias, socorrendo-os e orientando-os, na tentativa de que ambos possam renascer na Terra, embora saibamos das reais dificuldades de arrependimento. É preciso, caros irmãos, mobilizarmos equipe socorrista para fazer cumprir as leis divinas.

— • —

Finalizada a breve explicação, os cooperadores do amor uniram-se em sincera e comovente oração, atingindo, com os pensamentos iluminados,

planos ainda maiores, preparando-se para mergulharem nas regiões infelizes em busca dos companheiros desviados.

— • —

Nos campos sofredores, porém, o ambiente era outro. Um vento gélido sibilava, imprimindo na atmosfera espiritual um aspecto lúgubre e terrível. A paisagem rude e agreste denotava os pensamentos enfermos daqueles que sofriam a catarse da própria consciência.

A noite densa e fria fora rasgada pelas entidades espirituais superiores que, vencendo as vibrações difíceis, colocaram-se à disposição para executarem, nas regiões das trevas, os planos divinos, espantando as sombras, engendrando a luz.

Nada trabalhava, tudo era inércia e reclamação, dor e revolta, risos tresloucados e lágrimas, desespero e amargura.

Os benfeitores espirituais liderados por Álvaro carregavam o desejo sincero de ajudar, iniciando a peregrinação.

— *Onde estariam Olavo e Marcus Augusto?* perguntou um dos auxiliares. *Seria possível localizá-los em território tão extenso?*

O respeitável coordenador esclareceu: — Nestas paragens, onde o sofrimento grassa, vários dos nossos funcionam à maneira de guias iluminados, lanternas abençoadas que monitoram os corações endurecidos. Seguindo as coordenadas dos geógrafos desta região, encontraremos nossos pupilos logo.

A equipe, composta de dez tarefeiros capacitados para o mister, deixava-se notar discretamente, a fim de darem demonstrações de que a misericórdia divina jamais abandona os necessitados. Alguns sofredores corriam espantadiços, outros vacilavam no pedido de ajuda, inúmeros proferiam palavras menos edificantes. Álvaro, compadecido, fez pequena exposição conclamando-os ao recomeço, mas os habitantes do estranho vale calaram-se, temerosos, o que levou os benfeitores a seguirem caminho sem olhar para trás. Naquela missão, não poderiam ocupar-se com almas indecisas. Não faltaram, ainda, os acusadores, os caluniadores, os incrivelmente

enfermos. Com efeito, os benfeitores marchavam imperturbáveis, qual pequena tropa dedicada à luz.

Após algumas horas de difícil caminhada, depararam-se com estranha construção. Notava-se grotesco edifício, uma cópia mal feita do Coliseu, em proporções muito menores, numa arquitetura ridícula de aspecto crasso.

De longe, podiam-se ouvir os urros frenéticos da turba. Seria possível? Loucos revivendo o circo romano?!

O mentor responsável pela caravana incutiu nas palavras calma e fraternidade, solicitando aos companheiros confiança, orientando-os para que não se deixassem perceber pelas almas violentas, a fim de alcançarem êxito nas tarefas. Oraram silenciosamente, adentrando o teatro, lacônicos.

Centenas de Espíritos lotavam as arquibancadas proferindo improperios, incitando a malta à violência, agredindo-se mutuamente.

No palco, dois homens quais antigos gladiadores romanos, de aspecto agressivo e repugnante, eram os responsáveis pelo surto de insanidade que se processava naquele antro.

A mole dividia-se, organizando torcidas para o espetáculo bestial.

Tudo vibrava raiva e intolerância. Diante dos gritos febris da multidão em delírio, os dois lutadores iniciaram o culto à atrocidade. Lutavam de maneira feroz, assemelhavam-se a verdadeiros animais.

Envolvidos magneticamente pela turba desvairada, os dois legionários deixaram-se entorpecer pelos gritos em uníssono: — Lutem! lutem! lutem!

Mergulhados nessas vibrações, os protagonistas da barbárie rolavam no solo, “alegrando” a plebe enlouquecida.

Quando um dos infelizes lutadores caiu quase sem forças, a multidão levantou-se, gritando, aplaudindo a vitória daquele que se mantivera em pé.

Os combatentes eram Olavo e Marcus Augusto. O primeiro, caído, sofrendo, ouvia do adversário: — Levante-se, quero mostrar quem é o melhor! Estamos acertando nossas contas, o atormentarei por toda a vida. Não sei por quais razões fomos atraídos para este inferno, desconheço as leis que nos aprisionaram neste vale imundo, enquanto permanecer aqui, o perseguirei. Sua vida me pertence, sua alma é minha, sua desgraça me

interessa. Infeliz! pagará, tostão por tostão, tudo o que me fez. Ainda que fiquemos neste vale fétido por mil anos, o torturarei dia e noite. Você não mais se pertence. Agora, levante-se! Covarde, assuma a posição de homem! Vamos, onde a sua coragem?

Olavo, no entanto, não dispunha de mais forças. Permanecia exaurido, mantendo a lucidez somente para remoer aquelas palavras. E, porque estivesse sob intenso poder magnético das entidades maléficas, perdeu, por fim, o raciocínio, caindo num sono torpe.

Diante disso, a malta perturbada invadiu o sinistro teatro, carregando nos ombros Marcus Augusto; pequena tiara fora improvisada, simbolizando de maneira crassa os louros da tradição greco-romana, coroando a frente do vencedor.

Aos poucos, o edifício ficara vazio. Terminado o festival da selvageria, os benfeitores aproximaram-se do agredido.

O mentor, compadecido, ajoelhou-se, estendeu as mãos caridosas sobre o pobre, pronunciando esta oração: — Deus!

Eis que nos encontramos em círculos de sofrimentos, onde a violência grassa e a dor demora.

Faze com que, diante das dificuldades humanas, a Tua luz brilhe de maneira intensa.

Se não for a Tua bondade, quando estas almas despertarão? Quando retomarão o caminho de volta? Quando sentirão o amor verdadeiro? Eis que Te pedimos por estes sofredores, ajuda-nos a ajudá-los em Teu nome.

A prece gerou certa iluminação, o que levou Olavo a um leve despertar. Álvaro, acolhendo o desafortunado ternamente, pronunciava doces palavras.

O infeliz, ao reconhecer as suaves energias, ao identificar os emissários da luz, começou a gritar, repelindo a assistência:

— *Afastem-se, não desejo piedade! Deixem-nos entregues à própria sorte. Respeitem meu ódio. Suas propostas de renovação não me interessam. Afastem-se!*

O atormentado pronunciava essas palavras mecanicamente. Não conseguia fixar os benfeitores que o envolviam em vibrações dulcificantes.

Eu não quero a transformação moral, deixem-me em paz! Quero retaliação, não consigo vibrar em outra faixa, a beligerância me consome diariamente.

Calem-se! Nada das lembranças do Nazareno, nós já estamos cansados das palestras improdutivas que periodicamente somos constrangidos a ouvir e suportar. Julgam-me sem forças, incapacitado, humilhado, não é? Nada disso! Brevemente estarei restabelecido, pronto para espreitar Augusto com toda a minha ira.

Acredito que cada um de nós não pertence mais a si mesmo, nossas vidas estão entrelaçadas, intimamente unidas pela odiosidade que nos consome, corrompe e que nos ata neste estranho vale de sombras e sofrimentos. Nos consumiremos, toda a nossa atenção está a favor da violência. Quero igualmente destruí-lo, e nada do que partir de vocês me convencerá. Portanto, afastem-se!

Eis que nesse momento o desditoso levantou-se de chofre e, correndo, desapareceu nas sombras. O silêncio fez-se. O instrutor, sem desanimar, convidou a equipe ao recolhimento absoluto.

Agora, naquele campo sombrio, ouvia-se apenas o sussurrar do vento. As forças eólicas traziam de longe gritos e gemidos. Vez por outra, entidades enfermas varavam a escuridão, urrando quais feras aprisionadas em sinistro cárcere. Poucos colocavam-se à disposição para se autoanalisar e solicitar socorro espiritual.

Horas depois, o mesmo teatro, palco vivo da tragédia de Marcus Augusto e Olavo, era preenchido novamente. Espíritos excêntricos, ensimesmados, temíveis, ocupavam as primeiras fileiras conspirando: — Temos de agilizar a próxima manifestação, este é um verdadeiro templo edificado à violência. Lourenço Ventura, o grande administrador deste vale, logo nos visitará. Dizem que é responsável por inúmeros casos de obsessão e que este sítio está sob seu domínio; multidões dos seus soldados,

verdadeiros capangas, estão espalhadas por aqui, vigiando e impedindo-nos de qualquer tentativa de libertação.

Os emissários do bem pouco têm conseguido nestes cárceres. Todos temem o grande Lourenço. Segundo a tradição romana, nos concede pão e circo; com isso evita as naturais rebeliões.

A conversação foi interrompida pelo intenso trânsito de centenas de Espíritos rebeldes que engrossavam as fileiras do anfiteatro.

Por essa hora, todos os lugares já estavam ocupados e ouviam-se nitidamente os gritos da multidão. Eram homens e mulheres que se perderam no mundo. Verdadeiramente escravos do desequilíbrio, utilizavam-se daqueles momentos como anestésicos, a fim de esquecer o sofrimento e as responsabilidades assumidas diante das leis divinas. Durante o tempo em que sorviam o vinho sinistro da belicosidade, não enfrentavam os dramas da própria consciência que os conclamava para a transformação moral.

Enquanto a turba de fanáticos gritava enlouquecida, um grupo de Espíritos adentrou o circo carregando nos braços o desventurado Olavo. No extremo oposto da arena, surgiu Marcus Augusto, ostentando pose de vencedor. Exibia-se para a plateia em delírio, rasgou os andrajos deixando à mostra o torso, ao mesmo tempo em que contraía o antebraço exibindo os bíceps, arrancando aplausos da multidão.

Olavo deixava-se conduzir, assumindo a postura de derrotado. Na alma, porém, ruminava o desejo de vingança.

Rufaram os tambores, sopraram as trombetas, os barítonos cantaram e o temido Lourenço Ventura invadiu o teatro ostentando fama e poder.

Todos os que estavam nas arquibancadas fizeram gesto de reverência. Assumindo posição de destaque, o recém-chegado saudou os presentes com a destra espalmada, dirigindo-se para a tribuna enquanto o povo o aplaudia em delírio.

Posicionando-se de maneira solene iniciou, com voz imperativa, este discurso: — Caros compatriotas!

Nossa reunião, nesta hora, representa a minha magnanimidade. Todos sabem que deste vale sofredor não há como escapar. Os que estão aqui permanecem em regime de prisão perpétua, e a única forma de se libertarem momentaneamente deste amplo calabouço é matriculando-se nas caravanas persecutórias. Muitos serão convidados e poderão assumir lugar de realce em nossas empresas.

Sabem da importância do trabalho que executo. Sou o ministro que decidirá sobre os destinos de todos aqueles que a providência divina me legou. Acima dos deuses de pedra que adoramos na antiguidade, existe uma grande inteligência que é enérgica e que descarrega toda a sua ira sobre os que desrespeitaram suas leis na Terra. E a mim coube a missão de reunir os falidos no mundo, aplicando-lhes o devido castigo. Se quiserem, seguindo a mitologia, podem me considerar como o próprio Satanás; a propósito: bem-vindos ao inferno! Este é o reino da barbárie, da belicosidade, do medo, da discórdia, da dor e do sofrimento; os que se ligarem a mim estarão protegidos contra o fantasma da reencarnação.

Temos recebido, continuou o malfeitor, assumindo uma fisionomia preocupada, de tempos em tempos, a visita dos emissários que se dizem do bem. Vários de nós temos sido convidados para esquecer as sombras e buscar a luz; devemos negar peremptoriamente, pois que desejam nos escravizar de novo na carne. Graças à minha grande autoridade, temos conseguido afugentá-los. Percebam como são fracos. Se fossem realmente os representantes de Deus, acabariam num minuto com este vale de escuridão. Por isso, temos a prova de que são almas enganadoras. A verdade está comigo, e aquele que não é a meu favor é contra mim, e não estou disposto a lidar com Espíritos fracos. Todos vocês estão sob nossos cuidados e muitos já estão sendo utilizados em inúmeros processos de perturbação espiritual. E nosso desejo é de convocá-los ao trabalho.

Estamos, por exemplo, precisando de alguém com alma espirituosa, a fim de empenhar-se num trabalho de possessão.

E da turba muitos se atropelavam dizendo: — Eu!

— Eu aqui!

— *Aqui!*

— *Estou à disposição!*

— *Eu quero ir!*

— *Por favor, senhor, ele não; eu é que tenho os requisitos...*

— *Calma, ordenou o embaixador da violência, é uma missão de grande importância, de severas responsabilidades. Por isso julgamos ser preciso uma seleção natural. Aqueles que se demonstrarem mais violentos, mais rebeldes, com um bom nível de inteligência serão naturalmente conclamados.*

E a turbamulta desordenadamente começou verdadeiro massacre, agredindo-se uns aos outros.

Lourenço comprazia-se com a cena ridícula.

— *Chega! gritou o tirano. Ouçam agora. Temos à nossa disposição dois bons candidatos. Queremos que lutem, demonstrando-nos suas reais capacidades. Os demais, desejosos em serem contratados para laborarem em nossas largas fileiras, deverão se inscrever para o grande desafio da arena, somente os vencedores serão escolhidos.*

Dirigindo o olhar para severo cooperador, anunciou em voz grave: Inicie!

Nesse instante, Olavo e Marcus Augusto, no cenário do desvario, atracaram-se novamente e, desta vez, Olavo lançou-se de maneira feroz, quase enlouquecida, golpeando várias vezes o adversário, conduzindo-o ao solo, tirando-lhe a lucidez.

A multidão delirava.

— *Isso é o que você merece! gritava Olavo. Cão maldito! de agora em diante, eu serei o vencedor. Eu é que tenho autoridade sobre você. Nossas vidas de fato estão entrelaçadas. Você nunca mais viverá em paz. Se Lourenço nos colocou nesta arena, é para me conferir a oportunidade de lhe derrotar. Agora estamos quites, minha ira me alimenta.*

E, agarrando o inimigo pela jugular, olhou para Lourenço que a tudo assistia prazerosamente, solicitando:

Poderei torturá-lo, senhor? Existem aqui calabouços ou regiões piores do que esta, para onde poderei banir e assistir a desgraça deste cão?

O administrador maldoso, sem nada responder, solicitou fossem os dois afastados imediatamente.

Durante esses tristes acontecimentos, os amigos espirituais permaneceram imperturbáveis aguardando o momento correto para agir.

A turba reclamava do fim da selvageria, retirando-se pouco a pouco.

Lourenço, sempre bajulado por Espíritos interesseiros, orientava-os num rumorejo: — Já fui informado sobre os Espíritos superiores, estão interessados em Olavo e Marcus. Não permitam que sejam levados, são instrumentos valiosos demais. Temos de continuar enganando esta multidão a respeito de Deus e desses Espíritos iluminados. Toda a nossa organização está edificada nesta mentira. Se acreditarem que o Criador é vingativo, conseguiremos retê-los junto a nós até o limite das leis divinas.

Já foram vistos focos de luz em torno de Olavo, e todos sabemos o que isso significa. Estabeleçam serviços capacitados para estimular a sanha destes dois infelizes, para rechaçar os convites dos Espíritos iluminados.

Lourenço arquitetava sinistro projeto. Como tirano daquela região, mantinha todos sob seu controle. Desejava alimentar a fama de perversidade; para isso, era necessário estimular a barbárie, aterrorizando a todos com suas ideias de um campo de sofrimento perpétuo cuja única saída era a reencarnação, que os “escravizaria”, ou a ajuda nos grupos de assédio espiritual, que lhes permitiria a convivência com os encarnados sob regime de maldosa tarefa.

Muitos enlouqueciam e, enfraquecidos, tornavam-se preciosos mecanismos na área das perseguições espirituais, sendo teleguiados pelos emissários de Lourenço.

Marcus Augusto e Olavo seriam as próximas conquistas, enriquecendo a legião de perseguidores.

Após tomar derradeiras providências para aquele caso, o magistrado perverso retirou-se, imponente.

Seus comparsas imediatos não perderam tempo, procuraram os respectivos gladiadores, executando as orientações do mandante.

Agenor, um dos prepostos do grande juiz, foi ao encontro de Marcus Augusto, seduzindo-o: — Meu caro, não desista, saiba que nosso chefe está apostando em você.

Poderá até mesmo ocupar digna posição junto a nós; para isso, bastará manter uma postura de rancor, cultivando a violência. Brevemente, você será contratado.

— *Contratado?* perguntou insano. *Não desejo nenhum contrato. Tenho um compromisso comigo mesmo e não quero ter superiores, não almejo entrar para nenhuma máfia, sou independente e guardo o meu próprio ideal, além de recusar ordens. Sou um livre-pensador, nunca professei nenhuma crença porque queria ter a liberdade de agir por mim mesmo, sem nenhuma proibição, e, se fui arrastado para este ambiente, não me filiarei a nenhuma escola e muito menos a caravanas e chefes.*

O adversário contra-argumentou dizendo:

— *Meu querido, esta não é uma atitude inteligente. Sabe que está numa prisão? E, à semelhança dos cárceres terrenos, se não há um respeito pela hierarquia, a convivência poderá ficar muito difícil. Logo começará a ser explorado pelos antigos moradores deste campo; Lourenço quer contar com sua colaboração. Só há um caminho! Não vê que nosso líder representa a porta de saída deste inferno? Há quanto tempo está aqui? Desconhece que poderá retornar à Terra? Pense bem, ligar-se aos homens pelas teias dos vícios, a vida lasciva, sensações de todos os matizes, a vida noturna...*

Marcus Augusto sentiu-se estimulado, nada mais lhe fascinava que a boemia. Diante das argumentações de Agenor, perguntou: — Como isso pode se dar?

— *Por que não se filia aos seguidores de Lourenço? Experimente e verá!*

— *E como ficaria Olavo? Não poderia abandoná-lo!*

— *Calma, respondeu o inimigo do amor, venha conosco uma noite, deixe seu desafeto para depois, terá tempo de programar novas investidas contra ele.*

Você precisará buscar forças para recomeçar sua batalha, valerá a pena, é preciso lhe alertar: Espíritos iluminados de tempos em tempos passam por aqui e tentam arrebatá-los muitos dos nossos.

— *Como assim?*

— *Eles são aprisionados e voltam para a Terra através da reencarnação. É isso que os emissários do bem desejam. Querem impedir nossos planos, escravizando-nos novamente na matéria. É necessário resistirmos. Seremos uma proteção para você. Faça uma carreira, seja respeitado, entre os grandes obsessores. Não perca tempo, do contrário terá de reencarnar; a escolha é sua.*

Marcus Augusto, reflexivo, resolveu ceder às argumentações falsas do pseudoamigo, deixando-se abraçar pela entidade perversa, desaparecendo, ambos, na escuridão.

Enquanto isso, Olavo recebia dos servos de Lourenço orientações semelhantes: — *É agora, Olavo! Você conseguiu sua vitória, aproveite e matricule-se em nossa obra. Você é um elemento vital, nosso grande chefe deseja tê-lo em nossa caravana. O que diz?*

— *Não estou preocupado com isso. Augusto é meu grande interesse, desejo unir-me em guerra junto a ele, maltratá-lo o quanto puder. Ele não terá escapatória!*

— *Sim, retrucou o inimigo, é necessário saber transitar neste ambiente! É preciso que estejamos ligados a certas organizações a fim de que a reencarnação não nos arrebate.*

— *Reencarnação? O que é isso?*

— *É a volta à carne para uma romaria sem fim. Temos de lutar contra ela para evitar a escravidão futura, dando um basta em certas leis que, segundo afirmam, são irrevogáveis. Somos os donos dos nossos próprios destinos e mais do que nunca é imperioso estejamos organizados. E fazer*

parte da equipe de Lourenço Ventura é, antes de qualquer coisa, um privilégio.

Seria oportuno que procurasse conhecer o trabalho para verificar as condições agradáveis em que são realizados.

Olavo, sentindo-se tocado, solicitou um período para refletir, no que foi atendido.

Minutos depois se encontrava em solitude, pensativo. Nesta hora de calma, instrutores espirituais dele aproximaram-se, tornando-se visíveis, falando-lhe carinhosamente nestes termos: — Olavo, meu filho, não atendeste nosso convite?

— *Não quero a presença de vocês! Afastem-se!*

— *A questão, meu amigo, não é de afastamento, é de necessidade espiritual.*

Tens caminhado por veredas espinhosas, enfrentas dias difíceis e, se continuares nesta luta inglória, um período de extrema amargura te espera.

Deus, continuou o benfeitor afável, *não criou o homem para vê-lo digladiando-se dessa maneira. Será que te perdeste completamente?*

Não vês nada além desta perseguição? Nunca te falaram sobre a lei de causa e efeito?

— *Não, nunca!* respondeu o perturbado, num rugido animalesco.

— *É conhecida também como lei do retorno. Foi estabelecida pelo Criador a fim de regularizar a vida moral das criaturas humanas. Didaticamente pode ser exposta desta maneira: tudo o que executamos com nosso livre-arbítrio retorna para nós, as atitudes boas ou más; os atos construtivos voltam qual suave perfume acalentando nossa alma, empurrando-nos cada vez mais para o progresso; os infelizes, porém, nos aprisionam numa masmorra moral na qual o grande juiz, nossa própria consciência, determina a reparação de nossas atitudes ante as leis universais.*

Assim, dias terríveis te aguardam. Enquanto não abandonares este desejo de perseguição, tua alma permanecerá atormentada.

Pensa nos dias felizes de tua existência, quando desfrutavas de sadia convivência familiar.

— *Convivência?* perguntou o assistido atônito. *Como estão meus familiares? Não consigo me recordar deles!*

— *Permanecem sentindo tua falta! Enquanto te dedicares a esta insensatez, eles dificilmente te sentirão em equilíbrio. Guardam angústia n'alma, porque as tuas vibrações saudosas, revestidas de fluidos perturbadores, os atingem quais dardos envenenados, fazendo com que os mais sensíveis registrem, no próprio corpo, alguns dos teus desequilíbrios, torturando-lhes a vida.*

Tua alma guarda graves desequilíbrios, e será necessário que haja, de tua parte, um grande desejo de renovação.

— *Ninguém muda de vida de uma hora para outra! Fazer o bem não está ao meu alcance, será preciso um grande acontecimento para me fazer abandonar os meus objetivos.*

Os amigos espirituais, verificando não ser possível continuar o diálogo, resolveram calar, respeitando o livre-arbítrio daquele que, infelizmente, despertaria pela amargura. Os instrutores da verdade lamentavam: — *Será preciso deixar a vida agir. A dor se converterá em grande educadora. Acompanhemos este caso, aguardando o momento exato para o devido socorro.*

— • • • —

DOIS

Sombra e luz

Agnor, o assistente direto de Ventura, com o devido consentimento, cruzava as fronteiras do vale, conduzindo o mais novo membro do grupo de adversários para uma pequena excursão.

Eis que horas depois, podia-se contar, entre os encarnados, qual nuvem, uma chusma de obsessores deleitando-se em grande festa.

Era carnaval, as almas encarnadas entregavam-se ao desvairamento, atraindo uma malta de Espíritos viciosos que sambavam, incrustados às criaturas lascivas.

Marcus Augusto, sentindo-se estimulado, ao mesmo tempo em que recordava os anos de libertinagem, entregou-se às bacanais, engrossando a turba de influenciação negativa.

A noite fora sufocada por atordoantes tambores até que o alvorecer suavizou o ambiente com ternos raios de sol.

Silenciaram os atabaques, pandeiros e tamborins. Quando tudo na via pública convidava ao repouso, a mais recente aquisição das trevas perguntou: — E agora? Por que parou? Quero continuar. Sinto-me vivo novamente.

— *Quer mais? Sabe que aqui nada é de graça, tudo tem preço.*

— *Qual o valor?*

— *O preço é o seu trabalho. Temos um caso em que precisamos de sua ajuda.*

E, imprimindo no semblante expressão sinistra, começou a relatar: — Temos uma família para destruir. Precisamos de alguém que tenha as condições que você apresenta, isto é, instinto de violência, grande magnetismo, cultivo de vícios, a fim de que nossos objetivos sejam alcançados. Você vai gostar!

— *Irei trabalhar com uma família?*

— *Sim, meu caro, uma detestável família. Algumas pessoas nos devem muito e pagarão com o próprio sofrimento, além de se converterem em*

nossos intérpretes no planeta. Lourenço não costuma ter misericórdia! Além disso, será uma grande oportunidade para que você dê demonstrações dos seus talentos.

— Eu quero, respondeu Augusto, mostre o caminho!

— • —

Minutos depois, a voz do cicerone ecoou: — Eis aqui a nossa casa! Há alguns anos, perderam dois importantes parentes, e, porque prosperam, graças à exploração de muitos dos nossos, quando encarnados, Lourenço deseja aniquilá-los.

— E o que tenho de fazer?

— Para este caso, em especial, temos de aguardar maiores esclarecimentos. O que podemos afirmar, de antemão, é que nosso ilustre líder deseja muito empenho de nossa parte. É preciso planejar tudo meticulosamente. Todas as nossas ações necessitam ser arquitetadas nos mínimos detalhes.

Um outro camarada nos dará as instruções. Aguardemos. Enquanto isso, façamos um breve reconhecimento.

A casa era ricamente mobiliada. Notava-se no exterior delicado e bem cuidado jardim. Lírios e orquídeas cuidadosamente desenvolvidos para dar aparência elegante à entrada da mansão. No interior da casa, em pequeno vergel, discreto banco ocupado por ensimesmada senhora.

O relógio soara dez horas matutinas. A casa mantinha pouca movimentação familiar, a não ser os vários funcionários. Foi nesse ínterim que grotesca entidade cruzou a soleira da porta principal, dirigindo-se ao tutor de Marcus, traçando as seguintes diretrizes:

— Nosso chefe manda que o processo aqui seja de possessão. Sim, pois que Lourenço julga que já é hora de acabar com eles. Todos os que estamos matriculados nesta escola seremos os vingadores. Importante não nos perdermos. Lourenço guarda ligações intensas com esta família.

— E quem será a vítima? perguntou o servo dedicado.

— O mecanismo será em cadeia, duas pessoas nos merecerão especial atenção. A primeira trata-se da senhora entristecida no jardim, a segunda é

o filho do casal proprietário desta residência.

Marcus Augusto estava impressionado. Não sabia da capacidade de influência dos Espíritos libertos do corpo. Ele, que ficara longo período imantado aos seus próprios pensamentos, não conseguia imaginar tamanha permissividade. Seu “instrutor”, verificando o assombro, esclareceu: Calma, meu amigo, as coisas não são tão simples assim. Nós temos limites, não podemos fazer tudo o que quisermos, mas fazemos de tudo para atingir o mais próximo possível nossos objetivos. Por exemplo, nossa influência sobre esta senhora está limitada a 70 %.

— *Por quê?! perguntou o aprendiz espantado, observando ao longe a senhora que, de algum modo, parecia-lhe familiar.*

— *Ela é dedicada a uma das várias igrejas cristãs, volta sua atenção para as orações sinceras, age apenas na teoria e, não conseguindo atuar no campo da caridade verdadeira, a falta de ação no bem a torna vulnerável, possibilitando-nos essa percentagem de influência.*

Segundo o programa, nossa atuação fará com que ela se perturbe mentalmente, até que seja internada como portadora de uma dessas doenças de nomes modernos, que indicam problemas mentais.

— *Isso é muito pouco, não acha?*

— *Sem dúvida, mas é o necessário, é o que nós precisamos para perturbar e atingir o casal, irritando-o e, finalmente, levando-o ao sentimento destruidor de culpa e remorso, quando ela finalmente se suicidar, rendendo-se às nossas influências. Tudo isso seguirá seu curso normal.*

— *E aí acabará o processo? interferiu o aluno visivelmente curioso.*

— *De jeito nenhum, estaremos apenas começando. Depois teremos como alvo o neto dela e filho deles. O menino tem apenas sete anos de idade. Esse, sim, é alguém que nitidamente nos concederá 100 % de ação. Sim, pois que é caprichoso, teimoso e vingativo. E, o mais importante, é alguém que, diante das atrocidades cometidas no passado, guarda vários inimigos espirituais.*

— *Se o menino dispõe de tantos adversários, por que permanece em relativa tranquilidade?* perguntou o novato.

— *Ah! isso é fácil de explicar: lembra que dissemos estar dentro de certos limites? Segundo a experiência de décadas de trabalho e as orientações de Lourenço, compreendemos que as leis que não podemos impedir entendem que a criatura humana somente enfrentará uma expiação ou uma prova, se tiver possibilidade de vencê-la. Nossa grande vantagem está em saber que, embora todos tenham condições de vitória, nem sempre querem, e assim abrem as portas para nós.*

Este Espírito velho, num corpo novo de criança, guarda débitos terríveis, todavia aqueles que o aprisionaram no mundo, através da reencarnação, garantem-lhe certo amparo. Mas está por pouco, segundo informações recebidas, eles deixarão o caminho livre para os adversários agirem, seguindo uma lei que eles chamam de causa e efeito. Nós, mesmo sem entendermos bem o funcionamento desse edito, o aproveitaremos. Enquanto a vida não nos autoriza a influenciação deste menino, vamos dando conta daquela senhora a fim de que nosso plano não fracasse. É necessário existir entre nós um perfeito entrosamento. Além disso, nos será atividade agradável conduzir esta casa à bancarrota.

Lourenço, continuou o servo, irritou-se com o regime de exceção que esse Deus terrível legou a estas criaturas, daí a necessidade de vingarmos nosso chefe. Deveremos torturá-los!

Nesse momento, Marcus Augusto ficou completamente envolvido, desejando contribuir para o aniquilamento daquele lar. Também ele, naquela região de dor e sofrimento, não achava justo que alguém tivesse maiores privilégios. Mas, de algum modo, sentiu-se familiarizado com a casa sem saber o motivo.

Almejava, agora que sabia da capacidade de influência espiritual, participar, voltar aos prazeres da Terra e, iludido pelas promessas dos adversários, ambicionava papel relevante na organização.

Envolvidos pela funesta atividade, retiraram-se para continuar a expedição em outras propriedades da família.

No vale de sofrimento, Olavo era procurado por malvado Espírito.

A entidade das trevas encontrou-o cabisbaixo e choroso. Aproximando-se, envolveu-o dizendo:

— *Olavo, meu querido, já soube da última? Marcus Augusto acaba de ser contratado e assumirá, com o tempo, importante cargo!*

— *Mentira!* gritou o infeliz.

— *Verdade!* redarguiu o adversário. *Enquanto você fica perdendo tempo, o outro saiu na frente. Você precisa aproveitar as oportunidades que estamos lhe dando.*

— *Ele é quem foi vencido na arena, eu é que sou o vencedor.*

— *Lamento informar, não houve vitorioso, vocês estão empatados. Agora precisarão lutar em outro circo!*

— *Qual?*

— *No campo da influência! Você também poderá ser contratado por um dos nossos.*

Completamente enraivecido pela notícia do “progresso” de seu adversário, Olavo aceitou de súbito e, momentos depois, lá estavam na mesma casa dos Alicante, que Marcus Augusto visitara, sem que ambos soubessem um do outro.

— *Aqui será nosso campo de ação. Se você trabalhar corretamente, sem dúvida roubará o cargo de seu adversário. Está vendo? Temos esta idosa.*

E uma simpática mulher de cabelos alvos descansava em confortável poltrona. Olavo teve um lampejo de lucidez e pareceu rememorar a senhora, mas a lembrança prejudicada traiu-lhe, apagando a importante recordação.

— *Dois dos seus três filhos, informou cauteloso e preocupado, morreram há algum tempo e, agora, ela está presa na saudade; nossa tarefa será envolvê-la, levando-a ao suicídio, aproveitando este estado de melancolia.*

— *E como faremos isso?* perguntou Olavo, parecendo reconhecê-la de algum lugar.

— *Assim!*

E, aproximando-se da anciã, o Espírito pousou uma das mãos sobre o ombro dela, fazendo com que um choque fluídico causasse-lhe um leve arrepio; em seguida, olhando-a firmemente, começou a pensar nos tempos em que ele, o obsessor, sorvia na taça da embriaguez e, como que, de imediato, movida por força desconhecida, cedendo a tendências dormentes, a senhora levantou-se e dirigiu-se para pequeno móvel onde repousavam as bebidas alcoólicas, ingerindo uma grande dose de poderoso líquido destilado.

Olavo ficou impressionado. Não podia imaginar tamanha facilidade com que se poderia produzir interessante fenômeno.

— *É tão fácil?! perguntou admirado.*

— *Não se engane, meu amigo. Nem sempre conseguimos um aparelho com capacidades receptivas nítidas. Leis que desconhecemos limitam nossa ação. Só conseguimos envolvê-la porque se perde no abismo da depressão, brigando com Deus, entregando-se à revolta, negando-se a admitir a morte dos filhos. Isso a fez odiar a própria vida. Para nós, a capacidade de ação será de 70 %. Deste modo, conseguiremos levá-la ao alcoolismo, enlouquecendo-a; é um plano perfeito e certamente alcançaremos êxito.*

Com isso, Lourenço lhe concederá um lugar importante na organização. Você só precisará ter coragem.

— *Ah! isso não me falta. Se fui capaz de enfrentar aquele vale fétido, igualmente conseguirei vencer nesta missão. Estou animado! Gritaremos para esse Deus déspota: Também somos poderosos!*

— • —

No vale de sombras, Álvaro, o mentor espiritual, reuniu a equipe e diante dos novos acontecimentos concluiu:

— *Meus amigos, o trabalho segue o seu curso natural. Nossa tarefa foi de sementeira; enfrentamos este ambiente de aflição para tentar diminuir as dores daqueles que padecem em dificuldades; na evolução humana, o sofrimento funciona como admirável preceptor. Nossos assistidos se surpreenderão com a própria vida e, no auge da tormenta, despertarão, pois que o progresso é uma lei divina.*

Com efeito, rogaremos ao Senhor acompanhar este caso, esperançosos de acolhê-los quando despertarem.

Agora, continuou o mentor de maneira lúcida, é necessário deixarmos que a vida se encarregue; infelizmente, eles escolheram o caminho mais difícil. Todavia, a misericórdia divina nos permitirá o acompanhamento dos dramas que se desenvolverão, agravando provavelmente ainda mais a necessária reparação no porvir.

Por ora, nossa tarefa será apenas de observação, fizemos tudo ao nosso alcance. Quanto aos que permanecem encarnados, dentro dos limites em que Deus permite a influência de Lourenço Ventura, terão a oportunidade de testemunhar o bem, além de despertarem. São as leis universais permitindo o encontro de inimigos do passado em planos diferentes da vida, ensejando o perdão e o reajuste. Quanto ao desfecho desta história, somente o tempo poderá contar...

Antes que partissem, volumosa chusma de obsessores aproximou-se da veneranda entidade ameaçando-a assim: — Fora! Este reino é nosso! Vocês não conseguirão retirar ninguém daqui!

— *Nosso interesse é com a transformação moral*, apascentou o ministro. *O Senhor Deus é que nos concede a oportunidade do amor!*

E, porque os obsessores desejassem agredi-los, poderosas vibrações partiram do coração da entidade iluminada, fazendo com que todos se afastassem.

A sós com a equipe, no extenso terreno, uma mulher de transfigurada expressão aproximou-se implorando: — Bons amigos, chamam-me Maria e estou desejosa de sair deste local. Há anos estou aqui e agora minh'alma está cansada. Não aguento mais a solidão, a amargura. Lourenço colocou-me aqui, ameaçando-me, caso abandone a condição de serva das trevas.

Ele diz que familiares meus estão sob o seu controle e, ao menor indicativo de transformação moral de minha parte, ele os perseguirá. Eu não suporto mais tantas perseguições e influências, vícios e rancores. Chega!

Chorando, trazia as mãos à cabeça, alvoroçando os cabelos, em exaltação do desespero. Com voz entrecortada, continuou: Bons amigos... tenho acompanhado o trabalho que realizam nestas regiões... com que carinho recolhem os necessitados e a infinita paciência com que nos têm socorrido, retornando sempre, apesar da dureza de nossos corações. Devem ser realmente emissários de Deus, aquele Pai revelado pelo Cristo. Essa bondade verdadeira mostra-me a face do amor. Sinto-me tocada, envolvida, convidada à transformação.

Senhores, por misericórdia, bem sei que não sou possuidora de méritos verdadeiros, que meus erros do passado e minha dureza moral é que me encerram neste cárcere, estou disposta a mudar. Não sou mais capaz de continuar nos grupos de influência negativa, nos pensamentos iníquos que cultivo, desejo o progresso.

Mensageiros, piedade! lancem um olhar de luz para esta infeliz. Ajudem-me a socorrer os meus, pois do contrário ficarão sob o jugo de Lourenço! Piedade, piedade...

E lançando-se ao solo em charcos, de mãos súplices, clamando em lágrimas, sussurrou como numa prece: Perdão, Senhor! perdão!

Álvaro, sinceramente emocionado, igualmente ajoelhou-se, trouxe para as suas as mãos dela e levantando-se, ao mesmo tempo em que a reerguia, abraçou-a fortemente, dizendo-lhe: — Levanta-te, filha de Deus!

“Há mais alegria no céu por um pecador que se arrependa, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.” (Lc 15:7)

É verdade, a misericórdia divina está em toda a parte e hoje, pelos teus sentimentos, acionaste as leis espirituais que, em compreendendo as tuas tendências, limitações e fragilidades, permitem-nos ajudar-te na caminhada.

O mentor, perscrutando-lhe a alma, convocou: Levanta-te e conta com Deus! Conseguirás trabalho edificante até que estejas em condições de retomar o caminho do progresso. Tua presença entre nós converte-se em um sinal divino para a libertação de Lourenço e de centenas, quem sabe milhares, de outros!

Naquela hora, os benfeitores abraçaram-se mutuamente e, enquanto os adversários, de longe, bradavam palavras menos edificantes, Álvaro tomou o caminho de volta para as regiões superiores, de onde saíra.

O ambiente aos poucos se escurecia, não mais a doce e suave luz dos benfeitores; agora, sombras e sofrimento.

— • —

Em regiões mais densas e de difícil suportaçãõ fluídica, Lourenço Ventura congregava-se com seus comparsas tramando processos de influenciação. Diante de alguns servidores fieis e competentes, eis que o coordenador das sombras perguntou: — Como estão Marcus e Olavo?

— *Permanecem bem, senhor, respondeu um dos capangas. Não sonham, nem de longe, que fazem parte de uma trama diabólica. Todos riram e o informante continuou: Estão enlaçados um ao outro mentalmente e, para nós, serão valorosos instrumentos de perturbação espiritual, além de nos divertirem, quando descobrirem o nosso pequeno capricho. Mal sabem que, antes de virem para nossos domínios, antes de desencarnarem, já os esperávamos e ainda que os acompanhávamos, aumentando a rivalidade entre eles.*

— *Muito bem!* disse o malfeitor chefe, lançando no ambiente estrondosas gargalhadas, imprimindo medo até nos comparsas presentes. *Excelente! serão nossos bonecos! Tudo caminha perfeitamente de acordo com nossas expectativas. E quanto aos mensageiros?* inquiriu o malvado.

— *Já se foram, senhor.*

— *Isso é ótimo.*

— *Mas... levaram Maria consigo.*

— *Que Maria?* perguntou displicente.

— *A sua Maria.*

— *A minha?! Tem certeza?! inquiriu temeroso.*

— *Sim, senhor!*

— *Impossível, malditos! Ela, não! Mil vezes, não!*

Lourenço Ventura era um sujeito imponente, guardava a forma perispiritual de quase dois metros de altura. Corpo robusto, rosto triangular

com espessa barba escura afunilando-se sob os grossos lábios, numa desagradável ponta, cofiada todas as vezes que se sentia contrariado. Olhos sempre vivos emoldurados por veludas e longas sobrancelhas, além de longo e ebâneo cabelame que lhe carregavam o semblante, adquirindo severa fisionomia.

— • —

Andando de um lado para outro, trazia a mão esquerda comprimindo a testa numa atitude reflexiva, recusando-se a crer; seus olhos arregalados movimentavam-se rapidamente, desejando fulminar os benfeitores, ao mesmo tempo em que afagava a pera negra, arquitetando um plano de vingança.

— • —

— *Maldita!* trovejou o mandante irado. *Ela tem acesso a muitos dos meus planos, eu lhe confiei toda a minha vida!*

E, de peito ofegante, lançou palavras indecorosas no ambiente. Urrou qual fera cutilada.

Não posso crer! continuou insano.

E, cerrando os punhos, caiu ao solo, esmurrando-o, por várias vezes, qual criança caprichosa.

Quero Maria de volta! Tragam-na a qualquer preço!

— *Senhor, isso é impossível, não sabemos nem conseguimos penetrar nas cidades celestes. O senhor sabe, estamos confinados a este reino; nossas vibrações não nos autorizam cruzar, sequer, os portões dos núcleos de benemerência espiritual.*

— *Eu sei! Malditos, eu sei!*

E, trazendo o punho fechado junto à boca, mordicava os próprios dedos, num ataque de fúria.

Atingindo o ápice do surto de cólera, saiu para o átrio da grande casa onde se refugiara. Fitou o céu coberto de densas nuvens cor de chumbo, empurradas ligeiramente pelo vento, enquanto seus longos cabelos, à altura dos ombros, surfavam na ventania. Seus olhos adquiriram purpúrea cor, sua face transfigurara-se de asco pelos benfeitores e as cordas vocais vibraram,

interpretando os sentimentos do coração, automatizando a língua que pronunciara estas palavras: — Maria! isso não ficará assim! Minha vingança será para toda a imortalidade!

Sofrerá até a décima geração. Seus descendentes pagarão. Retornará, maldita, e me pedirá escusas de joelhos.

Juro: não a esquecerei! Se não soube valorizar o meu amor, se não soube me amar, aprenderá a me odiar. Guarde o meu recado, onde quer que esteja.

Verificando que a cena chamara demasiadamente a atenção dos subalternos, e porque não era homem dado a falar dos seus sentimentos, tratou de recompor-se perguntando: — Qual a nossa real situação? Fora essa perda terrível, que mais nos aconteceu?

— *De resto, senhor, as coisas caminham muito bem. Estamos com cerca de 13 mil ocorrências de influência negativa sendo diretamente atendidas por nós.*

Temos todas as variantes da obsessão rigorosamente catalogadas, administradas e acompanhadas. Temos o quádruplo deste número de trabalhadores. Inúmeras empresas foram edificadas sob as suas ordens para coordenar esse processo. Todas as tarefas que nos delegou correm de maneira satisfatória. O único problema que encontramos se refere aos Espíritos da verdade que, periodicamente, atrapalham nosso serviço. De tempos em tempos, eles arrebatam muitos dos nossos, obrigando-nos a aliciar outras almas incautas.

— *Fora isso, tudo segue, rigorosamente, nosso planejamento, concluiu o adversário. Guardo certeza de que brevemente teremos um campo maior de ação; estendendo a conquista de novas regiões, demonstrando que esse Deus não é grande, que nós seremos os verdadeiros vitoriosos, dominaremos os incrédulos, imprudentes, descritos, sensuais, recepcionando aqueles que chegam do lado de cá sem o menor merecimento espiritual. Nossa organização segue de maneira perfeita.*

Os tolos mensageiros não ousam atacar nossa região, porquanto temos os nossos sinistros soldados. A vitória nos pertence.

Desejo um relatório bastante apurado sobre a família atendida pelos nossos adoráveis gladiadores. Naquela casa, teremos condições de executarmos os três aspectos básicos do envolvimento espiritual: a obsessão simples, a deliciosa fascinação e a agradável possessão. E desejamos que nossos mais recentes servidores possam se afinar com nosso processo de vingança, a fim de que nossas vítimas sintam na pele o terror de contrariar-me. Eu mesmo terei grande prazer de acompanhá-los e, quando nossa atuação estiver consumada, quero recepcioná-los pessoalmente, escravizando-os neste campo...

— • • • —

TRÊS

A família Alicante

A genitora era o responsável pelo processo de obsessão na casa dos Alicante, onde Marcus Augusto e Olavo iniciavam-se na técnica obsessiva.

Na residência ricamente ornamentada, Judite Alicante seria a primeira vítima; morava, agora, com o filho senhor Valério, sua esposa Catarina e o pequeno herdeiro Murilo.

A família mantinha problemas de convivência. O filho não conseguia suportar os azares contínuos da mãe e não compreendia o coração materno em sofrimento.

Dona Judite sentia-se cada vez menos querida, enquanto Catarina, a nora, não media esforços para deixar bem claro o quanto a senhora incomodava. Murilo, o menino, mantinha afinidades espirituais com a avó paterna.

Preparavam-se todos para o jantar quando o relógio soara vinte horas. Farta mesa fora colocada à disposição dos Alicante. Enquanto os empregados serviam os pratos, os convintes desfrutavam de conversa não muito animada: — Confesso estar sobejamente cansado, relatava Valério; mas, felizmente, as atividades na indústria andam muito bem!

Catarina, desenvolvendo as mais fúteis atividades, discorreu sobre o seu dia aproveitando para espetar a sogra que permanecia contristada, cansada de viver: — A senhora precisa reagir, não pode ficar presa ao passado. A vida deve continuar!

— *Ah! minha nora, você fala isso porque não passou pela dor de perder dois filhos. Minha vida não tem mais sentido. Tudo se foi com a morte dos meus adorados.*

— *Chega, mamãe! agora a senhora foi longe demais! Então, não representamos nada ao seu coração? Fala como se não existíssemos!*

E lançando firmemente o fino guardanapo sobre a mesa, o dono da casa levantou-se sem terminar a refeição, tumultuando o ambiente.

Catarina, visivelmente satisfeita, da mesma forma retirou-se, lançando para sogra um olhar desagradável, levando Murilo consigo, deixando dona Judite, solitária, derramando intermináveis lágrimas.

Os adversários presentes a tudo acompanhavam e, desejando agravar o problema, aproximaram-se da anciã, tecendo este projeto: — Marcus, meu caro, veja o que faremos: temos dois valorosos campos de ação, dois excelentes representantes, Judite e Catarina.

Aconchegando-se à senhorinha, falou-lhe estas palavras ao ouvido: Ela está rindo! Catarina deseja expulsá-la daqui; é preciso mostrar quem manda.

Ela já roubou o seu filho e agora deseja retirá-la desta casa, a qual você ajudou a construir. E você vai aceitar essa situação? Tola! É isso, está fazendo papel de tola. Nem para governanta você serve mais.

E, parando por alguns instantes, o obsessor ria, apontando de maneira jocosa para a sua primeira vítima, continuando logo em seguida: O que é isso, mulher? Você não tem orgulho próprio, onde a sua vaidade? Não vê que não respeitam os seus mais íntimos sofrimentos. É hora de dar um basta, de dizer boas verdades a esses que não são a sua família! Não podem ser, pois que lhe tratam com grande desrespeito. É preciso reconquistar seu espaço, esforçando-se para retomar sua autoridade...

Dona Judite notava-se diferente. Que pensamentos eram aqueles? Que coisas estranhas, que sentimentos esquisitos brotavam-lhe na mente? Sentindo-se humilhada, passou a refletir:

— *Que teria acontecido com a sua família? Que houve com Catarina que, de anjo de candura, transformou-se em semeadora da discórdia?*

De posse desses pensamentos, fez pequena e sincera prece, livrando-se momentaneamente da influência maléfica.

Os obsessores sentiram o corte da corrente mental.

— *O que houve?! perguntou Marcus Augusto espantado.*

Agenor, num leve e desajeitado sorriso, explicou, frustrado: — *Ah! meu amigo, isso é o poder da prece; ela aborta nossos mais elaborados projetos no campo da emissão de pensamentos negativos; acaba com nossas mais perversas ondas mentais, além de acender desagradável foco de luz em*

torno daquele que ora, impulsionando-o para ambientes espirituais fora de nosso campo de ação. E quando é feita com grande fervor e apoiada no merecimento ou na necessidade, cravada na vivência evangélica, atrai Espíritos poderosos com os quais não podemos lutar, e aí... é necessário aguardar próxima oportunidade.

Nesta casa, a visita de Espíritos superiores dificilmente ocorrerá, pois que dona Judite não tem obras no campo da benemerência moral e material, e suas preces conseguem conduzi-la a sintonias não muito elevadas, o que ocasiona pequenos curtos circuitos em nossa corrente mental negativa. Teremos apenas de aguardar que volte para nossa faixa de vibração, que tenha outra recaída; e à medida que acolhe nossos pensamentos, mais nos fortalecemos, sendo necessário que a prece seja cada vez mais potente, firmada no mais puro sentimento e engastada numa vida essencialmente cristã, e, para nossa satisfação, isso é muito difícil de se encontrar.

Adoramos aqueles casos em que as orações se transformam em rezas, meras repetições de palavras que nunca conseguem nos atingir, pela ausência de real sentimento e espiritualidade. Estamos nos primeiros processos de envolvimento, acreditamos poder agir também na subjugação, em que dominamos as vítimas moral e/ou fisicamente. Nos “apossamos” delas, envolvendo-as tal como num manto de fluidos negativos, e, quando alcançamos perfeita sintonia entre a nossa mente e a delas, assumimos, pela afinidade moral, o controle do mundo mental e emocional dos envolvidos; se as nossas energias harmonizarem-se com as deles, numa espécie de combinação química, cuja origem desconhecemos, igualmente nos apossamos dos controles motores do cérebro, que respondem automaticamente ao nosso comando. Com isso, neutralizamos, por assim dizer, a vontade do subjugado, que permanece perturbado, confuso e, portanto, fraco, sobrepondo à força a nossa vontade, uma vez que o dominado não terá condições físicas e mentais para reverter o processo de envolvimento.

Quando essa atuação chega ao ápice, tomamos posse dos controles mentais da vítima, atuando através dela tal como ventríloquos das sombras, como que nos sobrepomos, tal a perfeita sintonia, num saboroso processo maléfico e intermitente de possessão. Tudo isso, meu caro, que lhe falo na teoria, veremos na prática com esta família.

E verificando maiores condições de influenciação, acrescentou: Vejamos Catarina...

Dirigindo-se para espaçoso quarto, encontraram bela mulher preparando-se para o repouso.

Sentada diante de refinada penteadeira, envergando gracioso traje de seda, alisava os longos cabelos dourados. Fixava a própria imagem refletida em glamouroso espelho, pensando nos acontecimentos do jantar. Agenor aproximou-se, envolvendo-a em pensamentos inferiores, que encontravam perfeita ressonância junto à infeliz, que registrava de maneira instantânea as ondas mentais do adversário:

— Catarina, minha filha, não é possível que você tenha aceitado esta situação. Seu marido manipulado pela própria mãe! Esse será o exemplo que legará ao seu filho? Que tipo de mulher você é? É preciso expulsar aquela velha louca daqui!

A nora de Judite recebia as ondas de pensamentos inferiores, absorvendo-as de maneira automática. Imaginava que estivesse, ela mesma, pensando aquilo. Sentia-se, de fato, incomodada com a sogra. Achava que o esposo não era mais o mesmo, que constantemente se mostrava irritado com os ataques de choro e os periódicos processos de depressão que acometiam a mãe dele.

Recolhera-se aguardando o marido que, logo em seguida, mergulhara torpe no confortável colchão. Catarina olhou o esposo adormecido, pensou na própria vida e entregou-se a um sono agitado.

Minutos depois, Marcus Augusto, inexperiente, aproximou-se de Agenor perguntando admirado: — Estão dormindo?! E agora?!

— Aguardaremos...

— O quê?

— *Que eles venham para nossa esfera de ação.*

— *Como assim?* perguntou o novel obsessor.

— *Não sabe?! Ora, tão simples! Aprendemos com a experiência que, no momento do sono, o Espírito se afasta parcialmente do corpo, podendo ter vivências espirituais superiores ou inferiores conforme for o seu mundo moral.*

— *E, então, o que faremos?!*

— *Estamos aguardando que o fenômeno siga o seu curso natural e gradual, a fim de recepcioná-los do lado de cá.*

Foi, então, que os dois, atônitos, observaram cena muito curiosa.

Entidade discreta, serena e muito terna fez-se presente, irradiando doce luminosidade, impregnando o quarto de vibrações dulcificantes. O bom Espírito aproximou-se de Valério, ajudando-o no desligamento parcial. Dessa maneira, pôde-se notar o fenômeno do desdobramento. Sobre o corpo denso, via-se surgir um outro vaporoso, idêntico ao primeiro, que lentamente se desprendia.

Valério, ao identificar o amigo espiritual, sentiu-se confiante, retribuindo-lhe a destra, num respeitoso cumprimento.

Tratava-se de seu Espírito protetor que lhe viera receber no limiar do mundo espiritual.

Concomitantemente, notara-se a esposa, Catarina, igualmente se desdobrando. Todavia, estava envolvida em densos fluidos negativos e nenhuma entidade amiga dela se aproximara; apresentara ainda graves dificuldades para afastar-se parcialmente do organismo físico. Permanecendo ao lado dele como caprichosa criança, ruminando os pensamentos confusos que o subconsciente liberava num processo autômato do cérebro, revelando seu mundo físico e emocional.

Fora da percepção de Catarina, o benfeitor acompanhando Valério dirigiu-se para regiões mais tranquilas.

Marcus Augusto estupefato inquiriu:

— *O que vem a ser isto? Que estranho fenômeno é este? Por que um recebe luzes que desconheço e outro fica envolto em intensas energias*

opacas? Catarina até parece um de nós!

— *Meu querido, ainda tem muito que aprender*, respondeu o líder do empreendimento, num tom arrogante.

E aproximando-se do pupilo, envolveu-o levemente num semiabraço e, parecendo perverso estrategista, fez estas explicações: Veja, Valério guarda certos méritos espirituais. É proprietário de grande indústria que emprega centenas de pessoas. Além de ser honesto e dedicado. Embora não possua nenhuma religião, propriamente dita, preocupa-se com questões sociais edificando creches para os filhos dos operários, estendendo-lhes todo o tipo de benefícios que a constituição trabalhista vigente no país oferece, além disso, concede periodicamente parte de sua receita aos núcleos de benemerência. De comportamento explosivo, aparenta guardar no peito um coração tolo, bobo, e muito bondoso. Essas atitudes, enganando os emissários da luz, o impulsionam para planos maiores e atraem a atenção de Espíritos superiores que incentivam, por toda a parte, a benemerência. Lourenço pouco tem conseguido no campo da influenciação com este homem.

O que nos ajuda é que ele não se filiou a nenhum culto religioso, e, mesmo assim, ele poderá estragar nossos piores propósitos. Por isso, teremos de aproveitar as fraquezas morais de Catarina a fim de desequilibrá-lo e levá-los à perturbação.

E, desenlaçando-se do camarada, tirou do bolso as anotações, continuando animado: Veja o plano:

Catarina é muito fútil, está ligada a este homem como tentativa de se equilibrar, valorizando o casamento como mecanismo de espiritualização; bobagem!

Como lhe falamos anteriormente, o mecanismo de assédio deverá ser em cadeia, sem tréguas. Deveremos apenas estimular os seus impulsos para que efetue aquilo que há anos deseja, mas falta-lhe coragem.

Um dos sócios de Valério, Laércio Sousa, acolhe desequilibrada paixão por Catarina, e não nos custará auxiliá-lo nessas inclinações até efetivarem a traição.

Faremos com que sejam apanhados em flagrante por Valério e aí seremos praticamente vitoriosos.

Com a mãe louca, a mulher adúltera e o filho endemoninhado, o “pobrezinho” do Valério certamente não aguentará e, porque lhe faltam quaisquer orientações religiosas, é provável que o tolo coração não suporte. Deixemos para depois a execução desses planos, agora nos compete trabalharmos com dona Judite. Aproximemo-nos de Catarina!

O experiente adversário colocou no rosto um falso sorriso, chamou-a pelo nome e disselhe: *Minha filha, eis que somos os seus bons amigos, trazemos orientações para confortar o seu coração. Temos acompanhado os seus sofrimentos e o quanto a senhora, que você tem como sogra, lhe atormenta a alma. Podemos ajudá-la!*

— *Podem?* perguntou a infeliz, sorrindo de maneira ansiosa.

— *Claro que sim! Você simplesmente terá que convencer o seu esposo de que ela precisa ir para uma clínica de repouso, especializada em doentes mentais. Não há mais espaço para ela aqui.*

Repare, dona Judite roubou-lhe a liberdade, não tem arquitetado as ideias com a mesma lucidez de sempre e, além do mais, os desequilíbrios dela acabarão por prejudicar sua vida conjugal. Que casamento consegue suportar a presença de uma sogra louca?

Minha filha, você necessita lutar pelos seus direitos. Seremos os seus tutores. Terá em nós os amigos de que necessita, a fim de executar o plano que já arquitetou em sua mente. Porém, tenha cuidado! Seu marido, enganado por mentes menos preparadas, solicitará, de sua parte, paciência e dedicação; lembre-se: você casou com ele e não com ela, sua residência não é um asilo e você tem o direito de reaver a tranquilidade dos primeiros anos de casamento.

Catarina, estimulada pelos adversários, concedeu-lhes longo abraço com palavras de gratidão, julgando fossem seus verdadeiros amigos, deixando-se envolver por eles, fazendo longa excursão por regiões de fácil convivência, onde o vício e a sensualidade dominavam.

A esposa de Valério não oferecia campo mental para que seu Espírito protetor dela se aproximasse, por mais que a entidade amiga, responsável por ela nessa encarnação, desejasse, ela a rechaçava com vibrações menos felizes, entregando-se à própria sorte.

Assim, em esferas de paz, Valério recebia do protetor longas e prudentes orientações, prevenindo-o acerca dos acontecimentos futuros.

— *Valério, filho querido*, disse o protetor colocando nos lábios toda a ternura do coração, *não esqueceste de que, como qualquer pessoa, ocupas um lugar no mundo com objetivos bem definidos.*

Compreendes que a experiência da riqueza é uma das mais difíceis de se triunfar, uma vez que coloca o homem ao alcance de quase todas as realizações, a execução da maioria dos desejos, dos sonhos de consumo, da vida sensual, por isso nem sempre a criatura humana consegue vencer, complicando-se ainda mais junto à própria consciência. Verificamos que tens te dedicado à causa dos mais necessitados; é o teu coração bondoso, portanto, que nos permite esta ligação.

Sabe que teus débitos no passado, para com a humanidade, são grandes. Tu te envolveste com a má política nos anos idos; abusaste do poder prejudicando inúmeras pessoas que, agora, debes recompor com teu trabalho expiatório e, ao mesmo tempo, reparador. Parte da tua expiação, programada para esta experiência, de acordo com tuas reais condições para superá-la, constitui-se em suportar a hipocrisia da sociedade elitista, as críticas severas diante de teus empreendimentos sociais e obrigação de desenvolver disciplina de trabalho. Para esta existência, tua maior catarse será no campo moral, ao mesmo tempo em que receberás o retorno dos desequilíbrios que provocaste a outras criaturas humanas.

Muitos na Terra desconhecem o quanto a mente portadora de vastos recursos financeiros costuma ser atormentada. Temos acompanhado tua jornada de quase dezoito horas de trabalho na administração da indústria que Deus te permitiu gerir. Poucos reconhecem os teus momentos de angústia e o esforço que fazes para remunerar, de maneira justa, teus funcionários. Isso, isoladamente, não basta, terás ainda outras

reencarnações expiatórias e provativas, onde a pobreza conviverá contigo, a fim de que possas sentir as dificuldades que engendraste aos seres humanos com teu orgulho. Somos sabedores da tua disposição para recompor e isso muito nos alegra e favorecerá o teu progresso, melhorando tua condição no porvir, livrando-te da miséria e permitindo-te vencer a pobreza por meio do trabalho honesto.

Queremos dizer-te que dias muito difíceis te esperam. Na tua condição de Espírito desprendido parcialmente do corpo, podes recobrar certas capacidades espirituais e, uma delas, é acessar a própria consciência, atentando para deveres assumidos, e tu sabes que Lourenço Ventura deseja perseguir toda a tua família, que Judite provavelmente, pelo estado frágil em que se encontra, será a primeira, Catarina, a segunda e, em seguida, Murilo, com todas as dificuldades espirituais que o caracterizam; e tu deves compreender que terás de fazer um grande esforço para ajudar o teu menino e conduzir Catarina para o progresso, saldando teus débitos para com essas almas e libertando tua família.

A vida é assim, a Lei é imperiosa, ordenando a necessidade de ajudarmo-nos uns aos outros dentro de nossas possibilidades.

Sabes que assumiste este compromisso! E esperamos que possas cumpri-lo.

Meu filho, continuou a entidade ternamente, cuida de tua mãe, respeita o momento de dor em que ela se demora, tu não ignoras que teus irmãos, que se despediram da vida, sofrem escravizados, perambulado por esferas inferiores, utilizados pelos adversários do bem.

Vai, filho meu, brevemente a vida te ensinará a dádiva de conheceres o espiritismo, sorverás na taça da felicidade o vinho doce do consolador prometido; terás no mundo a lucidez necessária para entenderes muitas das coisas que agora se te figuram no campo da obscuridade, acerca dos valores e porquês da vida; o espiritismo para ti representará a misericórdia divina ensejando-te um aliado para o progresso; tua alma será mortalmente ferida, tua consciência ameaçada, duvidarás da própria sanidade; tudo isso será admirável oportunidade para exercitares as

virtudes cristãs, com as quais te comprometeste junto aos amigos superiores, antes de renasceres para esta nova existência.

Segue adiante, meu filho! Confiança em Deus! Devemos nos alegrar por todas as oportunidades que a providência divina nos concede para a autoiluminação. Quando retornares para o corpo físico, nossa conversa ficará apagada em tua consciência, mas registrada de maneira indelével em tua alma. Teu compromisso é com o próprio crescimento espiritual, por isso segue adiante sem medo!

O protetor aproximou-se com mais carinho do protegido, colocou suavemente os dois braços sobre os ombros do assistido, aconchegou-o fraternalmente para um demorado enlace de despedida, ciciando em seu ouvido: Coragem! coragem!

O tutelado, envolto pelas luzes do momento, sinceramente emocionado, perguntou ao protetor: — Meu bom amigo, sei das minhas dívidas, o quanto devo expiar e recompor sobre a Terra, mas tenho de confessar as minhas naturais fragilidades. Claro que parti de nossas esferas, após longos anos de sofrimento nos planos infelizes, para crescer espiritualmente; entretanto, diante do processo em andamento, temo não conseguir. Sinto-me naturalmente inclinado para o espiritualismo, no entanto confesso não encontrar tempo para me dedicar ao estudo das filosofias do espírito.

— *Não te preocupes, a vida te impulsionará naturalmente. A própria conjuntura de perseguição, que ora é encetada por teus inimigos, te colocará em contato com as religiões, até que chegues, definitivamente, ao espiritismo. Portanto, guarda bom ânimo, pois a vitória é do porvir!*

— • • • —

QUATRO

As lutas de Valério

No dia seguinte, ao despertar, de nada recordou; sua face foi marcada por expressão de tranquilidade e sincera alegria cuja procedência não sabia identificar. Trazia n'alma uma ternura especial e, sempre que pensava na progenitora, seu coração pulsava de maneira peculiar. Catarina acordou indisposta e irritada.

— *Bom dia, meu amor!* cumprimentou Valério, desejando cultivar afeto e carinho.

— *Não estou bem hoje, precisamos trocar este colchão, não aguento de tanta dor nas costas, isso é uma tortura. Providenciarei, hoje mesmo, a troca desta coisa horrível.*

— *Meu anjo, este é o quarto colchão que você troca no prazo de dois anos! O que está acontecendo?*

— *É sua mãe que me deixa louca!*

Não aguento mais! A presença dela me afronta, coloca você contra mim e, além disso, sua preferência por ela me irrita. E, de maneira áspera, continuou:

Não percebe que sua mãe precisa de atenção especializada, de um atendimento profissional?! Essa choradeira pelos filhos mortos há quase três anos tem me atormentado. Dentro em breve, eu é que ficarei deprimida. Você terá de escolher: ou eu ou ela!

E se demorar muito na escolha, eu é que escolherei, colocando esta velha para fora daqui.

— *Não faça isso!* advertiu o marido de maneira imperativa e preocupada.

Ela é minha mãe, e todo o conforto que hoje desfrutamos, em parte, devemos a ela; ou será que você esqueceu os anos de luta dela junto ao meu pai?!

Diante desta lúcida argumentação, Catarina calou-se e levantou-se para assumir a rotina diária. Rejeitando o desjejum, entregou o filho para a

doméstica, mergulhando nas futilidades que a caracterizavam.

Valério, à frente dos negócios, resolvia problemas administrativos quando Laércio Sousa, um dos sócios, apresentou-se para o serviço.

Após os cumprimentos e a demonstração dos relatórios de praxe, o partícipe dos lucros da indústria iniciou este diálogo: — Meu amigo, parece que você está diferente hoje!

— *Certamente*, confirmou o chefe, *tive uma daquelas excelentes noites em que parecemos sonhar com anjos.*

Mas... meu caro, continuou o industrial mudando o tom de voz, *isso não me livra dos problemas domésticos. Catarina está cada dia mais impossível, se irrita com muita facilidade com minha mãe, isso é tão contagiante que mesmo eu me surpreendi irritado com minha progenitora. Não sei o que fazer! Que estranha e surpreendente animosidade Catarina cultiva para com aquela que me deu a vida! Desconheço, confesso, qual caminho tomar.*

Enquanto Valério declinava sua rotina particular desabafando com o sócio, este tramava ocultamente, desejando aproximar-se da família Alicante com sombrias intenções.

— *Por que não me convida para um bom jantar, sabe que tenho jeito com estas coisas, além da experiência de três casamentos; em assuntos de nora e sogra, sou triplamente mais experiente que você e, depois, guardo especial admiração por Catarina, e quem sabe poderei ajudá-los?*

— *Ótima ideia! Vejamos minha agenda... na... próxima... segunda-feira às 21 horas?*

— *Perfeito.*

— • —

Na data marcada, todos os preparativos concorriam para a execução do jantar planejado por Valério.

Catarina estava completamente ansiosa por acolher o sócio do marido. Os melhores e mais refinados pratos foram preparados por experiente profissional da gastronomia.

Tinha dificuldades para controlar as emoções. Como iria encará-lo? Qual a melhor maneira de impressioná-lo? Teria coragem para declarar-se? Claro que não! Onde ficaria o seu orgulho? Ademais, seria correspondida? Tratou então de se conter, a fim de não demonstrar, ao marido, seu desejo exagerado de receber um dos sócios da indústria.

Eis que se vestiu elegantemente, arrumou com delicadeza os vastos fios da cor do ouro que lhe emolduravam o semblante, perfumou-se com fragrâncias raras e importadas, e desceu para acertar os detalhes.

Valério, com naturalidade, chegou do trabalho procurando relaxamento, envergando em seguida o traje mais simples e confortável de que dispunha.

O casal, cada um ao seu modo, aguardava o convidado, quando Catarina repreendeu o esposo severamente: — Não diga que vai receber o seu amigo nestes andrajos?

— *Que exagero! Qual o problema? Essas roupas são simples e não são velhas.*

— *Onde foi parar a sua elegância? Por acaso esqueceu-a no escritório?*

— *Meu bem! esclareceu o esposo, este é um jantar informal. Laércio é apenas um sócio meu, nada mais, e nem é um dos partícipes mais importantes!*

Eu o estou convidando na conta de amigo, e os amigos não devem se entregar às coisas mesquinhas. Você é que está exageradamente arrumada, não é uma festa de gala, é apenas um pequeno e discreto jantar e, além do mais, é provável que nos percamos nos assuntos rotineiros da indústria e nem reparemos nas roupas.

— *Você sabe, replicou ela indignada, como isso é importante para mim; eu gosto de receber bem as pessoas.*

Foi durante essa pequena discussão que se ouviu o tilintar da campainha e um dos empregados anunciou a chegada de Laércio Souza, interrompendo a contenda. Reompondo-se, dirigiram-se, ambos, à sala de visitas para recepcionar o convidado.

O conviva, visivelmente impressionado com a residência do sócio majoritário, não disfarçava seu espanto. Fora muito bem recebido pelo casal

Alicante. Catarina tinha o coração acelerado, enquanto Laércio experimentava sensação análoga.

Foi nesse período, entre a recepção e os abraços, que os adversários espirituais tramavam: — Eis aí a nossa oportunidade, disse Agenor. Não podemos desperdiçar o tempo! Temos de explorar todas as tendências inferiores deles.

Marcus Augusto, de certa forma, estava ansioso, completamente fascinado pela oportunidade de envolvimento espiritual; e desejando maiores informações inquiriu: — O que vamos fazer? Qual será o próximo passo?

— *Bem*, respondeu o chefe sorrindo ironicamente, *primeiro vamos jantar!*

— *Jantar? Como?!*

— *Não sabe?* perguntou Agenor lançando no ambiente estrondosa gargalhada. *Preste atenção.*

E aproximando-se de Laércio, permaneceu longo tempo junto dele, ligando-se com intensidade à sua mente. Após as conversações, o jantar foi servido. À medida que o glutão encarnado fartava-se, Agenor, o “comilão” desencarnado, unido a ele mentalmente, registrava as sensações orgânicas que eram impressas no cérebro de Laércio, do qual Agenor “sugava”, qual parasita das sombras.

Marcus Augusto, imitando-o surpreso, tentou ligar-se a Valério, que não lhe ofereceu a mesma receptividade que Laércio. Por sugestão de Agenor, Marcus atou-se a Catarina, que lhe concedeu perfeita união mental, permitindo-lhe experimentar as mesmas impressões de outrora, quando cultuava a gastronomia.

Fartaram-se largamente os convivas físicos e espirituais. Os adversários desligaram-se dos seus “médiums” gastronômicos, prosseguindo com estes planos: — Agora é hora de agir, não convém perdermos esta oportunidade! Temos de influenciá-los, hoje será nossa grande chance.

Aconchegando-se mais intensamente de Laércio, Agenor colocou uma das mãos sobre sua cabeça e começou a irradiar ideias menos edificantes

que encontraram ressonância na mente de Souza, desenvolvendo estes pensamentos: — Que casa extraordinária! Que padrão social! Maldito, como é que ele consegue? Deve nos roubar a todos e, além disso, o infeliz é casado com uma das mulheres mais belas que já vi! Tudo isso será meu, eu juro! Tenho certeza de que ela me quer!

Endereçando um olhar de cobiça por toda a casa, tramava planos de sedução.

Catarina, por sua vez, envolvida pelos adversários, de modo análogo tinha a mente dominada pelos Espíritos inferiores que lhe transmitiam estas ideias: — Que pessoa educada! Que homem! Não é como Valério! Muito melhor apessoado, bem vestido e elegante, valoriza as coisas boas e caras da vida! E como se veste!

— *Ah! se eu tivesse coragem...* suspirou a infeliz!

Enquanto tudo isso ocorria no âmbito mental, no plano físico a conversa corria sobre os mais variados assuntos. Valério não supunha que o sócio nutria por ele uma inveja incontrolável. Murilo desceu as escadarias, correndo e brincando, quando seu olhar cruzou com Laércio e, numa espécie de onda fluídica, o pequenino foi acometido por um torpor seguido de longo choro, fazendo com que a mãe tivesse de chamar os empregados a fim de calá-lo.

— *Ora, ora, comentava Agenor satisfeito, então os inimigos estão se encontrando! Quem diria que teríamos mais esta valorosa carta na manga.*

Marcus! gritou o obsessor. Anote isto: Murilo é adversário de Laércio, este é portador de um magnetismo envolvente e um olhar negativo; veja como o pequenino reagiu, observe como Laércio Souza desenvolveu uma antipatia instantânea pela criança; são as reações fluídicas capazes de desmascarar os Espíritos em qualquer parte, verdadeira carteira de identificação, e aqueles mais sensíveis poderão fazer uma leitura dos fluidos que nos envolvem, pois que imprimimos em nossa atmosfera fluídica aquilo que somos e pensamos, este é um dos recursos que usamos para conhecermos as nossas vítimas. O problema é que os amigos da luz também sabem desse mecanismo e o utilizam de forma mais ampla e profunda a

pretexto de nos reconhecer, arrancando nossos segredos mais íntimos e nos conduzindo à enganação do arrependimento para nos dominarem. Uma vez, continuou ele perturbado pelas lembranças, caí nas malhas deles, fui torturado e sugado para uma reunião de intercâmbio espiritual onde ouvi essa explicação, aprendendo empiricamente o processo. E agora, de maneira pálida, utilizo esses recursos em benefício dos nossos interesses.

Nesse ínterim, Laércio resolveu conversar com dona Judite para tentar, aos olhos do superior, confortá-la.

Este é o momento, disse o chefe das sombras, temos de fazer com que Laércio e Catarina fiquem sozinhos.

— *Como?* perguntou o aprendiz.

— *Preste atenção...*

Dirigindo-se para perto da mãe de Valério, estacou ao seu lado, estendeu as duas mãos sobre sua cabeça, fechou os olhos e parecia evocar forças que o acompanhante não conhecia.

Seu rosto tomara grotesca expressão, e dos dedos estendidos projetaram-se fluidos perniciosos, qual nuvem densa, envolvendo a vítima.

— • —

Dona Judite começou a perceber discreto mal-estar. O corpo espiritual, ou perispírito, que se liga molécula a molécula ao corpo de carne, capta os fluidos dos ambientes e transmite-os ao corpo material. Os fluidos bons causam sempre sensações agradáveis de bem-estar e harmonia, os fluidos negativos costumam desajustar, mais especialmente as áreas sensíveis do corpo biológico.

Na obra *A gênese*, cap. XIV, item 46, Allan Kardec ensina que para se libertar das doenças é preciso fortalecer o corpo. Para superar a obsessão é preciso fortificar a alma.

— • —

Inicialmente começou a suar frio, suas mãos ficaram trêmulas, o coração acelerou um pouco mais que o normal, seus olhos embaçaram-se e ela assumiu uma fisionomia angustiada e lívida repentinamente!

Valério depositou os talheres sobre a fina porcelana e instintivamente gritou: — Mamãe! mamãe!

Dona Judite deixava-se envolver pelos adversários, esquecendo-se do valioso recurso da prece.

Catarina, um tanto satisfeita, desejando demonstrar interesse disselhe rispidamente: — Vá socorrer sua mãe!

Valério levantou-se, amparando nos braços hercúleos a progenitora desfalecida, ordenando ao criado chamasse um médico.

Em poucos minutos, Laércio e Catarina estavam sozinhos na sala de jantar, a atuação de Agenor fora perfeita.

A esposa do respeitável industrial travou com o sócio enganador este maldoso diálogo: — Mais um ataque dessa velha louca, mais um dos seus achaques estragando nosso jantar.

— *Não vejo nela, ao menos nesta noite, um empecilho. Está vendo? Serviu para nos deixar sozinhos. Até que a sua sogra contribuiu para alguma coisa útil.*

Que bom, disse o sedutor imprimindo nos lábios um sinistro sorriso, reencontrar você depois de tantos anos! Quando a via junto de Valério nas grandes festas sociais, jamais imaginaria que aquela colegial que um dia namorei se transformasse na Sra. Alicante!

E aproveitando o momento, aproximou-se bruscamente de Catarina roubando-lhe as mãos, acrescentando: Diga que você nunca me esqueceu, confesse que foi sua ambição que preferiu Valério em vez do meu amor! Fale que sente o mesmo desejo que eu!

Para valorizar-se, manteve certa distância; depois, estimulada pelos adversários teve “coragem” de dizer: — Nunca o esqueci! Minha vida é uma tortura, não aguento mais este casamento! Estou enlouquecendo!

— *Então daremos um jeito! Precisamos nos encontrar, eis aqui o meu...*

E antes de o sedutor entregar-lhe o cartão, Valério desceu as escadarias interrompendo o diálogo, anunciando: — Laércio, meu amigo, infelizmente teremos de interromper nosso jantar, mamãe está carecendo de ajuda

médica e não poderemos conversar em tranquilidade, permita-me a liberdade de nos despedirmos nesta hora.

De maneira educada, Souza aquiesceu apressando-se em se despedir, apertou a mão do sócio desejando melhoras para sua mãe e, quando abraçou Catarina, colocou habilmente seu cartão nas costas do vestido, constrangendo e assustando a anfitriã por tamanha audácia.

Cerrada a porta, Catarina transfigurou-se, retirando dos pés as ricas sandálias, entregou-se a um ataque de fúria: — Você não percebe? Sua mãe está louca! Será possível, não consegue ver que ela representa um tormento em nossas vidas?

E a vergonha de hoje? Até quando terei de tolerar? Um convidado dessa importância e essa velha louca nem sabe se comportar à mesa! O que ele pensará de nós? Quando retornará? Eu não aguento mais!

Você tem que dar um jeito nisso! Não quero conviver com sua mãe, isso tudo é uma tortura.

Valério, de maneira firme e admirado, segurou as mãos da esposa tresloucada dizendo-lhe com lucidez: — Por que tanta preocupação com uma simples visita? Nosso convidado nem tem tanto valor, não é um dos nossos melhores amigos, muito menos um dos sócios mais importantes.

Diante da ponderação, Catarina levou um susto. Traída pela própria loucura? Mostrara de maneira violenta sua paixão oculta? Preocupada, recompôs-se dizendo: — Eu é que devo estar louca, sua mãe tem me deixado assim. Estou enlouquecendo, e você é o responsável.

— • —

O senhor Alicante estava dividido entre a preocupação com a mãe e o ataque da esposa. Retirando-se pensativo, procurou verificar o estado de saúde da progenitora.

Dona Judite estava prostrada. O corpo inerte na cama, enquanto o filho a envolvia em profunda ternura: — Mamãe! o que está acontecendo?

— *Não sei, meu querido!*

— *O médico nada encontrou!* disse o filho consternado. *Esse mal súbito, mamãe, não tem explicação; temo pela sua saúde mental!*

— *Ah! meu bem, desejo que você faça o que achar melhor, não me sinto disposta para continuarmos esta conversa, deixe-me dormir!*

Atendendo ao pedido materno, Valério retirou-se. Os adversários fortaleciam-se naquele clima de brigas e discórdias.

— *Estamos caminhando muito bem, afirmou Agenor, logo concluiremos nossa missão. Em pouco tempo, Judite estará internada, agora não podemos parar.*

E voltando-se para a enferma, aproveitou o momento de torpor, que prenunciava o desdobramento, e envolveu-a em seu intenso magnetismo. Valendo-se daquele instante em que o ser começa a se libertar parcialmente do corpo, guardando ainda pequena lucidez, ele fez-se notar, assumindo uma fisionomia assustadora, fazendo com que a avó de Murilo despertasse aos gritos: — Um assalto, socorro! socorro! gritava ela de olhos arregalados, revelando na expressão pânico e dor. Um ladrão! ladrões querem me raptar!

Gritando de maneira especialíssima, Judite chamou a atenção dos criados, que correram, dirigindo-se ao quarto da patroa, encontrando-a caída, agarrada às cobertas, trazendo a boca seca e o peito arfante.

Atraído pelo tumulto, Valério chegou ao palco dos acontecimentos, ajoelhou-se ao lado da mãe alucinada e, apavorado, sacudiu-a, chamando-a com insistência. Enquanto a matrona era chacoalhada, os inimigos da harmonia envolviam a mente de Judite fazendo com que ela projetasse no filho a imagem do obsessor, levando-a a agredi-lo: — Afaste-se, bandido! Malfeitor, largue-me, não mexa em nada que me pertence.

A cena era deprimente. Judite fora de si, quase em transe, urrava de maneira assustadora. Via-se aprisionada por malfeitores, na ânsia de libertar-se, agia qual selvagem, arregalando os olhos, tremendo o corpo e contorcendo-se.

Diante da algazarra, a nora fora atraída e, vendo a sogra no chão, em estado ridículo, agredindo o filho, não pode conter os risos. Aproximou-se do marido dizendo-lhe: — Chama a ambulância, lugar de louco é no hospício.

Diante disso, Valério gritou:

— *Por Deus, mulher, não complique a situação, o que você tem dentro do peito? Pedra?*

Ao ouvir a palavra Deus, Judite mentalmente apegou-se ao Pai eterno numa prece fervorosa, recuperando a lucidez.

Foi nessa hora em que, nos braços do filho, pode reconhecê-lo.

Agitada, olhando para vários pontos do quarto, como se quisesse identificar a presença de alguém, mãos crispadas no ombro de Valério, cabelos desarrumados e coração galopante, disselhe: — Meu filho, cuidado! assaltantes por toda a parte! Para onde foram?

— *Não há ninguém aqui, além de nós, mamãe!*

— *Não, meu filho! não!* insistia a senhora perturbada. *Você está errado.*

Ajudando a própria mãe a levantar-se, colocou-a de volta em confortável cama, aconchegando-a junto ao travesseiro ricamente ornamentado. Em seguida, dispensou os funcionários, afastou delicadamente a esposa e, sozinho com a progenitora, deitou-se ao lado dela, que exausta, repousava. Premido, entregou-se à reflexão:

— *Até quando mamãe? Catarina estará certa? Deus meu! se existes, por que fazes teus filhos sofrerem? Já não bastou teres levado meus irmãos?*

Perdido nessas reminiscências, Valério adormeceu afagando sua mãezinha.

Enquanto isso, no quarto do casal, Catarina queixava-se sobre a ausência do esposo, consumindo-se nestes pensamentos: — Definitivamente, não! Ele está me trocando por ela? Não teria vencido ainda o complexo de Édipo? Por Deus?! tenho a própria sogra como concorrente. Maldita! ela terá de morrer! Quero livrar-me desta velhota com urgência!

Ruminando os mais terríveis sentimentos adormeceu, perdida num emaranhado de fluidos negativos.

Contudo, Marcus Augusto e Agenor, os obsessores cruéis, valorizavam as horas para a continuação da intriga.

— *Repara, Marcus, disse o preceptor do mal, com que facilidade nosso plano é executado; em tempo, ela estará internada, o hospício lhe será o novo endereço. Todos os nossos esforços, toda a nossa atenção serão convergidos para os caprichos de Catarina que engendrará a demência da sogra.*

Entretanto, nos aposentos de Judite, Valério era visitado pelo protetor, que diante do quadro e da súplica do protegido envolveu a matriarca em agradáveis vibrações.

Era tanta ternura que os fluidos negativos que ora envolviam a delicada velhinha foram aos poucos sendo transformados, sob a atuação poderosa do benfeitor espiritual. O guardião de Judite também estava presente e cooperava, representando a misericórdia e o apoio divinos àqueles que peregrinam na Terra entre provas e expiações.

Os inimigos do bem notaram a intensa luz que se fez e Agenor, irritado, imediatamente reconheceu o que estava acontecendo, protestando com voz alterada: — Malditos! nada disso adiantará! Ouviram bem?! Nada! Ela está em nossas mãos, vocês não permanecerão o tempo todo à disposição dela, a loucura já se instalou em seu psiquismo.

E, gargalhando, retiraram-se concluindo: Os agentes causadores dessa demência somos nós! nós! nós...

No dia seguinte, a matrona acordou bem mais disposta e renovada, como se nada houvesse acontecido.

Dirigindo-se ao filho, perguntou-lhe o motivo de estar ao lado dela, no que obteve como resposta as seguintes palavras: — Saudades, mamãe, só isso!

Era a delicadeza filial evitando recordar cenas perturbadoras.

Guardando confiança em si mesma, ela assumiu as atividades domésticas de rotina, surpreendendo a todos.

— • —

Os dias correram...

Torturada, Catarina não esquecera o vexame que julgara ter passado junto ao sócio do marido. E desejando ceder às tentações, sob influência

dos adversários, marcou uma data com Laércio Souza.

Eis que no dia previamente marcado teve a consciência acusada: trairia o próprio esposo?!

Mas os inimigos da verdade estimulavam suas tendências, ciciando-lhe ao ouvido: — Ele a trocou pela própria mãe! É justo que seja feliz.

De posse dessas ondas mentais, Catarina foi ao encontro. Local distante e discreto, mesas elegantes e músicas lascivas envolviam os frequentadores do ambiente. Laércio esperava-a com ansiedade. Vendo sua diva penetrar o salão, dela aproximou-se, abraçando-a, inesperadamente pronunciando palavras amorosas, desejando convencê-la do seu sincero interesse.

— *Diga, meu amor, que iremos nos entregar um ao outro, diga que será minha companheira, que fugiremos...*

— *Nada disso!* interrompeu Catarina. *Teremos de ter calma, e planejarmos tudo cautelosamente.*

E arrastando-a para a parte superior do estabelecimento, entregaram-se aos desregramentos morais, consumando a traição. Finalmente, na sua loucura, sentia-se vingada.

Após algumas horas, a esposa do industrial e o amante tramavam contra Valério, assessorados pelos adversários do bem.

— *Vamos ficar juntos e planejarmos o afastamento de meu marido, assumindo os controles da indústria. O que acha?*

— *Isso é o ideal, mas como faremos?*

— *Ele poderá adoecer!*

— *Você teria coragem?!*

— *Claro que sim! Nunca ouviu falar das ciências ocultas?*

— *Malfeito?*

— *Claro! É um meio rápido, fácil e sem deixar vestígios. Ele simplesmente adoecerá, não precisaremos matá-lo, se afastará dos negócios e eu assumirei, e depois, quando tudo estiver no meu nome, peço a separação, restituindo simplesmente a parte que lhe cabe dos bens, permanecendo na presidência da indústria, até que, em nos casando, você assumo o lugar que lhe é de direito.*

— *Bárbaro!*

Os adversários pulavam quais crianças barulhentas. Agenor sorria de maneira mordaz, impedido de concluir as frases pelo excesso de riso: — *Ciências... ocultas! Ela não... sabe com o que vai... mexer! Se ela entrar nessa faixa, ficará mais vulnerável, se entregará para nós.*

Veja, Marcus, dizia Agenor com o peito inchado de orgulho, quando Lourenço Ventura souber disso, dará uma festa de três dias em nossa região.

Quanto a Catarina, estamos tranquilos, voltemos, portanto, a atenção para Judite e, em seguida, Murilo. O cerco começa a se fechar!

— • • • —

CINCO

Adversários em ação

De retorno aos círculos que os caracterizavam, procuravam por reforço a fim de acelerar o processo de demência da mãe de Valério. Ao lado de Marcus, Agenor esclarecia: — Temos de encontrar Cícero. Dizem que ele é um dos especialistas nessa área!

— *Por que não podemos por nós mesmos resolver o assunto?*

— *Até poderíamos, respondeu o guia das sombras, no entanto o processo seria mais demorado. Os camaradas dizem que ele é portador de densas energias, de um pensamento dominante e de um magnetismo de dar inveja a muitos hipnotizadores. Todo o caso que entregamos em suas mãos não resiste trinta dias. É especialista em obsidiar idosos!*

O ambiente era denso, paragens sombrias e penuriosas. Seu nome foi pronunciado pelos adversários. Logo, homem estranho de cenho fechado e corpo andrajoso apareceu inquirindo: — Quem deseja falar com o grande Cícero?

— *Sou Agenor, venho em nome de Lourenço Ventura!*

Ouvindo essas palavras, que soaram qual senha de aceitação, foram conduzidos à presença do sinistro obsessor.

Homem rústico, de semblante carregado e coração endurecido, diante dos recém-chegados trovejou: — Qual é o pedido do velho Ventura?

— *Sua intervenção, camarada, mais uma vez! Esse é um caso muito importante, do contrário não teríamos vindo; sabemos das suas atribuições e das responsabilidades assumidas. Nosso mestre nos contou dos seus excelentes préstimos nas organizações inferiores e da confiança que deposita na administração das inúmeras empresas sob os seus cuidados. Por isso, seu nome consta em nossa lista de emergência, caso algum imprevisto acontecesse. Assim, viemos até sua pessoa, mui respeitosamente. Trata-se da família Alicante.*

— *Não diga!* exclamou o adversário. *Já está na hora? Lourenço havia me solicitado, julgava, contudo, fosse o processo mais demorado!*

— *Já iniciamos uma atuação simples, caminhamos para a fascinação, entretanto os Espíritos da luz têm dificultado um pouco o nosso processo, e agora, com o seu concurso e experiência, condições magnéticas e hipnóticas, esperamos concluir a fascinação de Judite, conduzindo Murilo para a possessão. Gostaríamos que suas hostes fossem mobilizadas para a intervenção necessária.*

— *Estamos prontos para o cumprimento dos planos que Ventura nos determinou, fiquem tranquilos, faremos com que o processo encetado por vocês chegue ao auge.*

Agenor aproximou-se do experiente comparsa, comentando o resultado das atividades desenvolvidas até o momento. O adversário tomou das anotações e em seguida teceu detalhes para a medonha estratégia de perseguição.

— • —

Dias depois, um magote de Espíritos desequilibrados adentrou a casa dos Alicante, organizando-se de maneira imediata.

Cícero, com agilidade, encontrou Judite presa em pensamentos deprimentes e, ligando-se mentalmente, passou a envolvê-la em desagradáveis ondas mentais, abraçando-se a ela, estendendo como que uma capa fluídica sobre o corpo perispiritual da pobrezinha.

A anciã sentiu um frio glacial por toda a espinha. O inimigo do bem começou, então, a projetar cenas estranhas e a falar-lhe bem próximo ao ouvido fazendo com que a mãe de Valério começasse, sem perceber, expressar-se sozinha. Em poucos dias, Judite era surpreendida narrando coisas extravagantes, num solilóquio sem nexos e, quando questionada, não sabia explicar como e de onde aquelas palavras surgiam.

Cícero aparecia-lhe intermitentemente a fim de que a velhinha desenvolvesse uma mania de perseguição. Durante semanas, ela atormentou os familiares, de dia e de noite, dizendo-lhes que a casa estava sendo invadida, que a segurança precisava ser reforçada, que Valério deveria trabalhar com escolta, pois que matadores atentariam contra sua vida.

Olhos sempre arregalados, Judite queixava-se de um frio sem fim, envolvia-se nos mais densos tecidos. Atormentada, pegou instintivamente do terço, ajoelhou-se diante do altar construído especialmente para ela, na intimidade da residência, e fixando as várias imagens que ornamentavam o sacrário entregou-se a uma repetição de palavras. Cícero aproveitou o estado de semitransê a que conduzia a infeliz, notou que perispiritualmente mantinha alguns centímetros de expansão, percebeu que, mesmo sem ser médium ostensiva, ela lhe oferecia recursos que lhe permitiam percebê-lo. Aproveitando-se da sensibilidade natural da matrona, olhou-a fixamente, envolveu-a em pesados fluidos que neutralizaram os pensamentos da anciã. Aos poucos, pela íntima ligação mental que os atava, o malfeitor fazia surgir no cérebro dela uma imagem inusitada. Mentalizou-se como um lindo anjo, forjou asas cândidas e longas, esforçou-se para adotar uma expressão amigável, sentenciando: — Judite, minha filha!

Ela parecia estática e fascinada pela imagem que lhe invadia a mente, entrou em perfeita sintonia com o adversário que, explorando a sua psique perturbada, continuou: — Deus me enviou para lhe incumbir de uma grande missão. Os tempos são chegados e temos de converter os ímpios. Você foi escolhida para transformar o mundo, será missionária e a Mãe Santíssima a receberá, levando-a, pessoalmente, para os céus. Sua família se perde, esta casa precisa de orações; demônios tentam invadi-la e você deverá trazer a remissão para os seus parentes. Reza Judite, de dia e de noite. Evita procurar os templos, a eleita do Senhor não precisa das igrejas de barro. Doravante, este será seu templo, onde nos encontraremos sempre que necessário. Anda pela casa, espalha a notícia da visão e converte os pecadores a fim de que todos sejam salvos. Eu sou o anjo que falo em nome do Senhor, ouve a minha voz e cumpre a vontade do Pai!

Desligando-se de sua mente, Cícero chamou os comparsas que zombavam da cena, alertando-os: — Agora, camaradas, interrompeu o fascinador, temos de acordar o boneco.

E caminhando lentamente na direção da fascinada que permanecia com os olhos vidrados, o mentor do fascínio suspendeu as ondas magnéticas e

gritou-lhe o nome, fazendo-a acordar.

Desperta, porém em grande perturbação, Judite sentiu-se venturosa pela manifestação “divina” e passou a agir imediatamente: — Eu vi o anjo do Senhor, gritava ela; ele pede que os pecadores se convertam.

E por toda a casa, ela repetia essas palavras, iniciando uma estranha romaria pela residência.

Finalmente, a mãe de Valério estava perturbada. Apesar da insistência de Catarina, o filho relutava em internar a matriarca. Envolveu a genitora em maiores cuidados, fazendo com que médicos a visitassem, contratando uma enfermeira para a alucinada.

O obsessor atingira o objetivo; Valério sofria com a perturbação de Judite. Agenor e Marcus estavam realizados, esperando o desenrolar dos acontecimentos.

— • —

— Missão cumprida! Tenho outros compromissos. Murilo em breve absorverá os fluidos negativos do ambiente, os pais preocupados com a avó nem darão conta de que o filho também se perturbara, primeiro por um automatismo de quem já tem tendências para o desequilíbrio, depois porque desejará chamar a atenção; em seguida, pelos seus caprichos, sintonizará conosco.

Ele tem afinidade fluídica com muitos dos nossos, dispõe de bons recursos sensitivos, será um bom intérprete das sombras.

Agora, é com vocês! Tenho de tratar de outros assuntos de maior interesse para Lourenço Ventura. Qualquer imprevisto, sabem onde me encontrar!

Era Cícero, concluindo sua atuação junto aos Alicante, retornando para as zonas inferiores onde organizava várias empresas no âmbito da obsessão.

— • —

Os meses passaram céleres, agravando o estado de Judite, permitindo que Marcus Augusto estivesse experimentado na arte da obsessão. Era uma verdadeira escola da maldade, a ponto de Agenor confiar-lhe o “caso Murilo” como sua primeira experiência entre os “profissionais” das trevas.

O novel obsessor estava espantado. E, desejando subir na organização, deixou-se contaminar, ainda mais, pela maldade, tornando-se inimigo gratuito do pequeno herdeiro dos Alicante.

O chefe, contudo, deu-lhe estas orientações finais: — Meu querido, disselhe Agenor, envolvendo-o de maneira peculiar, não se impressione, o corpo é de uma criança, o Espírito, porém, é velho e perverso. Se soubesse que este menino fora um dos rebelados de Lourenço, um dos traidores de nossas hostes, um dos que perturbou interesses dos mais graves de nosso superior?! Aproveitemos a fragilidade física e o estado psicológico, imaginário da infância, propício para nossos interesses de possessão. Isso será um infortúnio para Valério.

Enquanto você assombra o menino, encetando nosso intento, eu cuidarei do episódio de traição em que Catarina está envolvida. A mãe lunática, o filho assombrado e a mulher adúltera, só lhe restará a morte para limpar-lhe a honra. Providenciaremos um escândalo público, para que Ventura possa recebê-lo de volta pelas portas do suicídio, que nos credenciará o pleno domínio sobre o infeliz.

— • —

Marcus Augusto, nem percebia o quanto se complicara e que, diante da lei de causa e efeito, todas aquelas atitudes, obrigatoriamente, seriam reparadas por eles mesmos.

— • —

Feitas as orientações finais, o pupilo de Agenor dedicou-se intensamente ao projeto. Envolveu o pequenino, ligando-se a ele magneticamente, despejando sobre a criança, sem a menor compaixão, fluidos negativos. O menino, sensível, logo reagiu enfermando.

— • —

Por comprometimentos do passado, Murilo teria a tarefa mediúnica, cuja afinidade fluídica lhe permitiria o contato com Espíritos daquela classe, isto é, os obsessores, a fim de socorrê-los; por isso, quando a sensibilidade natural lhe começou a desabrochar, os Espíritos amigos dele se afastaram, momentaneamente, dando espaço à lei que lhe impunha a necessidade de

suportar as tempestades morais que ele provocara em outras existências. Sua libertação estava intimamente ligada ao trabalho redentor no campo do bem e o conhecimento do Consolador; essas experiências serviriam para despertá-lo. Ao mesmo tempo em que expiava os erros pretéritos, acordaria para a autoiluminação.

— • —

Uma febre acompanhada de delírios acometera o infante. Marcus o acompanhara todo o período. Mostrava-se, explorando os sonhos infantis, com uma capa, fazia caretas e gestos a fim de assustá-lo. Fortes dores de cabeça atormentavam-no, eram as reações do corpo à grande carga fluídica impressa pelos Espíritos inimigos.

Os melhores profissionais foram chamados, os mais variados exames não lhe identificavam qualquer causa orgânica.

Catarina esforçava-se para representar o papel de mãe afetuosa, mas pensava insana em Laércio.

Valério, excessivamente preocupado, dividia-se entre os negócios e a enfermidade repentina do filho, bem como a demência da matrona.

Murilo passou noites inteiras chorando de dor. A mãe confiara o pequenino às empregadas, omitindo do marido, que acreditava estivesse Catarina cuidando de tudo.

O neto de Judite tinha sonhos horríveis, projetados pelo perseguidor, que o levava para outras regiões, a fim de assustá-lo. Do pouco que dormia, despertava aos gritos chamando pela mãe. Ela, contudo, recusava-se atender ao pedido comovente da auxiliar que lhe implorava a presença junto à criança.

— *Nada disso, Casimira, meu sono é sagrado. E depois, isso deve ser mais um dos caprichos dele. Valério é o grande culpado. Amanhã veremos o que fazer. Você é paga para isso, faça-o dormir.*

— • —

Casimira era criatura admirável, dedicada ao serviço, humilde e simples, guardava a convicção do espiritismo. Viúva e igualmente mãe, sofria resignada com a morte trágica de uma filha e, com efeito, teve compaixão

de Murilo. Médiunm devotada e com várias faculdades, colocou o coração espírita em exercício.

Pegou o menino no colo acalentando-o: — Calma, Murilinho, mamãe já vem! Casimira vai ficar com você! E abrindo a janela disselhe: Olha as estrelas!

E perdendo-se na imensidão, Murilo adormeceu. Foi, então, que Casimira, elevando o pensamento a Deus, fez esta oração: Deus criador, Pai de amor e misericórdia!

Todos estamos na Terra em busca do progresso. Compreendemos as necessidades de provas e expiações e somos sabedores de que cada qual renascerá no lar que merece e nas condições sociais ideais para o seu aprimoramento.

Lança, Senhor, Teu olhar de misericórdia e concede ao nosso Murilinho sair deste torpor que o envolve.

Permite que Teus mensageiros possam conduzi-lo a regiões superiores, amparando seu Espírito atormentado.

Igualmente compreendemos que muitos de nós, encarnados, podemos trazer conosco adversários espirituais de existências anteriores, por isso te rogamos: se esse for o caso do nosso menino, concede, por misericórdia, um alívio a fim de que ele possa se restabelecer e, fortalecido, enfrentar as expiações do caminho...

Casimira orava com tanto empenho que seu anjo da guarda dela aproximou-se acompanhado de seu guia mediúnico.

O protetor colocou a destra sobre a fronte da empregada que fisicamente repetiu o gesto junto a Murilo. Nesta hora, via-se sair da mente do Espírito amigo luzes que envolviam completamente a serviçal que, sentindo-se amparada de maneira nobre, aplicou na criança um passe, recheado de amor, como se fosse o seu próprio filho.

Aos poucos neutralizou a carga fluídica negativa que contaminara o herdeiro dos Alicante.

Augusto estacara diante da cena. O guia mediúnico de Casimira aproximou-se do perseguidor, enquanto a benfeitora encarnada pronunciava

as últimas palavras da prece comovente, e dirigiu-se a ele em palavras de carinho: — Marcus, irmão! que fizeste da própria vida? Por quais trilhas andaste, para que teu coração tenha se perdido num mundo de dor e trevas?

O novel obsessor, atônito, colocou a cabeça entre as mãos e com horror começou a gritar: — Afaste-se, sua luz me cega! Mensageiro da discórdia, seu Cristo é uma farsa!

Esse mundo de privilegiados que criaram toda uma carga de mentiras e enganos acerca da evolução espiritual. Não se pode alcançar o progresso com essas exigências abusivas do cristianismo.

Nada disso é verdadeiro, tudo isso corrompe o nosso raciocínio, todos estamos sendo enganados, somos obra do acaso, a providência divina não existe...

— *Basta!* disse o benfeitor enérgico. *Quem desejas enganar? Por que foges da verdade que vibra e pulsa em teu peito? Filho, retomou bondoso, ouve a voz que vem do alto, escuta a própria consciência que clama por livramento, sente o próprio coração que está cansado de lutas. Observa a própria vida e conscientiza-te de que estás numa tormenta...*

Foi nesse momento que Agenor, Espírito perverso, responsável por aquele caso, adentrou o ambiente, acompanhando a cena surpreendido e temeroso.

As irradiações do guia de Casimira envolviam o perseguidor de Murilo, quando o inexperiente adversário, ao ver o chefe, gritou: — Salva-me, Agenor! Não sei por quais meios me sinto chumbado aqui, aos pés deste falso anjo.

— *Não te deixes abater,* berrou o tutor, escondendo-se atrás de um móvel do quarto, ao mesmo tempo em que se afastava com as mãos sobre os olhos.

Suporta, continuou o adversário, *e aguarda sem se convencer dessas palavras enganadoras. Lembre-se dos compromissos assumidos com Lourenço!*

— *Filho!* dizia a entidade benfazeja. *Atenta para a oportunidade que Deus te oferta nesta hora, desperta!*

A vida é semelhante a caudaloso rio que não pode ser represado, mais ou menos dia terás de retomar o curso do progresso espiritual...

— *Chega!* interrompeu o infeliz.

— *Tua felicidade, meu caro, finalizou o guia de Casimira, só dependerá de ti! Cavas um buraco do qual sairás com muita agrura. É preciso ter coragem não para continuares neste engodo em que te dedicas, mas para venceres os próprios erros.*

E tendo baixado as poderosas vibrações que os prendiam, o mentor dispensou-os fazendo com que os obsessores se afastassem da casa, neutralizando momentaneamente a atuação dos adversários.

Assim, a nobre entidade apareceu para sua médium orientando-a: — Casimira, minha filha, Murilo está sob um doloroso e intrincado processo de obsessão, precisaremos do teu concurso carinhoso e de tua experiência mediúnica. Tua tarefa, se assim o desejares, será implantar nesta casa as luzes da Terceira Revelação, Valério precisa conhecer o espiritismo, e a porta será o processo obsessivo que ora é encetado sobre o primogênito dos Alicante.

A providência divina é tão sábia e poderosa que nos permite do mal tirarmos o bem. Mesmo nos processos de expiações, como é o caso, o Senhor da vida concede às criaturas meios para suportarem e vencerem as próprias falhas, ao mesmo tempo em que se amparam mutuamente.

Não esperes nada em troca, pelo fato de te colocarmos como intérprete do Mais Alto diante desta família. Quando Valério, reconhecido, quiser beijar-te as mãos, envolvendo-as no ouro e nos benefícios do mundo, tu negarás peremptoriamente, ensinando-o com o próprio exemplo o preceito cristão: “De graça recebestes, de graça dai.” (Mt 10:8)

Sê valente, faze o bem e espera confiante no Senhor. Serás a luz, a candeia acesa neste lar. Quanto ao nosso Murilo, até que Valério descubra a doutrina, leve o caso para as vibrações amorosas dos companheiros dedicados do centro espírita, a fim de que encontres apoio para a luta que enfrentarás.

Sê discreta, evitando falar de maneira precipitada e imatura acerca destes acontecimentos; aguardaremos o momento oportuno.

— • —

Aproximando-se da medianeira em transe de vidência, a entidade amiga abençoou-a impondo-lhe delicadamente as mãos sobre os cabelos nevados, desaparecendo, em seguida, do seu campo psíquico de observação, dirigindo-se para planos maiores a fim de tomar decisões importantes de socorro e amparo.

— • • • —

SEIS

Obsessão organizada

A genor e Marcus conversavam preocupados: — Está vendo? Eu lhe disse! advertiu o preposto de Lourenço Ventura. Todo o cuidado é pouco. Os cooperadores do Nazareno são astutos, estão em toda a parte e querem nos levar para a reencarnação, confinando-nos outra vez em um novo corpo.

Temos de nos afastar deles. Podem destruir toda a nossa obra; além disso, se Lourenço Ventura souber que nosso trabalho sofre alguma interferência, padeceremos represália!

De onde menos se espera brotam recursos que nos podem impedir a conduta. Quem é que poderia supor que Casimira, uma simples empregada, tivesse tamanhos recursos magnéticos? Como pode uma vassala ser portadora de tantos poderes mediúnicos e de tantas qualidades morais a ponto de atrair Espíritos tão poderosos?!

— Poderosos? perguntou Marcus Augusto admirado. *Quer dizer que são superiores a nós? Não poderemos subjugá-los às nossas ordens? Não poderemos com um exército invadir as regiões ditas celestes e dominar aqueles falsários da luz?*

— Não, meu caro! considerou o tutor de olhos estatelados. *Eles conhecem coisas que nós desconhecemos. São como sábios que não nos permitem lermos na cartilha que lhes dá tamanhas capacidades espirituais. Teremos de nos organizar melhor, a fim de que nossos propósitos sejam concretizados antes do socorro das entidades do bem.*

Se neutralizarmos Casimira, a médium amorosa, se quebrarmos o farol que afugenta a treva, nossa missão alcançará êxito, conduzindo-nos ao verdadeiro objetivo de destruição para o qual Ventura nos contratou. Temos apenas uma opção: vencer! Ou então seremos arrastados para o corpo, perdendo toda esta condição de Espíritos libertos.

Casimira! exclamou ele admirado. *Quem poderia imaginar?! Atrevida, maldita! Sorverá na taça da amargura por desafiar as forças das trevas com preces tacanhas.*

E enchendo-se de cólera continuou: Organizaremos uma tropa de almas demoníacas para torturar-lhe o espírito. Em presença dos sofrimentos, desistirá de ajudar o lobo em pele de cordeiro, abjurando a própria mediunidade, o que nos fará, aos olhos de Lourenço, duplamente vitoriosos. Ela renunciará ao desiderato de salvação, por bem ou por mal.

Prepare-se, meu caro, uma guerra será travada! Agora nos compete escolhermos os soldados. Precisaremos solicitar reforços junto a Ventura.

— *Mas contaremos o que aconteceu?* perguntou o aprendiz das trevas.

— *Ainda não, vamos apenas informá-lo de que precisamos reforçar o número de contingente a fim de que o processo de perseguição possa ser agilizado. Temos de nos dedicar trabalhando com rapidez. Venceremos! Esse é o nosso compromisso. Nosso grande mestre se orgulhará de nós.*

Um dia teremos nossa própria empresa. Nossos corações têm de permanecer suficientemente endurecidos, para não se envolverem com os adeptos da luz!

Vamos! Não desperdicemos as horas.

— • —

Nos círculos de dor notavam-se as constantes equipes iluminadas desenvolvendo o incansável trabalho de conclamação daqueles que abandonaram a rota. Desviando-se dos servidores do bem, as entidades perversas cautelosamente procuraram o superior da maldade.

— • —

Recepcionados no grande casarão, onde o mandante das trevas administrava suas empresas de perseguição, solicitaram um horário na agenda repleta de atividades do chefe em questão.

Após dias de espera, enquanto o trabalho na casa dos Alicante permanecia estanque, eles foram recepcionados pelos guardas do terrível líder.

Homem de quase dois metros de altura, cabelos longos que tocavam os ombros, barba negra e espessa afunilando-se sob os grossos lábios; cofiava a pera enquanto segurava as fichas dos casos em andamento, recebendo dele acurada atenção.

Ao ouvir o servo anunciar a chegada dos obsessores, ele ergueu elegantemente a cabeça, que pendia na análise dos documentos, franziu as veludas sobrelanceiras, enrugou levemente a testa, retirou cuidadosamente o cabelo da face, ajeitando-o num gesto peculiar, comprimiu levemente os olhos, ao mesmo tempo em que repousava os documentos.

Do posto em que ostentava poder e autoridade, lançou um olhar lupino, desconfiado, em direção dos servos que dele se achegavam, prevendo problemas a resolver.

— *Salve, grande senhor!* disse o subalterno temeroso. Era a vaidade humana apegada a velhas tolices do passado.

— *Agenor, deixemos o protocolo de lado e vejamos o que interessa.*

O que está acontecendo, você veio antes do prazo estabelecido, por acaso concluiu o intento? Venceu a batalha em tempo tão curto? Teria minha experiência subestimado suas capacidades? Foi isso?

Se bem me recordo, você está responsável pelo “caso Alicante”, e se não estou enganado, minhas ordens eram para que aqui retornasse somente depois de concluir a missão! Teria se transformado num prodígio? Não creio!

E levantando-se com olhos fulgurantes, numa elegância ilusória, desceu os degraus cofiando a barba e, agarrando o servo pelos andrajos, gritou: *Diga, infeliz! diga que finalmente você acabou com aquelas víboras!*

Alegre-me a alma, informando que Judite se retorce no féretro vítima da loucura, conte que acompanhou os vermes devorando-lhe o corpo e que ouviu os gritos de desespero da velha néscia após padecer lunática num asilo fétido.

Fale que Murilo, possuído pelos demônios que estão sob as minhas ordens, andou sonâmbulo e afogou-se na piscina da mansão!

Envolve-me em entusiasmo e confirme que Catarina se perdeu com o amante, fale que Valério os surpreendeu e teve o coração arrancado do peito por um infarto ou suicidou-se humilhado; declare que a meretriz traidora, dementada, mergulhou numa crise de ciúme e matou o amante,

suicidando-se também. Diga por fim que estão todos aí, aguardando o meu sinal, para entrarem no salão nobre desta casa!

Segurando o subalterno pelas vestes rotas, rasgou-as violentamente, enquanto o servo permanecia genuflexo; após chacoalhá-lo intensamente, concluiu trovejando: *Diga-me! diga-me!*

Agenor, tremendo, falou hesitante: — *Não... senhor! ainda... não! nossa... tarefa... não foi concluída.*

— *Como não, infeliz? Então, por que retornou para nossa fortaleza sem a missão cumprida?*

— *Senhor, respondeu apavorado, é que o caso é mais complexo, precisamos aumentar o número de perseguidores a fim de conseguirmos a destruição plena. Alguns encarnados têm se aproximado de Valério e estamos prevendo que logo ele se filiará a uma religião.*

— *Isso, não! gralhou a águia das sombras. Valério é do tipo materialista, nunca se interessará por atividades espirituais.*

— *Agora, senhor, esclareceu o servo, por causa da nossa atuação, em desespero por ver o filho sofrendo e a mãe louca, ele está prestes a procurar uma das igrejas do Cristo.*

— *Deixe-o, isso é apenas desespero. Não aceitará as religiões dogmáticas, não é do tipo subserviente para suportar as tradições e crendices. Desistirá!*

Quando, apesar de todo o esforço, não receber respostas do Todo Poderoso, abandonará os agrupamentos cristãos, como criança caprichosa.

— *Senhor, continuou o auxiliar da maldade, em tom humilde, disso não temos dúvidas; e se Valério conhecer o Consolador?*

— *No caso do pai de Murilo, o espiritismo seria a nossa derrota total!*

— *Compreendemos assim, também, senhor. A consciência lógica e racional de Valério, envolvida na bondade do tolo coração, se encaixaria perfeitamente dentro da proposta de reforma íntima apregoada pelo Cristo!*

Já pensou como nosso trabalho sofreria com a simples implantação de “o evangelho no lar”? Imaginou, senhor, Valério desenvolvendo a prática

da prece, dedicando-se mais ainda ao próximo nas campanhas benemerentes, perdoando a esposa, compreendendo as ideias lúcidas sobre a imortalidade da alma...?

— *Basta!* interrompeu o mestre da discórdia. *De quantos mais você precisa?*

— *Calculo que necessitarei de mais uns quinze homens bem experientes.*

— *O quê?! Enlouqueceu? Sabe o que está me pedindo?*

— *Sim, senhor! o empreendimento necessita de maiores reforços, ou será melhor correremos o risco de Valério conhecer a doutrina espírita?*

— *Chega! Está bem, eu autorizo! Escolha os melhores camaradas, os mais perversos e experientes que estejam à disposição nas regiões mais inferiores dos nossos campos, ofereça-lhes benefícios e não volte aqui sem trazer, arrancados do túmulo, toda a família Alicante.*

— • —

Retirando-se sob as fortes impressões que as circunstâncias lhes imprimiram, Marcus ciciou nos ouvidos de Agenor: — Quem é o Consolador? E por que Lourenço ficou tão irado com a pronúncia dessa palavra?

— *Isso não é nada com que devemos nos preocupar, não estamos aqui para inquirir as atitudes de nossos superiores; esta é a regra número um para a convivência pacífica nestes campos.*

— *Como não,* continuou Marcus atrevido, *até você está com medo! Seria alguém com maiores poderes, seria alguém que nos poderia aniquilar?*

— *Não, meu caro, o Consolador não é uma pessoa, e poderia sim aniquilar todos os nossos propósitos...*

E, porque o obsessor não desejasse esclarecer o aprendiz, mudou o rumo da conversação, dirigindo-se para locais ainda mais inferiores...

Adentrando a paisagens mais densas, Agenor, revestido de autoridade, estufou o peito e com voz tonitruante começou a falar: — Atenção, camaradas! atenção!

Lourenço Ventura, nosso magnânimo e adorável chefe, aqui me enviou a fim de convocarmos aqueles que desejam engajar-se em uma caravana persecutória. Precisamos selecionar quinze homens de duro coração para que os objetivos de Ventura sejam cumpridos.

Uma turbamulta apresentou-se como uma tropa desorganizada.

Agora, Agenor mostrava-se pedante, arrogante, reproduzindo a impiedade do mestre diante daqueles que lhe estavam em situação inferior; não mais o cordeiro que se colocou mansamente diante do lobo voraz, e sim o covarde abusando do poder.

A língua viperina pronunciava estas palavras: — Sabem que nosso mestre considera-me como um dos seus servos prediletos? Não desconhecem o prestígio que desfruto junto ao soberano destas paragens? Assim, é melhor que atendam as ordens do seu novo superior e sejam meus seguidores!

E da turba ecoou esta voz questionadora: — O que ganharemos com isso?

— *Todos, informou o mandante, estamos aguardando uma missão de destaque nas empresas de Ventura, e não me consta que nós, após longos anos de exercícios, depois de termos dominado a arte do magnetismo inferior, a técnica da hipnose, depois de nos desenvolvermos com muita habilidade no campo da fascinação mental, tenhamos que executar funções de simples servos. Queremos posição de comando, desejamos ter a liberdade de voltarmos ao mundo e convivermos com os encarnados, a eles nos ligando, voltando à vida dos sentidos com a liberdade de ir e vir.*

Pois bem, os matriculados neste serviço alcançarão o intento. Poderemos ter nossas próprias empresas, assumindo, um dia quem sabe, o lugar do próprio Lourenço. Deveremos usar, nesse processo, tudo quanto aprendemos.

Retirando do bolso um papel especial, desenrolou-o mostrando-o de público, dizendo: Esta é a ordem expressa de Ventura. Com isso eu me torno um seu representante oficial, merecendo o mesmo respeito e com a mesma autoridade que ele teria sobre todos nós neste novo

empreendimento. O não desempenho de minhas ordens acarretará em punição para o infrator.

Como é?! interrogou incitando a massa. *Vão ou não aceitar tão importante participação?*

Diante da ameaça, a turbamulta aquiesceu e o preposto da perversidade iniciou o processo de seleção que se arrastou por várias horas.

Concluída a escolha, Agenor disponibilizou-se à elaboração do plano; aquelas novas aquisições reforçariam os propósitos negativos, reorganizando as atividades, a reabilitação das forças contrárias ao bem.

— • —

A misericórdia divina permite certas atuações, aparentemente malignas, porque sabe que o progresso virá do inter-relacionamento humano e que todo o mal praticado engendrará obrigatoriamente o arrependimento, a expiação e a reparação; e todo o mal suportado com resiliência levará inexoravelmente ao progresso. Na universalidade da vida, o adiantamento intelecto-moral é o grande determinismo de Deus.

O Senhor não está descuidando do Universo, o acaso não faz parte do “vocabulário” divino. Tudo, no macro como no microcosmo, revela bondade e harmonia na obra da criação. Os seres espirituais somos parte desta obra e igualmente não estamos desamparados. Da mesma maneira como leis físicas regem o orbe material, leis morais regularizam o mundo íntimo de cada criatura humana.

Quando inimigos, de planos distintos, encontram-se através das portas da obsessão, isso revela as leis de Deus em movimento. O mecanismo de causa e efeito, traduzindo a bondade do Senhor, permite que as dores, como consequência natural das nossas atitudes negativas, façam com que os Espíritos devedores retomem o passo do progresso, saldando os débitos, perdoando-se mutuamente.

Não que Deus seja partidário do sofrimento, são os seres humanos que, pelo livre-arbítrio, acionam com atitudes morais certas leis reguladoras e responsáveis pela harmonia cósmica.

O bem é uma necessidade do ser, assim como um determinismo divino; o Senhor do Universo não estabelece uma data fixa para que ele seja desenvolvido nos corações da humanidade, embora exista um período estabelecido para que cada criatura faça um balanço espiritual, tomando consciência da necessidade evolutiva. Quando nos demoramos excessivamente no processo de reflexão e tomada de atitude, o automatismo das leis, mantenedoras do universo espiritual, encarrega-se de nos ajudar, o que poderia ser traduzido como a própria vida colocando-nos nas circunstâncias e situações exatas em que cada um de nós precisa experienciar, a fim de nos harmonizar uns com os outros e a própria Inteligência Suprema.

Por isso Agenor e Marcus Augusto, representando os interesses de Lourenço Ventura, demonstram certa liberdade de ação; liberdade que está dentro de certos limites providenciais previstos pelas leis divinas nas atividades humanas, que objetivam desenvolvimento, aprendizado com as próprias experiências e reparação dos eventuais escândalos, tropeços, na grande odisseia de cada indivíduo. Se as leis supremas têm uma certa flexibilidade e tolerância, isso não significa que não sejam justas. A equanimidade divina é inquestionável, justiça que a humanidade começa a entender um pouco mais através da Terceira Revelação.

— • —

Agora, ante o séquito da iniquidade, Agenor orientava-os dizendo: — Senhores! Ventura não é do tipo paciencioso, temos de mostrar produção, e quando falo em produzir quero dizer que será preciso usar todas as nossas condições para a obsessão na Terra; os Alicante não devem sobreviver, temos de destruí-los, porquanto Lourenço espera isso de nós. E se falharmos, todos seremos entregues para a reencarnação...

Após essas palavras, um tumulto fez-se, a malta agitou-se protestando entre gritos e estardalhaços: — Abaixo a reencarnação, somos donos dos nossos destinos!

— *A reencarnação deve ser banida de vez!*

— *Abaixo este castigo iníquo, nós somos os juízes.*

— *Jamais ocuparemos um corpo de carne novamente.*

— *Não rastejarei jamais...*

— *Camaradas, gritou um deles de maneira fanática, temos de vencer, não há outro caminho. Ou vencemos ou seremos confinados no corpo!*

— • —

Perante essas expressões, Agenor sorria satisfeito, alcançara o objetivo desejado; envolvera os Espíritos entorpecidos pela vaidade.

— • —

Diante da voz de comando do organizador, todos calaram-se temerosamente.

— *Ouçam, camaradas!* falou o coordenador da maldade. *Vingadores! temos de nos organizar mantendo a ordem e a disciplina em nosso compromisso. Se não houver direção e rigor, o barco pode soçobrar. Portanto, sentem-se agora e ouçam!*

A mole atendeu de imediato as orientações do obsessor chefe.

Tomando posição de destaque numa tribuna improvisada, pegou das suas anotações e começou, dentre os escolhidos, a chamar os “especialistas”: — Osório, pela sua larga experiência no campo da mediunidade ficará junto a Casimira, a médium intrometida que nos ameaça os melhores propósitos. A fim de conhecê-lo melhor, poderia nos falar um pouco mais das suas experiências nesse campo?

— *Ah! sim, senhor!* respondeu o adversário. *Meu currículo é bastante extenso:*

cerca de três mil casos de fascinação, dos quais 90 % deram resultados muito satisfatórios;

quinhentos casos de loucura reconhecidamente efetivada, dos quais 30 % apenas conseguiram se livrar, após décadas inteiras;

no campo da possessão, minha experiência supera os mil casos, dos quais centenas deles encaminhei e os recepcionei do lado de cá.

O estudo das faculdades psíquicas, continuou o fascinador, é um dos aspectos mais interessantes. Conquanto a mediunidade guarde raízes no corpo biológico, são as conquistas morais que caracterizam a segurança do médium. Muitos medianeiros são Espíritos falidos que caíram na rede da reencarnação e caminham todos, iludidos, tentando se reabilitar, de acordo com a absurda proposta cristã.

Como a maior parte da humanidade ainda não é suficientemente desenvolvida, basta aproveitar sua inferioridade e inclinação naturais a fim de que se complique sozinha.

— E qual é o seu plano de ação? perguntou o chefe das sombras.

— Bem, considerou o perseguidor da mediunidade, preocupado, primeiro é necessário fazer um levantamento da ficha da médium verificando:

Quem é? Quais as faculdades espirituais? Estão educadas? Quais as virtudes já desenvolvidas e as imperfeições em que se demora?

Possui algum adversário dessa ou de outras existências? (Os médiuns geralmente os têm.) A fim de com ele, ou eles, conversarmos e nos consorciarmos nos propósitos de vingança, aumentando nossas chances. Com o devido cuidado, pois que esses Espíritos são sempre exclusivistas e frequentemente temos de ter muita habilidade para convencê-los a trabalhar a nosso favor.

Verificar se está ligada a alguma instituição reconhecidamente espírita (o que dificultaria muito o nosso trabalho, pelo respaldo que costumam receber dos emissários do bem). Se essa hipótese for confirmada, poderemos tentar envolver alguns dos frequentadores invigilantes a fim de que a disputa, a fofoca, a inveja possam atingi-los, e se o Centro não estiver bem estruturado moralmente, de quebra, além de acabar com a médium, poderemos destruir muitos trabalhos e até mesmo a casa espírita. Caso não esteja ligada a

algum núcleo, nosso trabalho fica muito mais fácil, pois que o médium isolado, trabalhando sozinho, sem alguém para avaliar-lhe a produção medianímica, é muito mais susceptível de falhas e de envoltimentos mediúnicos negativos como a fascinação, por exemplo.

E se comercializar as faculdades espirituais, a causa está praticamente ganha, com o inconveniente de que nesses casos há uma grande concorrência de Espíritos mercenários junto ao medianeiro, que o conduzem à vida dos sentidos, fazendo com que todo o dinheiro ganho com a exploração deles seja a eles revertido através das sensações mundanas que o médium, em geral nessa situação, lhes pode ofertar. Na eventualidade de ser moralizado e, ainda, se estudioso dos livros de Allan Kardec seguindo as diretrizes de humildade e modéstia, tudo estará perdido para nós. Se oferta voluntariamente suas produções escritas ou faladas para análise criteriosa, acatando as normas, aprimorando-se no bem, evitando o orgulho e a vaidade, nosso empreendimento estará falido.

Como é o seu sentimento? Deseja servir verdadeiramente ou quer simplesmente projeção no grupo ou na sociedade? Nesse último caso, o caminho estará livre para nossa supremacia; no primeiro, trancado, chumbado, como uma porta de aço que será impossível arrombar. Quando o médium é correto, verdadeiramente cristão, mesmo que não seja perfeito, temos notado que seus guias mediúnicos nos afastam. Isso nos permite deduzir que o trabalho mediúnico despretenso e honesto fala muito a favor deles. Se, além disso, se matricula nas obras assistenciais, socorrendo os necessitados, confortando os enfermos com a prece e a fluidoterapia; e desde que não entre voluntariamente em nossa sintonia pelas inferioridades humanas, estará definitivamente fora do nosso alcance.

Resta-nos, ainda, uma última alternativa, às vezes médiuns dessa natureza, em consequência de débitos do passado, têm expiações a cumprir ou, ainda, provações a passar; temos aprendido, com a experiência, que essas provas e expiações se manifestam na permissão dos guias de luz quanto à nossa aproximação, a fim de que nosso perseguinto possa impulsioná-los mais ainda ao progresso, à medida que suportam heroicamente nossa presença. Com médiuns assim, o máximo que se consegue é perturbá-los um pouco; seremos como que crianças mal educadas diante de um professor severo, que mais dia ou menos dia haverá de discipliná-las. Diante dessa força moralizadora, nossa conduta, embora possível, é bem reduzida e o perigo que corremos não compensa o intento.

Verificar, ainda, se possui familiares susceptíveis de influência para conseguirmos atingi-lo através deles, atrapalhando suas melhores disposições de servir. Se, por exemplo, for alguém cuja companhia no âmbito do casamento sente ciúmes, exploraremos isso até que o medo de perder o outro o afaste da tarefa; um filho problema, um parente que aparecerá na hora de sair para a reunião, uma vizinha que lhe atormentará; isso tudo coopera para que, ao longo dos anos, o médium vá se desgastando. Se frequentador de alguma instituição, temos de observar quem é o seu dirigente encarnado, qual o grupo de que faz parte, sua qualificação mediúnica, se há rivalidades entre os partícipes e, além do mais, quem e quantos são os seus guias mediúnicos.

Ainda será necessário avaliar a porcentagem anímica do médium, se sabe ser passivo e, o mais importante, se entre ele e nós há combinação fluídica. Se houver, todo o cuidado é pouco, pois que será faca de dois gumes, porquanto essa afinidade poderá nos imantar ao médium e aí teremos de suportar aqueles desagradáveis diálogos com os objetivos que conhecemos bem; por outro lado, nossa atividade no campo da emissão do pensamento será mais intensa.

Como vê, é uma tarefa muito delicada e de inúmeros perigos, muitos de nossos melhores trabalhadores tiveram a reencarnação declarada por conta desses acontecimentos. Por isso, é que solicito uma recompensa à altura do meu sacrifício e dedicação. Contudo, um dos pontos mais positivos é que muitos médiuns guardam ocultamente um desejo de fama e reconhecimento, poucos desejam o anonimato e a simplicidade; aí fica tudo mais fácil, basta usarmos nomes importantes, personalidades históricas ou do movimento deles para sermos queridos e aceitos, desde que não haja análise criteriosa, pois, se houver, nos desmascaram de imediato! Nesse caso, nem os nossos melhores textos, cuidadosa e meticulosamente preparados, usando palavras empoladas que revelam em geral uma informação falsa, resistem às mentes esclarecidas, lúcidas e honestas que costumam caracterizar os dirigentes de núcleos reconhecidamente espíritas.

Eu mesmo já tenho sido a “Virgem de Nazaré” por muitas vezes, “João Evangelista”, “Lucas” e todos os apóstolos. Até o próprio “Jesus” já fez parte do meu rol de homens ilustres. Ditei mensagens catastróficas anunciando o fim dos tempos, prefixando data, levando muita gente à loucura.

É tudo muito simples, se houver vaidade, pois ela faz com que a mente do médium revista a menor expressão mediúnica com nomes de grandes vultos da humanidade, registrados no arquivo mental do intermediário.

Pelos atavismos religiosos, pela tradição da Igreja romana, não é difícil encontrarmos se comunicando em vários núcleos espiritualistas a figura de Francisco de Assis, Antônio de Pádua e uma série de outros santos.

Se nossa atuação for no movimento espírita, poderei trazer o próprio codificador do espiritismo. Todavia, continuou o fascinador, assumindo na voz um timbre de seriedade, isso não deixa de se constituir num grave problema, pois se a instituição for séria, nossos propósitos encontrarão 95 % de dificuldades.

Diante disso, pelas minhas conquistas, Ventura tem me tratado muito bem e me concedido vários títulos, pois já consegui desestimular, até à

desistência do mandato mediúnico, centenas de médiuns que, sentindo-se absolutamente seguros quanto às suas faculdades, desejaram voar com as próprias asas, caindo na convicção da sua infalibilidade mediúnica, rechaçando, para minha sorte, os mais experientes nesta área, que lhes poderiam orientar.

Eis o que tenho a oferecer, preciso ter acesso a todas essas informações para planejar o meu modo de agir. Se o caso for realmente difícil, precisaremos constituir uma equipe maior.

— Não! interrompeu Agenor. O caso não me parece complicado, é apenas uma empregada, uma vassala, nossa ação é de zelo para que nossa obra não seja destruída. Queremos nos resguardar.

— As aparências costumam iludir! esclareceu Osório. Somente darei o meu parecer depois de ter o levantamento completo de todos esses dados.

O novo líder, dirigindo-se a outro agente da maldade, solicitou: — Cláudio, suas experiências no campo da obsessão na infância muito me impressionaram, poderia dar maiores detalhes?

— Claro que sim! respondeu solícito, demonstrando olhos traiçoeiros.

A criança, como sabe, não é o que parece; é um Espírito velho em um corpo novo. É preciso considerá-la como alma imortal. Genericamente, os Espíritos trazem as marcas do passado e do presente no corpo fluídico, e não raro os adversários gravitam ao seu redor esperando o momento oportuno para agir. Assim, temos apenas que iniciar uma pequena pesquisa, levantando algumas informações, tomando certos cuidados para elaborarmos com segurança nosso projeto; por exemplo:

verificar se a criança frequenta alguma instituição religiosa; se isso ocorrer, a atuação poderá ser bem dificultada;

pesquisar qual é o tipo de religião: dogmática, mística, fanática, esperando apenas que não seja o espiritismo, pois que eles saberiam como agir, já que não desconhecem o lado de cá;

se os pais ensinaram-na a orar, o que anularia quase a totalidade da nossa atuação e a desenvolveria no campo do espírito, atingindo

planos maiores que nos poderiam destruir completamente os propósitos;

às vezes encontramos oportunidade de torturar as crianças em tenra idade, em que poderíamos inclusive atingir os pais dentro das nossas intenções, pois que não estão numa mesma família por acaso;

quando desejamos envolver o próprio Espírito reencarnado, aguardamos pacientemente pelo seu desenvolvimento físico, e somente depois de certo período, que varia de caso para caso, começamos a aterrorizá-lo com pensamentos e aparições terríveis; observar se o lar da criança não é envolvido pelas luzes do evangelho do Cristo; se isso for constatado, nossa atuação poderá cair para até 10 %, conforme o caso, mais, conforme o caso, menos;

averiguar ainda se é possível explorar a animosidade natural de alguns parentes contra a criança;

na escola, dificultar o aprendizado, explorar a antipatia natural de um professor, por exemplo, que lhe possa perseguir;

excitar os sentimentos de hostilidade de um colega escolar, que lhe torture e lhe maltrate com apelidos, chacotas, brincadeiras desagradáveis e até agressão física;

levá-la pela curiosidade ao convívio das drogas e ao desequilíbrio sexual.

Modernamente, os pais ausentes de casa descuidam da valorização do tempo e da convivência moral superior, entregando-nos seus filhos. Nesse campo, nem é preciso fazer muita coisa, basta esperar.

Na atualidade, os pequeninos e principalmente os jovens, são preparados para escola, profissão, vida social e sexual, etiqueta, idiomas, intercâmbio cultural, mas felizmente são esquecidos pelos pais, em grande quantidade, quando o assunto é educação religiosa, tema que os prepararia de fato para o futuro, livrando-se de nós.

Pais desequilibrados frequentemente afetam os filhos com as energias negativas produzidas por suas mentes desajustadas. Não sabem da sensibilidade dos pequenos. A nossa parte será estimular as brigas e discussões, para que o ambiente da casa perturbe a criança; algumas vezes temos de preparar o terreno para atingi-la. Exploramos as dificuldades dos genitores, abalando-lhes o psicológico, alterando o ambiente doméstico que refletirá diretamente na sensibilidade natural do infante, autorizando-nos a influência. Essa não é missão das mais fáceis, solicita habilidade e empenho, principalmente com o risco de sermos apanhados pelos emissários do bem.

Por isso, meu trabalho é lento e metucioso. Igualmente solicitarei recompensa à altura da minha dedicação!

Talvez seja preciso montar pequenas equipes para iniciar este processo. Por ora, necessito aguardar o levantamento das observações acima citadas para a construção do meu plano.

E da turba ecoou a voz do coordenador da discórdia: — E você, Cícero? Quero parabenizá-lo pela ação com Judite. Sua vivência no campo da obsessão de idosos é vasta! Que você sirva de exemplo de competência aos demais. A mãe de Valério está praticamente vencida! Sucesso! Poderia nos contar como planejou a ação?

Uma estrondosa gargalhada fora lançada ao vento chamando a atenção de todos para sinistra figura, uma das mais estranhas.

— *Sem dúvida, meu caro, tenho largas capacidades no campo da obsessão dos que permanecem no inverno da existência física. Adiantei-me e, à semelhança dos nobres colegas, tive também de fazer minhas verificações. Por exemplo: Geralmente, a pessoa quando chega ao final da vida biológica, quando todos os seus sonhos foram realizados, ou quando todos os seus desejos foram frustrados, ela tende a voltar-se para Deus, quer para louvá-lo ou para implorar ajuda, e aí se dedica às tolas tarefas de benemerência ou lança-se aos cultos cristãos.*

Como sabem, não é difícil levar a mente predisposta à ociosidade para a loucura. Quando uma grande decepção atinge as criaturas decrepitas, é

mais fácil envolvê-las, porque desistem logo de viver, por isso costumamos adquirir bons resultados com os idosos.

Qual a relação dos filhos para com eles? Verificamos que ao se sentirem abandonados pelos próprios rebentos e, ainda, pelos próprios netos, torna-se mais fácil nosso processo, pela natural depressão em que o idoso cairá.

Com Judite foi fácil. Catarina ajudou muito. A concorrência entre ambas por Valério facilitou a desarmonia no lar, abrindo-me os caminhos. Bastou usar a fascinação!

— Muito bem, disse o malfeitor responsável pelo séquito das sombras, dirigindo-se a Osório e Cláudio, aqui estão alguns dados básicos.

E retirando, do material que trazia amontoado nos braços, dois cartões, disselhes: Tomem as fichas, analisem as informações e tracem os objetivos.

Dividindo o grupo, passaram a tramar o contra-ataque aos Alicante. Diante da assembleia que, separada em equipes, estudava as propostas, o coordenador da turba desejou fazer um discurso “instrutivo”: Meus camaradas, iniciou ele com olhos perturbadores, este intento não pode falhar. Alcançaremos êxito a qualquer custo. Lourenço Ventura sabe de nossas capacidades, por isso não podemos nem sonhar em decepcioná-lo. Todos sabemos o que ocorre com aqueles que falham!

Temos aqui uma das melhores equipes nesta área e não podemos admitir qualquer tipo de equívoco, não devemos ser displicentes; os coordenadores presentes, Osório e Cláudio, deverão ter cada um sua equipe de ação. Cícero na retaguarda! Certamente, devem ter sob suas ordens Espíritos comprometidos com a própria consciência. Basta explorá-los nas suas tendências, ameaçando-os e colocando-os em franco serviço à nossa empresa.

Temos ainda a vantagem de nossas vítimas não cultivarem um sentido religioso nobre; não será preciso lembrar-lhes nossa conduta, junto aos encarnados. Deveremos trabalhar cuidadosamente, se quisermos atingir nosso desígnio.

No prazo máximo de dois anos deveremos concluir o serviço. Este, anunciou o mandante pousando a mão sobre os ombros do camarada, é

Marcus Augusto, está sendo iniciado em nossas hostes sob as determinações do próprio Ventura. É alguém da nossa absoluta confiança e que fora escolhido diretamente na arena!

— *Na arena?! perguntou um deles admirado.*

— *Sim, por isso mereceu de nosso líder maior essa oportunidade.*

Agenor dizia isso com leve sorriso nos lábios, fazendo discreto sinal, que identificava o novel obsessor como mais uma vítima nos planos perversos do tirano Ventura.

Ao decodificarem o símbolo no gestual, caíram todos em estrepitosa algazarra, fazendo com que Marcus pensasse, de maneira equivocada, que aquelas eram expressões de boas vindas.

Terminada a galhofa, Agenor aproximou-se de um dos adversários e considerou num ciciar: — Temos de ser cautelosos, Marcus e Olavo fazem parte de um projeto diabólico de Lourenço. Entretanto, eu já vi nosso líder mudar de ideia várias vezes; e nós não queremos ter outros disputando as vagas em nossas empresas. Por isso, utilizem-nos sem lhes dar condições de contribuição maior em nossa organização.

— *Agenor, inquiriu Marcus Augusto preocupado, não estamos esquecendo de Catarina e Laércio Souza? Não deveríamos ter organizado uma equipe responsável pela traição conjugal?*

— *Não, meu camarada, deixemos a vida agir nesse caso; ambos vão se complicar abrindo campo para nós ao matricular-se nas ciências ocultas, na magia negra para retirarem Valério do caminho. Quando estiverem bastante complicados, facilitando nosso trabalho, finalizaremos!*

Feito isso, a turba desapareceu nas regiões inferiores, preparando-se para a atuação negativa.

— • • • —

SETE

Luz e sombra

Os amigos espirituais superiores, preocupados com Marcus Augusto e Olavo, reuniram-se.

Álvaro, o mentor responsável pelo caso, estava em digno ambiente, acompanhado de Maria, a que fora libertada do jugo de Ventura. Envolveu-a em vibrações fraternas e considerou: — Maria, minha filha, se desejarmos ajudar Marcus e Olavo, será necessária tua cooperação. Teu concurso junto a Lourenço será de fundamental importância. Ele ainda está ligado a ti por laços fortes e precisamos valorizar isso.

Não é um amor verdadeiro, ele reporta esse sentimento ao campo da posse, desde que chegaste aos domínios sombrios, levada pelos vícios da devassidão; e, nesse caso, é mais doente do que companheiro. Sabemos o quanto ele vem te explorando. Compreendemos as horas de amargura e a escravidão sexual que sofreste; na família universal, somos devedores uns dos outros, e as leis divinas solicitam-nos reparação e fraternidade, amor e tolerância; por isso, ao mesmo tempo em que nos ajudarás, serás ajudada também.

Nesse instante, a antiga meretriz de olhos marejados esclareceu: — Bom amigo, reconheço a minha categoria de mulher equivocada e confesso não merecer a atenção que recebo aqui como resultado da misericórdia celeste. Tenho grande desejo de libertar Ventura; é por conhecê-lo que lamento informar sobre a inutilidade do nosso propósito; não triunfaremos. Ventura certamente está me odiando. Ele não suporta traições. Sob seu ponto de vista, eu o traí, e isso, para ele, é imperdoável. Creio que ele ainda guarde algum afeto por mim, mas sem dúvida isso, agora, está sufocado pelo ódio.

As regiões onde atuávamos são muito densas e requerem certa habilidade, retornar para lá será desafiá-lo de alguma forma.

— *Minha filha, interrompeu o mentor de maneira paternal, esqueceste? Pertencemos a Deus! Existe um Pai mantenedor do Universo e que a todos ama. Jesus, representando o verbo divino na Terra, não perderá nenhuma*

ovelha do seu aprisco. (Jo 10:11–18) Acaso julgas que Lourenço não faz parte do rebanho do Senhor?

— E aquele homem faz? perguntou magoada.

— Sim, considerou o mentor respeitosamente, os Espíritos maus, vingativos, coordenadores das regiões infelizes não foram criados maus; eles estão maus, o que é bem diferente, passam pela desagradável experiência da beligerância, quando poderiam sorver na taça da felicidade com Jesus.

Um filho doente merece sempre atenção especial, cuidados maiores, e Ventura está enfermo, moralmente intoxicado. E tu serás, se quiseres, o antídoto; na realidade, Deus é que o libertará e nós seremos apenas os executantes de Suas leis divinas.

Coragem! Não irás sozinha, estaremos contigo, e ademais sabemos que teu coração ainda permanece ligado ao dele. Temos de nos mobilizar para que a situação de nosso assistido não se complique ainda mais. Por isso, todo o nosso esforço e dedicação.

As regiões inferiores não são o inferno pregado pelas teologias dominantes, de onde não se sai, são campos expiatórios, construídos por atitudes mentais de Espíritos em desalinho com o Pensamento Superior e funcionam como catarse da própria consciência. Porém, a bondade de Deus está em toda a parte e nosso dever é executar as ordens espirituais em benefício de toda e qualquer pessoa que tenha caído no caminho da redenção. Também nós, hoje reabilitados, já passamos por experiências análogas, por isso temos o dever maior de cooperação fraternal, por conhecermos mais intimamente os dramas morais dos nossos irmãos em humanidade.

Ela compreendeu a urgência de ajudar, apresentando-se ao trabalho: — Bom amigo, coloco minha boa vontade em tuas mãos.

— • —

Nos campos infelizes, um vento glacial ululava imprimindo na psicofera um ambiente tétrico na qual ecoavam gemidos de dor e remorso; seres deseducados, ríspidos, grotescos deambulavam quase loucos. Alguns

corriam com as mãos na auricular, desejando livrar-se de vozes acusadoras, outros traziam cravados no peito, por fixação mental, punhais e espadas, presos ainda aos duelos medievos; Espíritos perversos subjugavam os recém-chegados da carne, manipulando-os quais lunáticos.

Nesse território, uma onda de perversidade levantava-se. Alguns dos que estavam cativos programavam libertar-se, organizando desastrosa rebelião. Naquelas esferas lúgubres, as trevas não paravam de tramar. Dentre os homens e mulheres rebeldes estava Salvius. Astuto e ardiloso, não suportava o cesarismo de Ventura e por isso incitava a turba com este discurso: — Até quando, camaradas?! até quando ficaremos nas garras de Lourenço Ventura?

Aceitaremos um déspota como mestre? Há quantos anos permanecemos escravos da tirania do malvado que nos domina!

Estamos cansados de tantas promessas; não aguentamos mais a permanência quais escravos nas caravanas de obsessão. As empresas draconianas de Ventura nos exploram, enquanto ele leva a fama!

Deve mentir e nos enganar ameaçando-nos com a ideia ilusória da reencarnação; adverte-nos acerca dos emissários da luz, mas não nos oferece nada de concreto! Somos homens, temos de nos organizar para demonstrarmos nossa insatisfação. O momento é de nos rebelarmos.

Salvius, o mentor da rebelião, de punhos cerrados, arfava sem controle. Silêncio total, a respiração dele podia ser ouvida por muitos dos presentes. Aos poucos, os imigrantes da carne, vagarosos e desconfiados, aproximavam-se.

Verificando ter ganhado a atenção, continuou com fúria: Onde a coragem de vocês? Serão todos covardes? Vamos, avante!

A convocação ainda ecoava, quando fora interrompido por uma voz igualmente forte que troou de maneira ameaçadora: — Quem terá coragem suficiente para suportar a perseguição de Ventura? Acaso, o nobre colega desconhece o que ele faz com os promovedores de levantes? Temos visto voltar aqueles que nos precederam neste desiderato?

Além do mais, continuou o porta-voz, as trevas podem ser organizadas, mas não costumam ser fiéis!

Dentre nós, há inúmeros traidores, não se pode confiar em ninguém! Desejando conquistar a confiança do todo poderoso desta região, denunciam-nos almejando privilégios. Por isso, é melhor nada começarmos, a situação não é propícia para um motim contra o administrador deste local.

Não adianta nos mobilizarmos, ele tem “olhos” por toda a parte, estamos literalmente escravizados! Este é o inferno que nós mesmos criamos!

Salvius posicionou-se para falar, quando foi interrompido por uma voz feminina:

— *Eu quero! Socorro! socorro!* gritava a infeliz carregando nos braços um amontoado de tecido, aconchegando-o como uma criança recém-nascida.

A assembleia calara-se, num clima de suspense; todos se voltaram na direção do ruído, observando atentamente os acontecimentos seguintes.

Aproximando-se do grande círculo que se fez, a mulher varou a turba e, no centro do palco improvisado, rodopiou vagarosamente em torno de si mesma, fitou a malta de desventurados, arregalou os olhos, lançou um grito agudo de dor, revolta e desespero, caindo ao solo de joelhos, desabafando semilouca: — *Eu quero sair daqui! Quem me trouxe? Onde a porta de saída? Que loucura é essa? Quem são vocês? Um bando de mendigos? Ladrões?!*

Era uma recém-chegada do túmulo. Desvairada e surpresa, exigia justiça, esquecendo-se de que fora ladra no mundo e comerciante de crianças indefesas; assassinada pelo parceiro mercenário após negar-se a repartir os lucros obtidos com o tráfico de bebês, trazia a consciência atormentada e julgava carregar ainda nos braços a valiosa “mercadoria”.

— *Daqui não se escapa, minha senhora!* explicou uma voz sinistra. *Este é o reduto das almas perversas!*

Ficará aqui até que deseje verdadeiramente renovação. Precisarás falar a língua do Cordeiro, ter o coração sincero. Arrepende-te de todos os seus erros e buscar o progresso. Todos que aqui estamos somos os representantes da teimosia e da ociosidade. A chave que abrirá a porta de saída chama-se arrependimento!

A voz sinistra adotou um tom de deboche e gargalhou. Era um pândego das sombras imitando, de maneira imperfeita, os emissários da luz, embora guardasse nas palavras a pura realidade.

— *Nunca me arrependerei, este bebê é meu, ele vale ouro. Onde está meu ouro, onde o meu dinheiro, onde?*

E varando novamente a multidão, correu tresloucada, causando risos na turba.

— *É isso que vocês querem, interrompeu Salvius, com voz firme, será crível que este seja um parque lúdico?*

Temos de despertar, sem nos convertermos para as hostes do Cristo. Nossa vontade é que tem de valer, temos de sair daqui!

— *Sair daqui?!* bradou alguém interessado. *E para onde iremos? Por acaso, alguém deste grupo dispõe das chaves do reino?* perguntou a criatura em gargalhadas de horror. *Temos entre nós arautos escondidos, possuímos representantes que nos poderão guiar?*

Ouvindo essas palavras, Salvius interrompeu: — Sim! eu tenho as chaves do reino, eu, somente eu tenho condições de guiar todos vocês, basta nos unirmos; todo o rebanho precisa de um pastor, e sei que tenho condições para assumir essa função! Eu tenho coragem suficiente para desafiar Lourenço!

— *E depois?* perguntou uma voz rouca.

— *Depois, meu caro, considerou o mandante de forma sinistra, eu edificarei nesta região um novo governo, serei um administrador que saberá valorizar as trevas, abrindo as portas deste local, mostrando a saída para os círculos materiais donde poderemos desfrutar a vida dos sentidos.*

A malta agitou-se, alguns gritavam: — Você quer nos enganar!

— *Uma vez no poder, a todos esquecerá!*

— *Não o apoiamos! Esqueceu?! A bondade não tem morada aqui. Se fosse bom, não ficaria conosco!*

Enquanto outros diziam:

— *Tem o meu apoio!*

— *Precisamos de um novo líder!*

— *Ave, Salvius!*

— *Salve! salve!*

Apesar do tumulto, Salvius conquistara a simpatia de muitos e já era aclamado como novo líder. A essa altura, os comentários já haviam se espalhado por boa parte daquela região. E muitos dos capangas de Lourenço foram informar-lhe sobre o motim que se levantara.

— *Senhor, disse o informante, temos notícias não muito agradáveis.*

— *Diga, infeliz, qual é o problema desta vez,* gritou o tirano.

Tartamudeando, o servo respondeu: — Uma... nova... rebelião começa a ser organizada em nossas terras.

Enfurecido, o líder perverso perguntou urrando: — Mais uma? Até quando? Quem eles pensam que são? Onde imaginam estar? Este não é um cárcere comum, temos meios de pará-los. Aplicaremos recursos torturantes a fim de acalmá-los e isolaremos os mentores do levante. A propósito, quem são os responsáveis desta vez? perguntou, cerrando os dentes de ódio.

— *É Salvius, senhor!*

— *Miserável!*

E olhando para o servo sentenciou: Agora, desapareça daqui!

Preocupado com a rebelião, Ventura entrou a refletir: *Esses motins precisam ser evitados, isso enfraquece minha administração.*

As circunstâncias fizeram-no lembrar-se de Maria. Sufocava na alma todo o sentido de amor verdadeiro para manter sua fama de líder perverso e não entrar na faixa dos benfeitores espirituais, o que seria, segundo seu modo de pensar, o início do fim, isto é, a ligação com esferas maiores que lhe poderia estragar as intenções. A figura da ex-messalina não lhe saía da

mente. O que teria levado, aquela que lhe tinha toda a preferência, a portadora dos seus inúmeros segredos, a abandoná-lo?

Que espécies de argumentos lhe haviam seduzido a alma? Por que não haveria de conquistar junto dele uma extensa região? Ela poderia ser uma rainha!

Absorto nessas reflexões, repentinamente tomado pela fúria, saiu para o átrio da grande casa, falando sozinho como de costume, contemplando o céu denso, nebuloso, e ameaçou: — Maldita! pensa que esqueci a sua traição?

Ouça, infeliz, onde quer que esteja, jamais a perdoarei! Se estamos ligados por essas energias que me consomem, meus pensamentos de algum modo chegarão a você.

Saiba que, se não lhe posso apanhar agora, se não posso ter você em meus braços, se meu cálice transborda de cólera a ponto de desejar-lhe matar novamente, os seus morrerão em seu lugar. Aqueles a quem ama sofrerão todo o meu rancor, até que você venha pedir clemência. Já pensou na sua mãe? Velha e viúva, não será difícil empurrá-la de um abismo qualquer, atando-a numa cama, deixando-a tetraplégica; quanto aos seus irmãos, morrerão de fome, mendigos é o que serão.

Desprezou uma vida de luxúria para se envolver justo com os adversários da causa que abracei!

Sim, Maria! dizia ele espumando pela boca em tom irônico, *eu a receberei de volta! Você retornará! Ah, retornará! Seu dia há de chegar!*

Dirigindo-se para as entranhas da casa, subiu as escadarias e perdeu-se no interior.

A situação no vale da desordem era de fato preocupante, grupos levantavam-se contra Ventura; acionados, os guardas responsáveis prenderam Salvius e seus discípulos acorrentando-os. Os causadores de revolução eram confinados em cárceres escuros, condenados a lutarem na grande arena a fim de servir de exemplo aos demais e divertir o povo, além de terem publicamente a família encarnada ameaçada de perseguição. Não permaneceriam, porém, esquecidos pela misericórdia divina.

Após as deliberações, Ventura orientou o chefe da guarda: — Aumente o repertório de lutas, para acalmar essa gente, temos de fazer como os antigos: pão e circo! Anuncie que teremos, ao menos nesse período, três vezes por semana, duas sessões ao dia, um festival orgíaco. Libere e incentive as bacanais. Tragam da Terra, por ocasião do desdobramento pelo sono, centenas de homens e mulheres dedicados à sexolatria.

— • —

Envolvida em nobres serviços, a eleita de Lourenço recebera, por sintonia mental, as ondas-pensamento do amante, perturbando-se intensamente, desfalecendo.

Amparada pelos confrades de serviço, levaram-na à presença de Álvaro que rapidamente lhe aplicara recursos espirituais, ajudando-a no restabelecimento.

Diante da figura paterna do instrutor, ela considerou: — É ele! E me chama! Sua energia me envolve. Será que ele consegue me dominar, mesmo nestes círculos?

— *Acalma-te, Maria, orientou o mentor, a irmã não deve se desgastar. Sem dúvidas estamos em campos superiores, se os pensamentos de Ventura te chegam, certamente é porque tu estavas em sintonia com ele.*

— *É verdade, respondeu a enferma entristecida e, de voz embargada, como se o mentor lhe tivesse revelado um segredo íntimo, prosseguiu:*

Confesso que ainda sinto falta de Lourenço. Por quais laços estamos atados, por quais arcanos nos mantemos sintonizados desta forma?

— *Precisas de calma, Maria, apascentou o orientador colocando uma das mãos delicadamente sobre a fronte da enferma, sabes que o envolvimento que nutrem não é de uma reencarnação apenas. Tua vida esteve à dele entrelaçada por várias existências seguidas, foste igualmente cúmplice, aliciaste almas incautas, explorando-as em nome dele; enganaste, envenenaste e mataste por um amor enlouquecido e, agora, acreditas que esses laços se desatam da noite para o dia? Não! Quando ele te reencontrou, reencarnada, tudo fez por envolver-te e trazer-te de volta. E, infelizmente, tu cedeste aos desatinos dele e, apesar de todo o apoio que te*

enviamos, por meio dos méritos da tua genitora, tu preferiste o preço da insensatez. Desse modo, o processo de liberdade absoluta exige reparo e sublimação dos sentimentos. É certo que haveis de vos encontrardes nas romagens terrenas com o objetivo de recomposição.

— Como é que poderei sair deste torpor que me envolve?

— Basta a mudança de sintonia, filha minha. Para isso, convém que busquemos o Senhor do Universo através da prece.

E orando disse:

Pai e Criador Onisciente!

Todos passamos por experiências reencarnatórias, cumprindo a lei do progresso, que o Teu amor nos impõe.

Compreendemos as nossas limitações, e Tu sabes que as fileiras da ignorância, por onde passamos obrigatoriamente, por vezes propiciam a produção do mal, como simples ausência do bem, em nossa própria vida.

Por isso, Senhor, pela ignorância que ainda grassa em muitos corações, nós Te pedimos misericórdia.

Na Terra, quem seria capaz de lembrar-se e enternecer-se por Lourenço? Quem haveria de amá-lo com tal intensidade?

Teu infinito amor nos permite crer que até os mais terríveis e cruéis dos homens permanecem na barbárie porque ignoram, ainda, a felicidade das regiões celestes, conquistadas com dedicação ao bem, renúncia e sacrifício útil pela humanidade.

Recebe a nossa prece como um pedido de clemência, a fim de que possamos restituir nossos irmãos para o verdadeiro caminho. Nós Te imploramos, Senhor, pois que Lourenço é uma ovelha momentaneamente desgarrada.

Ajuda-nos, Pai, no esquecimento de nós mesmos, rompe a barreira do orgulho, que galvaniza o coração de Ventura, e concede-nos a felicidade de acolhê-lo.

Não Te pedimos que o retires das provas e expiações, mas que o despertes para as verdades eternas, a fim de que possamos todos nos aquecer ao sol do Teu imensurável afeto.

Faze, ó Criador, que nossa prece seja a aurora de um novo período de esperanças, que nossos mais puros e sinceros pensamentos possam chegar até ele para que saiba que nunca estará sozinho, pois, do Mais Alto, corações contristados, porém refertos de ternura, esperam pelo seu ressurgimento no palco da vida...

O mensageiro aos poucos transfigurava-se, de seu coração partiam vibrações poderosas envolvendo os presentes em excelsas emoções. O pensamento equilibrado, direcionando os sentimentos puros, lança-nos sempre a planos maiores.

Maria chorava, acompanhada dos componentes da equipe de Álvaro que, genuflexo no altar do coração, na catedral da consciência, finalizava a prece como num canto de louvor ao mesmo tempo em que se vestia de luz: ... Ajuda-nos a reconhecer que, onde quer que estejamos, Tua presença onisciente, representada pelas Tuas leis, fará sempre o melhor. Por isso, Senhor, colocamo-nos à disposição para cumprir Teus desígnios onde quer que nos envies.

Ainda que seja preciso enfrentar dias difíceis, espinhos na senda, revolta e incompreensão, repetimos com Jesus: “Seja feito como Tu queres!” (Mt 26:39)

Colocamos Tua santa e eterna vontade acima das nossas, pois que reconhecemos ser preciso semearmos o bem onde quer que estejamos, e a Tua soberana vontade é sempre o melhor para todos nós.

Se nada podemos ofertar-Te, por seres o Senhor absoluto do Universo, se nada podemos dar-Te, pois que tens nossa própria vida, aceita ao menos, soberano Deus, nossas pequenas e singelas disposições de cooperação junto àqueles que desconhecem a felicidade do Teu amor.

Concluída a oração, o mentor transferiu a atenção para Maria, dizendo-lhe: Tenhamos paciência e coragem! Logo socorreremos o amor da tua vida. No momento, só nos compete orar. Onde quer que esteja, ele receberá nossas vibrações. Confiemos no Senhor...

Da mesma maneira como os raios do sol atingem os abismos mais profundos, pequena parcela do pensamento de Álvaro atingira Ventura, que fora surpreendido por uma estranha vibração.

A imagem de Maria fora construída de imediato em sua mente, seu coração pulsara de maneira mais intensa, fora envolvido em dulcificantes vibrações, por um ambiente espiritual que nunca desfrutara.

Estático, numa espécie de transe, recordou-se da imagem do próprio Cristo nimbado de Luz, e gritando de horror, chorou.

Ao sair do transe, o imperador da beligerância dirigiu-se novamente para o grande átrio e urrou com tanto ódio que quase se afogou nas próprias palavras: — Maldita! Malditos... sejam... todos vocês!

Desejam me converter? Nunca! Meu coração... jamais pertencerá ao crucificado, jamais!

Como foi, Maria, que alcançou o reino dos céus de maneira tão rápida? Traidora!

O tirano ensandecido trazia os lábios em saliva abundante, os punhos cerrados golpeavam o vazio, os cabelos agitavam-se rebeldes ao vento gélido da região, o cenho fechado uniu as veludas sobranceiras, ao mesmo tempo em que os olhos carminados construíram uma fisionomia de ira, fazendo-o sentenciar:

Maldita! Verão, senhores mensageiros, quem vencerá!

E voltando para a velha habitação, convocou uma chusma de perversos obsessores, programando sua vingança contra os familiares de Maria.

— • • • —

OITO

O testemunho de Casimira

Era uma terça-feira...

Na residência dos Alicante, Casimira preparava-se para a volta ao lar. O dia declinava, e ela tomou a condução, deixando a fausta residência onde prestava valorosos serviços, em direção a um bairro de situação econômica não privilegiada.

De retorno ao santuário doméstico, forte e decidida, abriu a porta do domicílio simples onde os filhos a esperavam. Os braços ternos e cansados envolveram dois jovens de agradáveis vibrações; era a família de Casimira. Preparou rapidamente o jantar, alimentou-se, tratou da higiene, pegou os filhos e retomou a condução rumo ao centro espírita, em que cooperava gratuita e dedicadamente.

Casimira adentrou o templo consagrado ao espiritismo com absoluto respeito. Para ela, a casa era uma oficina de trabalho espiritual, um santuário de exaltação das verdades eternas. Médiun de acurados recursos psíquicos, laborava na seara mediúnica há mais de três decênios; sincera e dedicada, primava pelo estudo doutrinário. Foi com a caridade dos amigos do núcleo espírita que se alfabetizou, nos primeiros anos de contato com a doutrina, mergulhando nos livros da codificação, a fim de entender e viver o Consolador.

No centro de atividades espíritas, palco de reflexões e vivências espirituais, o ambiente era dos mais elevados. Os companheiros responsáveis pela instituição compreenderam a necessidade do estudo sério e do trabalho fraternal no trato com a Terceira Revelação; esclarecendo, assim, os adeptos para que as mentes iluminadas pelo conhecimento produzam frutos de transformação moral. Neste ambiente, não havia práticas exteriores, culto excessivo das personalidades encarnadas ou não. Exaltava-se a mensagem de Jesus e a vivência da doutrina codificada por Allan Kardec. Entre os trabalhadores, de modo geral, a convivência era pacífica; isso permitia aos bons Espíritos laborarem com maior liberdade,

direcionando os seus interesses para a divulgação do evangelho redentor, já que os companheiros encarnados zelavam pela pureza doutrinária, evitando, desse modo, sobrecarregar os benfeitores espirituais.

Casimira atravessou a soleira da porta de discreta sala consagrada às atividades mediúnicas e respeitosamente tomou um dos lugares disponíveis à mesa, aguardando em prece silenciosa o início da reunião. Outros companheiros entraram mantendo as mesmas atitudes.

Eis que o relógio marcara 20 horas. O dirigente encarnado e a equipe de cooperadores, respeitando rigorosa e disciplinadamente o horário convencionado, despertaram de saudável recolhimento. Sobre a mesa, *O evangelho segundo o espiritismo* estudado de maneira metódica, de acordo com a preferência daquele agrupamento; era uma reunião para o intercâmbio espiritual dedicada a abnegada tarefa de desobsessão.

Os benfeitores espirituais aguardavam no mais absoluto silêncio. Entidades perversas eram controladas pela equipe responsável, enquanto outros trabalhadores do mundo dos Espíritos preparavam os médiuns para o sagrado momento do intercâmbio. Após a leitura e comentário de um instrutivo trecho dos ensinamentos de Jesus, o Cristo, os medianeiros recolheram-se concentrados, favorecendo a ligação dos Espíritos perturbadores junto ao instrumental medianímico.

Casos complexos desfilariam pela mediunidade, e mentes desalinhas beneficiar-se-iam daquele santo momento. Tudo se processava conforme as orientações espíritas e sob severa atenção dos instrutores do plano físico e do plano espiritual do grupo.

— • —

O processo de libertação de entidades endurecidas não comporta leviandade. Todo o cuidado e cautela são necessários, pois que se trata de enfermos da alma, altamente inteligentes, e que muitas vezes se sentem ofendidos com o convite de transformação moral.

O obsessor está momentaneamente fora dos caminhos nobres e precisa, para sua reabilitação, de um processo cuidadoso, apoiado na prática do bem e no amor ao próximo. É, antes de qualquer coisa, um nosso irmão, um

filho de Deus, uma alma torturada pelos próprios pensamentos, que retornará fatalmente para o caminho do progresso espiritual. Os grupos que participam de tarefas nessa área, assim como em qualquer atividade espírita, precisam zelar pela autenticidade dos princípios esposados, esforçando-se no campo da renovação moral, dando demonstrações de assiduidade e benemerência, a fim de que os instrutores possam confiar maiores serviços àqueles que se voluntariam para o labor cristão. Preparo e equilíbrio no âmbito das emoções são aspectos essenciais para os que desejarem laborar nesse campo. Não basta sensibilidade espiritual, é preciso disciplinar os sentimentos; não basta uma antena psíquica receptora de pensamentos desencarnados, é mister direcionar, através da ética cristã, o mecanismo da sintonia para planos superiores que nos credenciarão a assistência de entidades bondosas, garantindo, junto ao grupo mediúnico, o amparo necessário para o bom termo da atividade espiritual.

Toda a tarefa séria e com objetivos superiores na área da mediunidade não comporta aventureiros e moral menos desenvolvida. Se os recursos psíquicos representam a manifestação do sagrado na Terra, o maquinismo deve ser santificado pelas atitudes cristianizadas do sensitivo. No labor para com a desobsessão, todas essas observações precisam ser vividas a fim de que se possa cooperar de maneira eficaz com os planos maiores.

Assim, a origem do processo obsessivo, isto é, a ação insistente, dominadora, prejudicial de um Espírito sobre o outro, ligado ao corpo ou fora dele, obedece a critérios gerais. Pode dar-se por dívida de um Espírito para com outro, contraídas nesta ou em existências anteriores; por afinidade moral junto a vícios e desequilíbrios humanos; pela falta da valorização e execução do bem, deixando o ser vulnerável a qualquer influência negativa ou como provação.

A liberdade definitiva também segue leis gerais. Pode ocorrer pelo esforço do obsidiado que, dando testemunho de transformação íntima ao desencarnado, consegue convencê-lo da sua real metamorfose. Do Espírito perseguidor que se arrepende e se modifica para melhor, libertando a vítima de fato do seu domínio, ou desiste da perseguição diante da resistência

moral do perseguido. A ajuda dos abnegados servidores na arte da desobsessão, tanto encarnados como desencarnados, da mesma maneira pode auxiliar para o melhoramento dos que sofrem. A rigor, no processo de evolução, todos temos o que reajustar no campo do relacionamento humano.

Por isso, a tarefa de desobsessão será, inegavelmente, uma oportunidade de retomada do caminho redentor para a vítima e para o algoz. Entretanto, nem sempre o que padece a perseguição espiritual é o mártir; muitas vezes, ele é o próprio malfeitor de outrora reencarnado, suportando as consequências naturais dos erros, vícios e ódios cultivados. E a nova existência dar-lhe-á o ensejo de se encontrar com os desafetos de ontem que podem, a pretexto de reabilitação, apresentar-se no corpo físico ou fora dele.

Nada escapa aos “olhos” de Deus! E se processos como esse se instalam na Terra é porque ainda cultivamos valores que nos ligam a planos infelizes. A Lei é de harmonia universal, enquanto não estivermos em comunhão com os editos divinos, através de nossas boas ações e de uma vida espiritualizada, sofreremos, como lei natural, o retorno de nossas atitudes infelizes, tanto na Terra como nos planos espirituais. Recordemos Jesus: (...) o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus. (Mt 16:19) Daí, a necessidade das explicações espíritas e a preparação de seareiros para o atendimento àqueles que sofrem por atuações assim. As reuniões mediúnicas para esse mister devem prever exposições evangélicas convidando os assistidos à renovação espiritual, aplicando ainda ao grau de entendimento comum as informações básicas sobre os processos de influenciação espiritual.

No sagrado momento do intercâmbio mediúnico, a presença do assistido ou de qualquer público geral não é recomendada, uma vez que a curiosidade, o medo, a descrença, a ironia, o escárnio ou a simples indiferença podem comprometer os mais complexos e intrínsecos projetos de reabilitação elaborados pelos mentores responsáveis. A reunião mediúnica não é um palco onde personagens fictícios narram seus dramas, é

história viva e dinâmica de almas realmente sofredoras que carecem da discricção e de verdadeira fraternidade para o início do seu restabelecimento.

O medianeiro é o irmão em humanidade portador da faculdade mediúnica que lhe possibilita estar no meio, entre a “terra” e o “céu”, entre o mundo físico e o espiritual. Detentor de valiosa ferramenta recolhida nas oficinas celestes, assumindo o compromisso com o progresso ético e a cooperação com a harmonia universal. À medida que trabalha de maneira abnegada, expia, prova ou recompõe, numa mesma experiência ou em várias reencarnações, os débitos que tenha adquirido em ocorrências pretéritas, além de aprimorar suas potencialidades intelecto-morais e restaurar com o bem as atitudes menos dignas que esperam reparações. Em geral, os médiuns são pessoas que lutam para se livrar dos erros de antanho. Quando abraçam a tarefa e fazem da mediunidade um mediunato, os portavozes dos Espíritos dispõem de larga e valorosa proteção espiritual, granjeiam a simpatia dos benfeitores, tornando-se verdadeiros intérpretes do amor.

Porém, a vida mediúnica não está livre dos escolhos, e um dos maiores problemas no âmbito da mediunidade é exatamente a perseguição dos adversários do bem e a ilusão de certos médiuns que os faz crerem na enganosa infalibilidade mediúnica. Sempre que o orgulho rondar o medianeiro, a mediunidade corre perigo. Todavia, a providência divina poderá permitir que certas experiências, aparentemente negativas, efetuem-se junto a certos médiuns para experimentá-los na tarefa, fortalecendo-os na jornada que abraçaram.

Por isso, é essencial que os portadores das faculdades psíquicas aperfeiçoem-se no estudo doutrinário e no exercício das capacidades espirituais. Deverão, ainda, conscientizarem-se de que mediunidade é sinônimo de renúncia e desprendimento.

Toda a reunião mediúnica demanda critério e empenho; ao medianeiro restará a satisfação de cooperar, devendo atribuir ao Criador todo e qualquer mérito pelas tarefas desenvolvidas.

Era sublime notar, no decorrer das atividades, como os médiuns, esclarecidos pelo espiritismo, exerciam o mandato mediúnico. Ao sinal do instrutor espiritual, os tarefeiros do além fizeram a aproximação das entidades necessitadas. Os medianeiros não executaram nenhuma espécie de escândalo, esforçando-se por manter a ordem e a disciplina nas comunicações. Notava-se perfeitamente como o trabalho rendia. O intercâmbio processava-se com naturalidade e fraterno carinho.

Casimira intermediava Espírito difícil sem se exaltar. Tudo transcorria com espontaneidade. Ao término dos atendimentos, quando os intérpretes dos Espíritos se recompunham com a elevação do pensamento a Deus, buscando sintonias superiores, o dirigente encarnado preparava-se para fazer a prece final, aguardando apenas a possibilidade da comunicação espontânea dos amigos espirituais.

Nesse ínterim, o guia mediúnico de Casimira pediu permissão para falar com o responsável espiritual pelo trabalho. Concedida a entrevista, o orientador mediúnico considerou: — Caro amigo, é sempre bom contarmos com o teu concurso dedicado e fraterno.

Há mais de três decênios trabalhamos juntos em perfeita sintonia. Agora, aquela que me é intérprete junto aos homens entrará num período de provações, um processo intrincado de poderosa obsessão. Álvaro é quem está lutando por abrandar corações revoltos. Nossa cooperação poderá facilitar o seu serviço. Espíritos perversos virão atrás de Casimira com o propósito de aniquilá-la, com medo de que ela acenda as luzes do Consolador na casa dos Alicante, onde nossa irmã trabalha.

Precisaremos apoiá-la, evitando que uma grande parte da perturbação espiritual, que ora se levanta, venha a atingi-la. Assim, as dificuldades que passar figurarão na conta de provas, dando-lhe a oportunidade de testemunhar tudo aquilo que ela vem estudando e aprimorando durante todos esses anos. Desta maneira, fortaleceremos Casimira para que ela fortaleça os Alicante.

Enquanto os Espíritos superiores conversavam ao término da reunião, Osório, obsessor ligado às fileiras de Lourenço Ventura, reunia-se com seus comparsas analisando a ficha da médium.

Apresentou-se às portas do centro espírita no qual Casimira trabalhava, tentou entrar e foi francamente barrado. Vibrações poderosas os repeliam, além dos Espíritos responsáveis pela segurança espiritual da instituição.

Voltando-se para os seus, esclareceu frustrado: — É! este é um educandário com excelentes propósitos espirituais, não será fácil invadi-lo!

Teremos que encontrar outros meios para nossa perseguição. Quem sabe aguardando Casimira sair, poderemos acompanhá-la até sua residência a fim de verificarmos quais as nossas reais condições de atuação.

— • —

Lá dentro, na sala mediúnica, o guia de Casimira recebeu anuência do diretor espiritual da sessão para transmitir suas palavras orientadoras. Embora objetivasse instruir Casimira, as considerações do guia mediúnico seriam proferidas em linguagem geral a fim de ser aproveitadas por todos os componentes da reunião.

Ele aproximou-se ternamente da médium, envolveu-a em fluidos dóceis e vibrantes, direcionando-lhe os pensamentos que ecoavam através da psicofonia desta maneira: — Queridos irmãos, paz a todos!

Servidores da mediunidade, eis que um novo Pentecostes se faz com a doutrina espírita. O espiritismo revive, de maneira atuante, aqueles acontecimentos do início do cristianismo. O cenáculo, hoje, é a sala mediúnica, e as línguas de fogo pairam sobre todo aquele que assumiu o compromisso com o mediunato.

O portador de tão delicada ferramenta, o candidato ao discipulado na mediunidade com Jesus precisa compreender que, apesar das suas lutas diárias, terá naturalmente, como qualquer criatura humana, a necessidade de provas e expiações. A vida psíquica não traz privilégios nem regime de exceção para aquele que aceitou o mandato mediúnico.

Ser intérprete entre os dois planos da vida é cooperar com a obra da criação, ao mesmo tempo em que se repara os erros do passado, colocando-se à disposição para ser a ponte, por meio da qual os incautos podem ser socorridos, a trombeta que soa despertando os que dormem o sono torpe do materialismo, a candeia que deve iluminar, pelos esclarecimentos que oferta, aqueles que padecem nas trevas da ignorância.

Carregar este lampadário é assumir um compromisso com o sagrado, é ter a chave de acesso ao intercâmbio espiritual.

Portar este luzeiro é iluminar-se primeiramente, comprometendo-se a mantê-lo aceso em condições de uso pelo tempo que as leis divinas determinarem.

As faculdades psíquicas devem cooperar no planeta para o avanço da humanidade; ser o intérprete entre o “céu” e a “terra” não se converte em privilégio, mas na santa oportunidade de se promover o adiantamento espiritual.

Dessa maneira, compreendendo o médium como um tarefeiro necessário, como todos os outros companheiros sérios e respeitáveis que executam as mais variadas tarefas na seara do Cristo, não estará livre dos reveses da vida, das investidas das trevas. Desde que permaneça com Jesus e Kardec, estará fortalecido para suportar e vencer!

Muitos inimigos da verdade desejam destruir a lamparina mediúnica; por isso, companheiro da mediunidade:

segue confiante na certeza de que a faculdade medianímica representa a misericórdia divina reluzindo sobre a Terra;

valoriza as horas no mundo aperfeiçoando, no centro espírita, em trabalho disciplinado e bem instruído, tua capacidade de intercambiar os Espíritos;

consagra ao Senhor todos os frutos do serviço das entidades venerandas executados por teu intermédio;

afasta-te do comércio das forças psíquicas, empregando-as como recebeste: gratuitamente;

livra-te do orgulho e da vaidade que poderiam comprometer-te junto aos propósitos que abraçaste;

coloca-te em estudo constante, tendo O livro dos médiuns a nortear os teus caminhos;

leva sempre a tua produção mediúnica ao tribunal severo dos companheiros dirigentes, esclarecidos e dedicados, aceitando a sentença com doçura, ânimo e humildade; se justa, aplica os conceitos a fim de te melhorar; se injusta, aproveita a oportunidade para exercitar renúncia, paciência e resignação;

livra-te do personalismo, lembrando-te de que o trabalho não te pertence e as ideias dos Espíritos amigos deverão passar pelo crivo da razão daqueles que, no mundo, têm o dever de zelar pela pureza e fidelidade doutrinárias;

evita, quanto possível, o trabalho isolado; aceita o convívio de companheiros mais experientes e dedica-te à prática do bem onde estiveres; se porventura os adversários da causa cristã te buscarem, atormentando-te a alma, recorda-te de que o Cristo suportou pacientemente os inimigos da verdade encarnados e desencarnados;

recorre à prece e conscientiza-te de que, se foste chamado para o testemunho na arena da vida, é porque tens condições para isso; quando os inimigos do amor te envolverem, quais feras impiedosas mostrando garras e mandíbulas, remonta ao circo romano e sê corajoso, entoando teu canto de confiança e resignação a Deus; o criador não te deixaria passar pela experiência do sacrifício se não soubesse das tuas reais condições de vitória;

quando os obsessores perversos de ti se aproximarem, aceita com paciência a presença de almas atormentadas e aguarda trabalhando no bem;

se atado ao poste do martírio, sê resignado e enfrenta as investidas das sombras com dignidade e paz de consciência, tolerando os

inimigos da bondade, a fim de que a tua luz seja um guia de libertação aos que se perdem nas trevas.

Desde que sigas esses preceitos, nunca estarás na solitude, vozes amigas e mãos intangíveis sustentar-te-ão nos momentos difíceis.

Não te negues ao sacrifício, aceita a ocasião, pois que mediunidade a serviço do bem comum é crucificar-se cada dia um pouquinho.

Tem caridade para com os obsessores lembrando-te de que tudo o que te fizerem, tudo o que te retirarem, além de servir-te como ensejo para provar tuas capacidades espirituais, ser-te-ão restituídos pela lei de causa e efeito, em momento oportuno designado pela providência divina.

Coragem e confiança! o Senhor do Universo a todos conduz, protegendo-nos e amparando-nos de maneira paternal.

Mediunidade bem conduzida, iluminada pelo espiritismo, levar-nos-á indubitavelmente ao crescimento espiritual. Forja tua fé no fogo do testemunho, prepara-te para o bom combate (2Tim 4:7) utilizando-te do trabalho como tua armadura protetora. Faze, enfim, da tua mediunidade um mediunato de luz e amor.

— • —

Terminada a comunicação, o dirigente encarnado encerrou a reunião com olhos marejados. O guia de Casimira, colocando o coração nas palavras, imprimira no ambiente simples vibrações sinceras emocionando os partícipes que traziam os olhos úmidos e a alma invadida por irradiações dulcificantes.

Finda a sessão, acenderam-se as luzes e todos se perguntavam intimamente quem dentre eles seria chamado ao testemunho, quando o responsável pelo agrupamento no âmbito físico orientou sob inspiração dos benfeitores: — *Estejamos atentos e aceitemos de boa vontade o que a providência divina nos legar; continuemos trabalhando com tranquilidade, aguardando os acontecimentos naturais da vida. Não nos cabe o sentimento indiscreto da curiosidade fria, muito menos o desrespeito de identificação da personalidade conclamada ao testemunho. Creio que todos*

estamos na Terra passando por expiações e inúmeras provas, o mais importante é aceitarmos as orientações dos benfeitores que, esclarecendo de modo geral, preservam o anonimato daqueles que passarão por tal experiência a fim de não expor os companheiros aos comentários desnecessários. Continuemos, portanto, firme e alerta, vigiando e orando, trabalhando e servindo com resignação...

— • —

Casimira, de algum modo, entendeu que ela seria chamada ao testemunho. Enquanto o dirigente pronunciava as considerações gerais aos trabalhadores do agrupamento, ela fez, de forma fervorosa e em silêncio, esta pequena prece: — Senhor, seja feita a Tua vontade!

Naquela hora, luzes sublimes envolveram a médium dedicada; seu guia mediúnico, igualmente emocionado, acompanhado do mentor espiritual do trabalho a ela enlaçaram-se, como que num abraço luminoso, prometendo, naquele templo de amor, diante de tão dedicada e valorosa cooperadora, ampará-la quanto possível, dentro dos limites das provações individuais de cada ser humano.

Concluída a tarefa da noite, quando todos se despediam de maneira verdadeiramente fraterna e discreta, Casimira, acompanhada dos filhos que estavam rigorosamente matriculados nas reuniões de estudos espíritas apropriadas à idade, dirigiu-se para a via pública, aguardando o transporte coletivo.

Nesse período, Osório, identificando-a através de Olavo, eleito por Agenor para acompanhar a ocorrência, fez companhia junto ao assento do transporte público. E, nesse momento, iniciou verdadeira função de legista espiritual. Analisando Casimira, sondando-lhe a personalidade, verificou que:

- a médium oferecia-lhe larga afinidade fluídica;
- não guardava qualquer desejo de projeção social;
- entendia a mediunidade como coisa santa e a praticava santamente como orientam os preceitos espíritas;
- era absolutamente sincera em tudo quanto fazia;
- oferecia grande facilidade para passividade na comunicação mediúnica;
- apresentava animismo bastante reduzido;
- dispunha caridade verdadeira, além de real desejo em servir ao próximo.

A candidata ao testemunho desceu da condução com os filhos, acompanhada dos Espíritos de Osório, Olavo e outros malfeitores do além.

Embora os adversários vibrassem de maneira negativa, as irradiações não atingiam Casimira que estava sintonizada com esferas mais altas e acompanhada dos seus protetores. A médium adentrou pela porta da própria residência recolhendo-se na intimidade do lar; os dois filhos, nos anos da juventude, beijaram-na suavemente, tomaram frugal refeição e, após conversa informativa sobre os principais acontecimentos do dia, leram pequeno trecho de *O evangelho segundo o espiritismo*, teceram comentários edificantes e despediram-se num doce boa noite.

Osório permanecia perplexo. Olhava a ficha e considerava: — Seria possível que aquela vassala pudesse ter se desenvolvido tão largamente no campo das capacidades morais? Que tipo de Espírito seria esse? De que regiões celestes teria vindo?

O ambiente espiritual da casa era muito bom. Aquela família era admiravelmente equilibrada. Logo, o servo de Lourenço percebeu a dificuldade que teria para a implantação da sua proposta naquela atmosfera doméstica e ricamente abençoada pelas atitudes cristãs dos moradores. Decidiu, então, de posse das anotações, retornar e conversar com Agenor para traçar novas diretrizes.

— • —

Nos planos espirituais inferiores, Ventura preparava-se para a retaliação. Congregou uma coorte de trabalhadores e anunciou: — Eu mesmo irei até a mãe de Maria, a meretriz. Igualmente destruirei a vida deles, como fiz com todos os que me desafiaram.

Afastar-me-ei destas paragens momentaneamente a fim de concluir os meus objetivos. Os guardas já receberam reforços. Aumentamos as bacanais, providenciamos vários números para o nosso circo, o que evitará naturalmente as rebeliões. Estejam atentos e, ao menor problema, avisem imediatamente.

E passando um papel para sinistro cooperador continuou: Este é o endereço da mãe de Maria onde me encontrarão para as decisões de casos

graves.

Encerradas as diretrizes das sombras, exigiu saíssem todos de sua presença e num bater de palmas, imitando os tolos imperadores, fez chamar os servos, os responsáveis pelo protocolo.

Trouxeram-lhe uma capa púrpura, ataram-lhe às roupas medalhas nobiliárquicas, além de uma tiara, coroando-lhe a fronte. Ele pediu o cetro e exigiu a liteira. Era a loucura revivendo as ilusões materiais de tempos remotos e bastante antiquados.

Servos hercúleos conduziram-no até os limites das regiões sombrias. Levava consigo um séquito que o acompanhava com passos firmes. Enquanto percorriam a extensa região, sentindo-se mortalmente ferido, refletia: — Ah! Maria! por quê? Poderíamos governar juntos!

Agora terá de suportar! Seus familiares é que vão sofrer até que você venha me pedir perdão e volte para mim!

— • —

Ele cofiava a grossa pera, enquanto os olhos luziam. Foi nesse momento que a liteira estacou à frente de uma casa absolutamente simples. Na rua, espiritualmente, a comitiva das trevas impressionava. Vários Espíritos desencarnados sem rumo, presos a estas ou aquelas lembranças, aproximavam-se curiosos.

Um dos servos estendeu-lhe subserviente as mãos, e o louco das trevas colocou o cetro para fora, cravando-o violentamente na terra; estendeu uma das pernas com firmeza no solo; levantou curvando-se bem devagar, retirando o capuz purpúreo. Agora, em pé e imponente, fitou a porta de entrada, quando foi surpreendido ao verificar que um dos seus melhores homens cruzava a entrada principal da residência: — Osório! gritou o imperador da maldade. O que faz aqui?!

Surpreso e envolvido por certo pavor, o servo respondeu: — Cumpro as suas instruções, senhor!

— *Minhas?!*

— *Sim, magnânimo! Agenor me colocou aqui. Acompanhame Olavo que o senhor conhece, ele é um dos seus gladiadores, e coopera comigo nesta*

missão.

E, desejando sondar os objetivos da empreitada dos seus servidores, perguntou com desconfiança e ironia: — Quem é que mora aí?!

— *É Casimira, senhor! a empregada dos Alicante, que nos ameaça a obra com propósitos superiores: ela deseja converter Valério para o espiritismo!*

O adversário-chefe inicialmente não acreditou e, lívido, perguntou esbravejando: — O quê?! Como pode ser isso?! A mãe de Maria matriculou-se na casa dos Alicante?!

Que mistérios são esses? Por quais razões a humanidade se entrelaça dessa maneira? Por quais arcanos nos esbarramos e nos influenciemos reciprocamente?!

E após o surto de indignação, lançou uma estrondosa gargalhada, assustando os curiosos presentes, concluindo a seguir: Ótimo! acabaremos com eles de uma só vez.

Se a mãe de Maria é a serva da família infeliz que desejamos destruir, aguardando-os do lado de cá, saberemos neutralizá-la duplamente. Mais um motivo para que eu me empenhe na finalização deste caso.

Agora diga, continuou imperativo, por que está indo embora?

— *Ah, senhor! exclamou o servo, é porque Casimira é portadora de vários recursos espirituais e temo que, sozinho, não darei conta.*

— *Portadora de quais recursos?* perguntou o chefe desconfiado.

Imprimindo na face assombro, Osório declarou: — É detentora dos conhecimentos do Consolador, da doutrina espírita, aquela doutrina que...

— *Cale-se criatura, eu sei do que fala o espiritismo! Isso é inadmissível, teremos de destruí-la a qualquer custo!*

Diga-me, continuou o tirano das sombras, esta infeliz guarda compromisso com a mediunidade?

— *Não só isso, senhor, ela a executa de forma verdadeiramente cristã. É espantoso notar sua dedicação! Com isso, tem atraído a atenção de vários benfeitores espirituais. A casa é praticamente inviolável, guarda recursos*

vibracionais da melhor espécie! A dificuldade aqui é imensa e creio que pouco conseguiremos.

— *Impossível, redarguiu Lourenço, temos de usar todos os nossos recursos. Começemos por recepcioná-la do lado de cá, por ocasião do sono físico!*

— *Ouçam, disse o êmulo da paz, voltando-se para o séquito de servidores, cerquem a residência, porque evocaremos forças terríveis.*

Executadas as primeiras ordens, Lourenço Ventura, ladeado por Osório e Olavo, colocou-se à frente da porta. Era preciso aguardar que Casimira se desprendesse parcialmente do corpo.

Atenção, gritou o cesarista, quando ela cruzar a soleira, nós a agarraremos. Enquanto isso, preparemos o ambiente cantando uma das nossas marchas a fim de que nossos pensamentos negativos envolvam a psicofera da casa.

— • —

Álvaro, o mentor espiritual, avisado pelo guia de Casimira sobre as dificuldades por que teriam de passar, mobilizou-se com rapidez. Congregou um grupo de dedicados companheiros bem experientes para o socorro à Casimira e, brevemente, eles surgiram na casa da médium.

— • —

Casimira aos poucos se desdobrava, Álvaro abriu-lhe os braços paternos, ao mesmo tempo em que os membros da equipe iluminada igualmente recepcionavam os filhos da viúva.

— *Não temos tempo para explicar, disse o mentor, convém que saíamos de imediato.*

E, envoltos nos braços dos benfeitores, foram conduzidos para outras regiões espirituais, sem serem notados pelos adversários.

Lourenço aguardava impaciente enquanto as horas corriam.

— • —

Em círculos maiores, os Espíritos amigos tomavam providências: — Casimira, minha filha, disse o mentor afavelmente, agora para ti será um momento de sublimes testemunhos. Lembra-te da tua filha, Maria?

— *Sim, lamento que ela ainda esteja padecendo nas regiões inferiores, escolheu um caminho difícil e a todos nos abandonou, encontrando a morte em uma das várias casas de tolerância do nosso país.*

Meu coração sofre, ainda hoje, por saber que falhei em minha missão!

— *Não, Casimira, tu não falhaste!* apaziguou o amigo espiritual. *Simplesmente tua filha preferiu o caminho mais difícil, desprezando tua experiência e teus conselhos. Podemos assegurar-te de que ela já foi resgatada e agora labora em nossas oficinas espirituais, reequilibrando-se.*

— *Será possível?! disse Casimira entre lágrimas e agradecimentos. Minha menina arrependida?! Finalmente!*

Onde ela está? Quero abraçá-la, bendizê-la, beijá-la! Posso vê-la?

— *Não, Casimira, no momento, não.*

Maria ainda não tem méritos para receber a tua visita e o teu concurso. À medida em que ela trabalhar desprendida e devotada, granjeará os recursos necessários para merecer receber-te. Por tudo isso, desejamos falar-te:

Lourenço Ventura, o adversário que iludiu e desviou tua filha, explorando suas tendências viciosas, não se conformou com o arrependimento de Maria e agora, como não pode atingi-la diretamente, deseja vingar-se por meio dos seus familiares. Além do mais, o tirano é o mesmo que está conduzindo a perseguição espiritual contra Murilo, Valério, Catarina e Judite! Assim, minha irmã, tu serás odiada e perseguida duplamente!

— *Bom amigo, disse a intérprete da verdade, eu estou pronta e à disposição para, em nome do Cristo, enfrentar toda e qualquer dificuldade que a providência divina julgar necessária.*

Álvaro sorriu de maneira emocionada e satisfeita, acrescentando: — *Louvado seja o Senhor da vida pela tua boa vontade em contribuir para a libertação de várias criaturas enfermas. Tratemos, assim, das questões práticas: Serás tentada nas tuas dificuldades e naturais imperfeições; talvez sejas desacreditada mediunicamente e tenhas de suportar ambientes fluídicos dos mais difíceis.*

Casimira respeitosamente interrompeu o mentor com estas firmes palavras: — Estou à disposição! Que Deus a todos nos abençoe. Verificando a firmeza da mãe de Maria, Álvaro envolveu-a em fraternal abraço, finalizando:

— *É preciso retornarmos, pois que, se Deus nos permite passarmos por provas, não nos impede de sermos fortalecidos pelos amigos que permanecem na retaguarda.*

— • —

O mentor tomou Casimira e seus filhos, retornando todos para a residência da médium.

Lourenço já havia perdido a pouca paciência de que dispunha, uma vez que os primeiros raios da manhã já surgiam.

— *Vamos ter de entrar e arrancá-la à força!*

— *Senhor, advertiu Osório, o clima espiritual é sublime, difícil de suportar; quase fui expulso de lá, quando leram e comentaram o Evangelho, elevando-se espiritualmente!*

Eles ainda conversavam quando intensa luz se fez presente. Era Casimira e os filhos que chegavam à residência, vindos de planos mais altos, acompanhados por uma milícia de luz, verdadeiros arautos dos céus.

Nesta hora, Lourenço urrou:

— *O que é isto?! Uma emboscada?*

— *Não, respondeu Álvaro, o mentor da concórdia. Isto é o amor em ação!*

Lourenço, meu filho, Casimira é portadora de recursos espirituais santificados na forja das reencarnações edificantes, o que lhe confere esta proteção espiritual. Tua ação aqui, continuou o instrutor, será bastante limitada.

— *Disse muito bem, retrucou o inimigo, limitada, não impossível!*

Eu saberei explorar as tendências da sua serva, saberei aproveitar-me da sua invigilância. É certo que fora do centro espírita e do próprio lar, na vida diária, diante dos desafetos, ela será vulnerável. A casa em que

trabalha como doméstica e vassala já foi cercada e está sob nosso domínio; lá é que nós a pegaremos, será o palco do martírio, o circo sangrento.

Entretanto, continuou o perverso de maneira irônica, se você quiser, Álvaro, isso tudo poderá ser evitado! Devolvam-me Maria e eu deixarei estes infelizes de lado, traga a meretriz, e Casimira ficará livre, longe dos meus interesses.

— Ora, meu filho, continuou o instrutor, por acaso mercadejas com a vida humana? Onde encerras teus valores? Acaso somos donos uns dos outros? Retornas ao tempo da escravidão? Trazemos na bagagem espiritual títulos que nos identificam como proprietários deste ou daquele?

Desconheces, então, que o grande Senhor de todos nós é o Deus da Vida? E com a vida não se faz barganha!

Maria escolheu o caminho da salvação, do progresso espiritual, e Casimira estará disposta a suportar estes momentos. O cristão verdadeiro não foge à hora do sacrifício. Enquanto tu te complicas, ela progride de maneira lúcida. Tu terás de recompor tudo quanto fizeres a Casimira, pois que não há uma única imperfeição que não fique sem punição, da mesma maneira que não há uma só virtude que fique sem recompensa.

O irmão não desconhece as implicações das leis espirituais nas quais todos estamos inseridos. Volta a atenção para a realidade, escuta o chamamento que a Providência te faz!

— Basta! interrompeu Ventura, com um grito de horror. Não tenho tempo para ouvir sermões! Não criarei contendas com você. Eu voltarei a fim de executar os meus propósitos, você não estará o tempo todo ao lado dela.

Casimira! ameaçou o perverso. Prepare-se! Se está pronta para o sacrifício, eu trago o madeiro e os cravos!

Sofrerá duplamente! Primeiro por ser a mãe da meretriz atrevida e, segundo, porque ameaça meus planos na casa dos Alicante.

Prepare-se mulher, ficará aleijada, seus filhos virarão mendigos, seu coração saltará para fora do peito de tanta dor e a sua Maria rastejará me

pedindo para aceitá-la de volta. Meu retorno será meticulosamente planejado!

— • —

O embaixador da discórdia bateu o cetro da cor do ouro de encontro ao solo, um servo recolheu-lhe a capa púrpura e ele caminhou com passos firmes para dentro da liteira pronunciando improperios. Acomodou-se, deu ordem de comando e retornou para as regiões de dor.

— • —

Na casa, o ambiente espiritual tranquilizava-se, Álvaro aproximou-se lentamente da médium em provação e esclareceu: — *Filha, prepara-te!*

De fato, não poderemos estar contigo todo o tempo que gostaríamos. Por isso, advertimos-te quanto à necessidade de vigilância e oração. (Mt 26:41) Pelas tuas conquistas espirituais terás um natural auxílio. Ele tentará usar os teus próprios filhos e aqueles com quem convives mais de perto. Terás o coração abalado nas fibras mais íntimas, recorda-te, porém, de que tua filha querida está libertando-se! Sê corajosa, a vitória virá no futuro.

— • —

Casimira estava com os olhos refertos de lágrimas, expressão preocupada, mas de pensamentos confiantes. Lembrou-se dos processos obsessivos, recordando-se de que, se Deus permite-nos reencarnar num mundo de provas e expiações, onde o mal ainda predomina, é porque necessitamos das experiências aqui recolhidas para o nosso desenvolvimento intelecto-moral.

— *É isso mesmo, disselhe o mentor captando-lhe as ondas mentais, aprendeste de maneira lúcida os esclarecimentos espíritas, que traduzem as leis morais que regem o universo íntimo de cada um de nós.*

Se suportares resignadamente, estarás contribuindo para a libertação espiritual de milhares de Espíritos; frutos que estás longe de compreender!

Vai, filha, retorna para o corpo e continua trabalhando, honrando o Senhor com a tua dedicação e a tua honestidade. Permanece firme na

jornada e nós sustentar-te-emos o quanto pudermos. Estamos ligados pelo pensamento e, o quanto as leis divinas permitirem, estaremos contigo.

— • —

Eles abraçaram-se longa e afetuosamente.

O tilintar do relógio fez com que Casimira despertasse para mais um dia de intensas atividades, sem registrar na memória a clareza dos acontecimentos desenrolados na vida do infinito, guardando apenas a sensação de que de algum modo deveria vigiar mais e orar na mesma intensidade.

— • —

Na casa dos Alicante o dia começava...

Casimira laborava de maneira muito competente. A essa altura, Agenor já encampara novo processo de atuação e desdobrava-se em providências, quando Osório e Olavo apresentaram-se, contando ao superior tudo quanto presenciaram junto a Lourenço Ventura.

— *Agenor, meu camarada, eu avisei que o intento poderia se complicar. Esta não é uma médium comum!*

— *Não?! perguntou o coordenador espantado.*

— *Ela é honrada, dedicada, evita a vaidade etc., etc., etc... Temo que não conseguiremos, até Ventura se impressionou!*

— *Como assim?! Ventura já está sabendo?*

— *Você não sabe de nada! Houve uma coincidência terrível!*

— *Lembra-se de Maria, a predileta de Ventura?*

— *Sim, claro! e quem não se lembra daquela formosura?!*

— *Pois bem, ela mesma! Recorda-se de que as informações que nos chegaram diziam que ele iniciaria a perseguição tirânica para com os familiares dela?*

— *Sim, me recordo!*

— *Pois é, a mãe de Maria é simplesmente Ca-si-mi-ra!*

O obsessor, arregalando os olhos, abriu a boca e espalmou a destra sobre a fronte dizendo: — Não creio!

Por quais mistérios estamos todos ligados? Sempre nos esbarramos, como se a convivência em sociedade fizesse parte de alguma lei misteriosa, e ainda como se a vida nos solicitasse reajuste de tudo quanto desajustamos!

— • —

Um clima de suspense e medo fez-se, como se os obsessores estivessem dando-se conta de que uma inteligência divina, de fato, tudo provê e prevê para que a harmonia universal se faça.

— • —

— *Essas coisas, continuou Agenor, eu não consigo entender! E o resto? Vamos, conte-me!*

— *Nosso mestre ficou irado diante da proteção espiritual de que Casimira possui. Diante da luminosidade do mentor que a acompanha, ele teve de se retirar, voltando para as regiões inferiores, preparando-se para um novo ataque; eu temo que ele venha nos procurar; prepare-se, você sabe como ele nos trata quando está colérico!*

— *Será que ele irá nos procurar?* perguntou Agenor, num misto de medo e espanto.

— *Não sei, respondeu o camarada, o melhor é nos prepararmos e darmos demonstrações de competência antes que venha a cobrança.*

— *Ora, como dar demonstrações de efetiva realização, se nosso próprio chefe não consegue acabar com as luzes que envolviam a mansarda da vassala? Como é que ele deseja que executemos tarefas que estão além das nossas forças!*

Agenor, colocando a destra sob o queixo em atitude reflexiva, dizia de maneira irônica e compassada: Então a vassala é realmente portadora de recursos espirituais superiores!

E num repente asseverou:

Ela verá o que é bom, vamos colocá-la à prova, vejamos se realmente tem disposição, paciência e autoridade moral para nos suportar e vencer. Eu compro essa briga, agora quero ver quem pode mais.

— *Temos de ir com calma, considerou Osório, se ela acender as luzes do evangelho consolador nesta casa, estaremos condenados.*

Chamando o camarada de lado, o preposto de Lourenço finalizou eufórico e rumorejante:

— *Nós estamos acentuando nossa atuação junto a Murilo. Marcus Augusto, sem saber o que lhe espera, tem nos prestado bons serviços, e o Murilinho continua adoecendo e atormentando Valério. Sua esposa se perde cada dia mais com o amante; agora é estreitar o cerco, aguardar os resultados e as próximas ordens de Lourenço.*

Vá, ordenou malvado, leve Olavo consigo, instruindo-o em nossa arte; ele ainda não deve se encontrar aqui com Marcus Augusto.

— • • • —

NOVE

Obsessão na infância

V

além começava a se desesperar. Conversava com os amigos e estes orientavam-lhe a visita a várias igrejas cristãs.

Pegou o menino no colo e notou que havia perdido a expressão de boa saúde, o corpo dava demonstrações de cansaço constante, como se uma grave moléstia lhe retirasse as forças vitais. A cada dia, o rosto pálido e os olhos tristes denunciavam o estado de total prostração do pequenino.

Os exercícios educacionais foram suspensos, as atividades lúdicas com os amigos, igualmente retiradas; e, aos poucos, sob a atenção dos adversários, Murilo ficava lacônico e Catarina, cada vez mais ausente.

— *Será que não está esquecendo de que tem um filho? Por onde andou o dia todo?* perguntou Valério entre firme e decepcionado.

— *Não sabe que tenho compromissos para cumprir,* respondeu Catarina de maneira ríspida.

— *Esqueceu que combinamos de nos apresentar diante das igrejas na busca de algo superior que pudesse beneficiar Murilo?!*

— *Ora! você sabe que não tenho nenhuma simpatia para com os templos cristãos. Os pontífices sempre me cansaram e, depois, tenho dificuldades de compreender o Deus apresentado por eles. Murilo está querendo chamar a atenção, logo tudo isso passará!*

Valério, visivelmente entristecido e preocupado, pegou o filho e começou uma verdadeira romaria. Visitou vários núcleos do cristianismo, mas o menino não melhorava.

Cláudio, o responsável pela obsessão na infância, aproximou-se para a hora extrema, substituindo a inexperiência de Marcus Augusto. Ligou-se ao pequeno Murilo, mais frágil do que nunca, e, porque já estivesse completamente entregue às vibrações negativas, o malfeitor envolveu-o mentalmente, agindo de tal maneira que suas ondas mentais começaram a dominar a zona motora do cérebro do obsidiado. O menino que caíra em transe andava pela casa à semelhança de marionete. Certa ocasião, na hora

do almoço, sentou-se à mesa com olhos esgazeados; súbito, cerrou os dentes, fez sons guturais, agarrou os talheres e lançou-os violentamente à distância, emitiu gritos assustadores, como se visse algo pavoroso, caiu ao solo e começou a se retorcer...

— • —

Para Valério, esse seria o início de um período de grandes testemunhos. Na realidade, os adversários estavam contribuindo, sem o saber, para que o pai de Murilo encontrasse em meio aos sofrimentos a doutrina consoladora, o espiritismo.

— • —

Cláudio agia implacavelmente, desprovido de qualquer sentimento superior, atuava sobre o pequeno herdeiro com toda a sua capacidade de influência negativa, porque Murilo fosse portador de grandes débitos espirituais, originados em vidas passadas, estaria, em relação aos êmulos da paz, em sintonia moral que lhes possibilitavam ascensão sobre o filho de Valério.

A cena era de sofrimento. Uma criança de feição angelical repentinamente fechou o cenho, contraindo os músculos da face em sinal visível de dor, as mãos crispavam-se como garras prontas para se defender de alguém invisível.

Imediatamente, Valério saltou da cadeira em direção ao filho que convulsionava no chão de olhos arregalados, boca espumante, pernas movimentando-se desordenadas. Em desespero, o pai do menino desejou chamar um médico, acionou de fato o sistema de saúde; enquanto a casa se enchia de pavor, Casimira fora chamada a fim de organizar a desordem da sala.

Quando Valério deu-lhe as primeiras ordens, Casimira, diante da cena dramática em que via Murilo, ignorou o patrão, aproximou-se do menino atormentado, ajoelhou-se ao seu lado, colocando a cabeça do pequenino em seu colo maternal.

Nessa hora, a médium dedicada viu a figura de Cláudio no ambiente e, de imediato, entendeu do que se tratava. Elevou o pensamento a Deus e, em

silêncio, fez prece fervorosa, pedindo ao Senhor pelo menino.

Quando Cláudio identificou as ondas mentais de Casimira, começou a gritar no ambiente espiritual: — Maldita! maldita!

E aproximando-se da médium de forma violenta, agitou golpes que transpassaram o corpo da intérprete da bondade.

Não fossem a autoridade moral de Casimira e a assistência superior de que desfrutava, sucumbiria às vibrações poderosamente negativas de que Cláudio era portador.

Os amigos espirituais da empregada, atraídos pelas preces da servidora do Senhor, entraram em ação, afastando momentaneamente o intérprete das sombras que iniciava o capítulo das expiações do pequeno Murilo.

Casimira, a médium da fraternidade, mãos postas sobre a fronte do herdeiro dos Alicante, face iluminada pela elevação do pensamento, coração em serviço caritativo, neutralizou a atividade espiritual inferior dos adversários e, aos poucos, Murilo retornava, despertando vagarosamente.

Catarina, a mãe do menino, horrorizada, permanecia à distância. Não tinha coragem de se aproximar do próprio filho. Enchera-se de asco pela saliva que lhe multiplicava e escorria da boca, enquanto a doce Casimira se transformava na ama sincera e fraterna. Quando o menino saiu do transe que o envolvia, a primeira imagem que os olhos do obsidiado vislumbraram foi a da terna servidora doméstica. Ele abraçou-a de maneira afetuosa, olhou ao redor e avançou para o pai num generoso enlace.

Valério assistiu a tudo de maneira assombrada quando, tentando organizar as ideias, fora chamado pelo toque da campainha anunciando a chegada dos profissionais da saúde.

Murilo fora hospitalizado. Os melhores médicos foram chamados. O responsável pelo caso era bastante experiente, cabelos encanecidos e barba de prata identificavam os anos de sacerdócio dedicados ao juramento de Hipócrates. Após várias horas de rigorosos exames e severas observações, o médico sentenciou: — Senhor Valério, nada indica uma lesão ou qualquer perturbação neurológica, o menino goza de perfeita saúde, de nossa parte não há o que fazer.

E, porque Murilo de nada mais se queixava, o acompanhamento médico, para aquele dia, fora suspenso, programando-se outros exames e visitas, previamente estabelecidas pelo doutor.

Com isso, o senhor Alicante desejou falar com Casimira; o horário, contudo, estava avançado. Procurou a empregada, e não a achou; recolheu-se, então, na intimidade da casa e encontrou, assombrado, Catarina dormindo sossegada.

Murilo fora por ele mesmo acomodado. O coração do industrial agora pulsava de maneira mais tranquila, porém aquela situação mexeu com ele. Afinal, que forças eram aquelas? Quais mistérios envolviam a vida e a morte? Quais as razões da existência humana? Existe mesmo um Deus criador, como afirmam as teologias tradicionais? Estaríamos sendo governados por forças invisíveis? Como buscar a verdade? Que é a verdade?

— • —

Embalado por essas reflexões, o senhor Alicante adormeceu. Visto que fosse homem honesto e de bons princípios, cumpridor dos desígnios que ele mesmo ajudara a elaborar no plano espiritual para a sua própria reabilitação, recebia o amparo de seu protetor espiritual que, durante o fenômeno do sono físico, quando os laços que ligam o Espírito ao corpo afrouxam-se, dando início ao desdobramento, amparava-o com feição fraterna.

Valério fora recepcionado espiritualmente de maneira paternal. O protetor ofertou-lhe a destra como de costume, dando-lhe as boas-vindas, seguidas de um abraço de luz. Levou-o para círculos maiores e, desejando renovar os pensamentos do protegido, disselhe: — Acalma-te, filho meu! Sei dos teus anseios e das tuas dúvidas, além das tuas queixas naturais!

O pupilo esboçou largo sorriso, imaginando que o Espírito fosse algum tipo de gênio dos contos de fadas que eliminam os problemas num passe de mágica.

Repousando na entidade todas as suas expectativas de alívio imediato, desejou falar-lhe, no que foi interrompido de forma incontinente: — Não

vim livrar-te dos problemas que torturam teus pensamentos, apresento-me na conta do irmão mais velho que deseja orientar os que permanecem nas lutas da vida pelas quais já passamos.

Esse período é apenas o início das tuas provas e expiações. Terás de laborar muito para que Murilo se liberte. Deverás vivenciar os ensinamentos de Jesus, que por agora permanecem adormecidos em tua alma, para que os adversários, que ora te perseguem, modifiquem-se à medida em que te transformes moralmente.

Segue confiante na certeza de que a misericórdia divina te envolve e que a vitória te espera. O momento é de calma e recolhimento para que o raciocínio te conduza à paz!

Agora é necessário que procures uma religião! Não podes mais perder tempo, uma vez que a própria vida te conclama a te religares ao Criador. O amor divino permitir-te-á conhecer o espiritismo para que, em compreendendo a verdade, ele te liberte.

Terás de enfrentar as religiões dogmáticas, os fanáticos e materialistas. Somente assim, quando tua alma e teu cérebro estiverem cansados pela falta de coerência das explicações teológicas vigentes na Terra acerca da vida e do Criador, estejas preparado para raciocinar e encontrar o espiritismo.

Por isso, coragem e empenho, ainda terás de derramar muitas lágrimas para que a Terceira Revelação te venha iluminar os caminhos.

No mundo, prosseguiu o mentor, a religião verdadeira serve como farol guiando as almas por águas tranquilas ou revoltas. Por isso, aproveita o ensejo, louva ao Senhor por ter criado leis sábias e justas, que nos colocam nas situações exatas e necessárias que objetivam o nosso desenvolvimento.

Murilo precisará de ti e tu necessitarás do Consolador. A hora não comporta maiores explicações; ao acordar, deverás trazer gravado na memória física o desejo “espontâneo” de procurar um sentido religioso.

Nem sempre os Espíritos maduros, aqueles que têm o carisma da orientação inspirada e apontam o caminho da verdade, estão nas classes econômicas mais altas. Também lá os encontramos, é forçoso não

esqueceres de que Jesus foi filho de carpinteiro e “aquele que quiser ser o maior deve ser o menor e o servidor de todos”. (Mc 9:35)

Recorda-te de que religião é sinônimo de religação, trabalho e transformação moral. Essas orientações são gerais e servem tanto para ti quanto para toda a humanidade; anota o caminho para a libertação definitiva.

Quanto a Murilo, paciência, ele também terá sua parcela de testemunhos. Se esse envolvimento espiritual negativo atinge-lhe com tanta intensidade é porque as leis divinas assim o permitem. Para isso, Valério, necessitas estar ao lado dele nos momentos de crise e dificuldades.

Catarina, no momento, está preocupada com outras questões.

Valério desejou interromper a fala do amigo espiritual, mas as lágrimas embargaram-lhe a voz, fazendo com que o benfeitor retomasse o discurso, acentuando: Coragem, meu caro, agora mais do que nunca precisarás confiar no Senhor. Todas as nossas aspirações devem para Ele voltar; principalmente porque o golpe que os adversários te preparam será demasiadamente forte. Catarina está cedendo à ação das trevas. Serás ferido mortalmente e terás de suportar longo período de sofrimento moral para o entendimento da tua própria vida.

Tua esposa está enferma, e teu coração, iluminado pelo espiritismo, saberá compreendê-la. A misericórdia divina é para todos. Deus terá piedade de Catarina!

Vai, meu filho, retorna tranquilo para o corpo, desperta e procura com firmeza executar na Terra o nosso projeto em teu próprio benefício.

E, aproximando-se do tutelado, o benfeitor envolveu-o nos braços afetuosos de pai, conduzindo-o de volta ao corpo.

— • —

No dia imediato, Valério acordou bem disposto; sua primeira preocupação foi verificar a saúde do filho. Murilo estava realmente renovado. Embora estivesse dormindo, o semblante denunciava tranquilidade; o esposo de Catarina não esquecera até então o quadro de

horror assistido por ele na noite em que a criança desfalecera. E ainda visivelmente impressionado pelos feitos de Casimira, decidiu procurá-la.

Catarina, sua esposa, já havia se levantado, saindo de casa com destino oculto. O pai de Murilo encontrou a empregada responsável pela reabilitação do filho envolta nos mais íntimos e dedicados serviços à causa doméstica.

Uniformizada, a serva dos Alicante transpirava, enquanto as mãos ágeis enxugavam a louça refinada da casa. Foi neste ínterim que Valério cruzou a cozinha, chamando: — Casimira! Casimira!

— *Pois não, senhor!* respondeu a doméstica de olhos baixos e voz respeitosa.

— *Pode me dar um minuto de atenção?*

— *Ah! sim, senhor Valério.*

E enxugando ligeiramente as mãos calejadas, em pano de prato que trazia nos ombros, colocou-se à disposição para o diálogo.

— *Casimira, quando Murilo caiu em brucças convulsões, o que você fez para trazê-lo de volta com tamanha eficiência? Foi nos seus braços que ele alcançou o equilíbrio. O que você fez?*

Encabulada, não porque estivesse envergonhada em declinar a sua religião, e sim porque o caso era complexo demais para ser despejado de uma só vez, após alguns segundos de reflexão, ela respondeu de maneira prudente: — Apenas pedi a Deus pelo Murilinho.

— *Sim, Casimira, disse o patrão meio contrariado, entendo, mas pediu a Deus que curasse Murilo de quê? E que Deus é o seu e qual a sua religião?*

— *Senhor Valério, respondeu a empregada de maneira reflexiva e cautelosa, creio não seja esse o momento adequado para tratarmos de questões teológicas que requerem reflexões profundas. Acredito que Deus, o Senhor do Universo que a todos nos ama, não nos rotula, não tem eleitos e, para dizer-lhe acerca da fé que abracei e dos mecanismos utilizados na reabilitação de Murilinho, levaria certo tempo; e agora realmente não disponho dos minutos necessários para as devidas explicações.*

— *Compreendo, Casimira, disse o patrão um tanto desapontado. Sua objetividade não me deixa alternativa e de fato não desejo perturbá-la. Poderíamos marcar um dia e horário para conversarmos mais adequadamente?*

— *Ah! sim, senhor.*

— *Muito bem, Casimira, sairei amanhã em viagem de negócios e retornarei em cinco semanas. Quando eu voltar, você deixará o expediente com duas horas de antecedência para que possamos dialogar melhor.*

— *Ah! não, senhor! Prefiro terminar meus deveres no meu horário convencional, na hora correta, e ficarei após o expediente a fim de que nossa conversa não atrapalhe o cumprimento dos meus deveres. Quando o senhor voltar, basta comunicar-me!*

Valério ficou visivelmente impressionado com aquela mulher. Que dignidade, que senso de profissionalismo! E as palavras? Comedidas, pensadas, havia naquela criatura uma certa superioridade e um certo requinte espiritual que ele não sabia aquilatar.

Verificando que já havia constrangido por demais a empregada, aceitou a proposta da funcionária sem mais argumentações e fez um último pedido: — *Haveria alguma leitura sobre a sua religião em que eu possa me informar, Casimira?*

— *Sem dúvida, senhor.*

Ela anotou caprichosamente no bloco de recados as obras de Allan Kardec, grifou o nome do Codificador e entregou-lhe com um sorriso.

— • • • —

DEZ

Catarina

Aproveitando-se da ausência do marido, Catarina encontrava-se com o amante. Em rua erma de luxuoso bairro, Souza aguardava-a ansioso. Ao avistá-la, envolveu-a nos braços, pronunciando palavras lascivas.

Sem se preocuparem, passaram a tarde juntos, desrespeitando compromissos sagrados.

Ao entardecer, o amante perguntou-lhe: — A propósito, por que me chamou com tamanha urgência?

— *Para irmos juntos a um culto.*

— *Um culto?!*

— *Sim! uma reunião de conselho com as forças ocultas!*

— *Forças... ocultas?!*

— *Claro, vamos consultá-las para atingir nosso intento!*

— • —

Dirigiram-se então a paragens distantes. Num bairro socialmente desenvolvido estruturava-se grande casa, bem arquitetada na forma.

No interior, a sala principal comportava em confortáveis cadeiras um auditório para cem pessoas. As paredes revestiam-se de luxuosas cortinas rubentes, o solo parecia coberto de veludo da mesma cor, no teto abobadado cintilavam luzes coloridas.

Ao centro erguia-se grande palco com escadas laterais, ornado por longas, vermelhas e glamorosas cortinas. No núcleo do teatro, no interior do pano de boca, erigia-se estranho e monumental “altar”.

Dezenas de estátuas, representações mitológicas de entidades inferiores, povoavam o “sacrário”; círios multicores iluminavam a “ara” ornamentada com ricas e perfumadas flores. Os incensórios baforavam a todo o momento uma nuvem de fumaça entorpecedoramente odorífera. Homens hercúleos, de torsos nus, tamborilavam de maneira envolvente e contagiante, fazendo com que o som do rufar dos tambores como que sacudisse e transpassasse os corpos, além de envolver os presentes.

Souza estava petrificado e notava estupefato o alto nível social das pessoas que frequentavam aquelas reuniões.

Catarina parecia estar em casa, familiarizada com o local; os que lá trabalhavam, criaturas de olhar sinistro e interesseiro, pareciam conhecê-la de longa data, tamanha a intimidade com que a tratavam. O que levou o amante a perguntar de maneira assustada: — Frequenta há muito tempo este lugar?!

— *Ah! sim, desde os tempos de solteira.*

— *Jesus Cristo!*

Catarina fez um chiado em sinal de silêncio e advertiu dizendo: — Está louco? Não diga esse nome aqui! Estamos no terreno do adversário e você vai evocar o Cordeiro nesta casa?! Bem se vê que você é iniciante mesmo!

— *Catarina...*

— *Ora, meu caro, interrompeu enfatuada, como acha que alcancei minhas ambições?*

Essas entidades já me livraram de vários probleminhas, inclusive ajudando-me com fórmulas abortivas.

— *Aborto?!* gritou Souza assustado, colocando em seguida a mão na boca, lançando os olhos rapidamente em torno do salão, verificando se o ecoar da sua voz teria chamado a atenção, continuando em seguida num sussurro, não menos impressionado:

— *Quer dizer que você já fez aborto?!*

— *Calma, tolinho, apascentou Catarina, sorrindo bem-humorada, coloque a palavra no plural. Já cometi vários, mais de uma dezena, e não me arrependo, sempre detestei as crianças, e Murilo só está vivo por um acidente. Filhos nunca estiveram nos meus planos! Já viu o trabalho que eles dão? O quanto o filho de Valério tem atormentado a minha vida?! Graças a Casimira, posso ficar despreocupada.*

— *E você não tem medo que essa gente lhe denuncie, já que tem certa relevância na sociedade?* perguntou o amante, aquilatando os perigos do investimento que fazia.

— *Ah! não! nada que o dinheiro não possa resolver.*

Laércio Souza estava francamente impressionado, jamais poderia supor que Catarina fosse adepta tão fervorosa das forças desconhecidas. Tratava a todos com altivez e era respeitada.

Notando o estado reflexivo no qual Souza caíra, Catarina perguntou-lhe: O que houve, Laércio? Por que tanto espanto?

Não diga que nunca adentrou a um lugar assim? Nunca se valeu dessas forças das sombras para conquistar os benefícios materiais?

Desde que o mundo é mundo, os homens se utilizam desse recurso! Porventura, nunca prometeu nada para conseguir algo material?

De olhos arregalados e coração oprimido, o amante respondeu: — Com esta sofisticação, nunca. Confesso que estou com medo!

— *O quê?!* interrogou Catarina com um sorriso irônico. *Um homem deste porte com medo de coisas tão simples?*

— *Não é isso, Catarina, é que temo mexer com o desconhecido.*

— *Pois não,* respondeu ela de maneira debochada, *eu lhe apresentarei um por um!* E enquanto Laércio era arrastado pelos braços em direção a uma sala qualquer, ele deteve-se segurando-a com força, dizendo-lhe severamente:

— *Ora, Catarina, não faça chacota comigo! E se exigirem algo de nós, e se nos perseguirem depois?*

— *Calma, nada que o dinheiro não possa resolver! Logo conseguiremos nosso objetivo!*

— *Mas, Catarina...*

Neste momento, Laércio teve a fala interrompida por uma voz rouca que anunciou o início das atividades.

— • —

No ambiente, tudo vibrava desarmonia, cobiça, luxúria e inveja. Os cérebros dos consulentes povoavam-se de ideias mesquinhas, terra-a-terra. Desejavam que as leis divinas fossem derogadas e para isso pensavam em “apelar” para as forças que, para eles, eram ocultas.

— • —

O responsável pelo evento repetiu algumas palavras num dialeto incompreensível e inexistente. Envergava vestes esdrúxulas, ornamentadas em matizes rubros e áureos. Túnicas místicas e esquisitas confeccionadas apenas para impressionar os incautos. Empunhava na mão esquerda longo cajado com um diminuto crânio de cristal na extremidade superior, enquanto a outra carregava estranho livro.

Diante da vasta assistência, Menelau, o encarregado da abertura da assembleia, iniciou o discurso:

— *Sejam bem-vindos à casa onde a Luz não existe e as trevas dominam. Sejam bem-vindos à casa onde as sombras nos protegem.*

Salve as forças inferiores, anátema aos ensinamentos do Cordeiro! Todo aquele que procura na escuridão a resposta para seus problemas sabe o preço a pagar. Todos conhecem o método de trabalho das entidades que nos servem. Não atuam de graça, e o preço variará de acordo com os pedidos de cada um. E pedir e não pagar é saldar o débito com a própria vida.

Batendo o sinistro cajado por três vezes no assoalho do palco, de onde ele falava, fez com que os véus carmesins se abrissem deixando à mostra o esquisito “altar”.

Em seguida, um grupo de nove pessoas, vestidas de veludo negro e rubro, fez um semicírculo ladeado por círios multicores.

Riscaram pontos estranhos ao som de fortes tamborins, as luzes coriscaram por alguns instantes e apagaram-se em seguida, restando apenas a penumbra produzida pela luz das velas.

Os instrumentos calaram-se. Silêncio absoluto. Várias pessoas apresentavam-se com medo, desejavam sair, mas foram impedidas pelas grossas portas absolutamente trancadas.

Menelau, em tom de voz alteada, começou a evocar as forças inferiores.

Seus olhos perderam o controle, sua voz ficou acentuadamente rouca, quase transformada, suas mãos crispavam-se e ele caiu ao solo com gritos lancinantes.

Após alguns segundos, com dificuldades, ele levantou-se; trazia o dorso levemente curvado, contraia os músculos da face transfigurando o cenho.

Dirigiu o olhar para o grupo dos nove, ordenando às outras entidades que “possuíssem” os demais intérpretes das sombras.

O que se viu então foi um misto de encenação e realidade. Parte de tudo aquilo era mero embuste; os adversários, os Espíritos a eles ligados, trabalhavam nos bastidores de forma que, do ponto de vista das entidades que os dominavam, tudo seguia rigorosamente o esperado.

De fato, pensamentos malignos atraem entidades que vibram na mesma sintonia, e Espíritos malvados, disformes, sugestionados por mentes perversas, avançaram sobre os intérpretes, levando-os às mais ridículas expressões e atos libidinosos. Gritos alucinantes eram ouvidos, fazendo tremer a alma dos presentes. Laércio Souza pulava na cadeira, enquanto Catarina parecia estar em transe.

Feita a evocação, o ambiente acalmou-se, o tamborilar recomeçou de maneira menos intensa, as luzes coriscavam no teto abobadado e os consulentes foram sendo atendidos.

Catarina não queria qualquer um dos intérpretes, desejava dialogar com Menelau; já havia pagado uma respeitável quantia, o caso era muito grave para ser atendido por qualquer pessoa.

Chegando sua vez, Souza não conseguia sair do assento, suas pernas tremiam, sua voz sumiu e seu desejo era de deixar o recinto incontinente. Catarina agiu de forma firme dizendo: — Souza, levante-se! Francamente, onde a sua coragem? Vamos, homem! levante-se! agora!

E, porque guardasse maior medo de Catarina que das trevas, ferido na sua masculinidade, levantou-se imediatamente, acompanhando a amante. Apoiava-se nela, enquanto foram conduzidos à presença de Menelau.

A entidade das sombras, através de seu intérprete, fitou-os de maneira severa e a voz rouca e grave pôde ser ouvida nestes termos: — O que é que vocês desejam? Não, não me digam, já sei, deve ser algum caso de desmanche de matrimônio.

— *É isso!* respondeu Catarina admirada. Enquanto Souza perguntou espantado:

— *Como é que ele sabe?!*

— • —

O próprio Menelau já estava acostumado e aprendera com a psicologia popular a identificar casos semelhantes. Para quem se dedicava há anos a ludibriar os outros, aquela situação era das mais fáceis de ser analisada. O mundo está cheio de pessoas inescrupulosas que incentivam os desequilíbrios alheios. Todos que assim agem se comprometem através da lei de causa e efeito a se arrepender, a expiar a falta e a recompor com o bem os problemas que tenham causado. É a lei divina deixando que o homem aprenda através dos próprios escândalos.

— • —

— Quero, prosseguiu Catarina, *que o senhor faça alguma coisa para que meu marido possa inicialmente adoecer e, depois, que morra naturalmente, assim não terei culpa alguma. Este é meu amante, não toleramos mais Valério, além do que metade da indústria me pertence, e Laércio é um dos sócios, tem direitos sobre nossa empresa.*

— *Você sabe, minha filha, que isso não vai ficar barato! Compreende as exigências que vamos lhe fazer para um pedido de morte?*

— *Não sou eu quem vai matar, não tenho culpa nenhuma, é você quem vai, por isso estou aqui, se não eu mesma faria o serviço.*

— *Bem, considerou o agente da maldade, o preço será bem alto.*

— *Seja o que for, eu pago, para ver Valério morto, pago o que for preciso. Quanto?* perguntou.

Após combinarem o valor, muito além do que Catarina supunha, ela deu um terço no ato e o restante viria na conclusão do serviço.

— • —

Nesse momento, no plano espiritual, podia-se notar a presença de Agenor e Marcus Augusto, os adversários representantes dos planos de Lourenço Ventura.

Apresentavam-se extasiados e satisfeitos acerca dos acontecimentos. Vibravam aguardando o desenrolar da história. Agenor tratou de apressar as coisas, travando sério diálogo com as entidades inferiores daquele local, identificando-as, pelo emblema que cultuavam, como empresas camaradas,

conseguindo, portanto, que se comprometessem no auxílio destrutivo da família Alicante.

— *Agora sim, dizia ele, a finalização está próxima.*

Enquanto Catarina falava, pesadas vibrações invadiam seu corpo. A psicofera do recinto era por demais perturbadora e parecia não influir sobre ela. Contudo, essa era a explicação para uma sua antiga “enxaqueca”. Desde as práticas abortivas e a frequência a ambientes como aquele, seu corpo respondia com poderosas dores que, por vezes, deixavam-na acamada, pelos mesmos mecanismos que perturbaram o amante. Laércio Souza facilmente se contaminou com as emanções negativas e passou mal, muito mal. Seu perispírito captava os fluidos tóxicos, transmitindo-os ao corpo, desajustando as partes mais sensíveis do organismo, fazendo com que dores fortes fossem sentidas na cabeça e no estômago.

Ânsia de vômito e um desagradável torpor eram os sintomas registrados por Laércio como resultado da absorção de fluidos deletérios, diagnosticados por Catarina como simples nervosismo.

Terminada a negociação, retiraram-se do ambiente para alívio de Laércio Souza. Catarina guardava a convicção de que seria atendida nos seus desejos.

— • —

Recordemos Allan Kardec, o codificador do espiritismo, e as instruções dos Espíritos superiores contidas em *O livro dos Espíritos*: **549**. Algo de verdade haverá nos pactos com os maus Espíritos?

“Não, não há pactos. Há, porém, naturezas más que simpatizam com os maus Espíritos. Por exemplo: queres atormentar o teu vizinho e não sabes como hás de fazer.

Chamas então por Espíritos inferiores que, como tu, só querem o mal e que, para te ajudarem, exigem que também os sirvas em seus maus desígnios. Mas, não se segue que o teu vizinho não possa livrar-se deles por meio de uma conjuração oposta e pela ação da sua vontade. Aquele que intenta praticar uma ação má, pelo simples fato de alimentar essa intenção, chama em seu auxílio maus Espíritos, aos quais fica então obrigado a servir, porque dele também precisam esses Espíritos, para o mal que queiram fazer. Nisto apenas é que consiste o pacto.

O fato de o homem ficar, às vezes, na dependência dos Espíritos inferiores nasce de se entregar aos maus pensamentos que estes lhe sugerem e não de estipulações quaisquer que com

eles faça. O pacto, no sentido vulgar do termo, é uma alegoria representativa da simpatia existente entre um indivíduo de natureza má e Espíritos malfazejos.”

550. Qual o sentido das lendas fantásticas em que figuram indivíduos que teriam vendido suas almas a Satanás para obterem certos favores?

“Todas as fábulas encerram um ensinamento e um sentido moral. O vosso erro consiste em tomá-las ao pé da letra. Isso a que te referes é uma alegoria, que se pode explicar desta maneira: aquele que chama em seu auxílio os Espíritos, para deles obter riquezas, ou qualquer outro favor, rebela-se contra a Providência; renuncia à missão que recebeu e às provas que lhe cumpre suportar neste mundo.

Sofrerá na vida futura as consequências desse ato. Não quer isto dizer que sua alma fique para sempre condenada à desgraça. Mas, desde que, em lugar de se desprender da matéria, nela cada vez se enterra mais, não terá, no mundo dos Espíritos, a satisfação de que haja gozado na Terra, até que tenha resgatado a sua falta, por meio de novas provas, talvez maiores e mais penosas. Coloca-se, por amor dos gozos materiais, na dependência dos Espíritos impuros.

Estabelece-se assim, tacitamente, entre estes e o delinquente, um pacto que o leva à sua perda, mas que lhe será sempre fácil romper, se o quiser firmemente, granjeando a assistência dos bons Espíritos.”

551. Pode um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito que lhe seja dedicado, fazer mal ao seu próximo?

“Não; Deus não o permitiria.”

Observamos que nos itens 549 e 550 de *O livro dos Espíritos*, Allan Kardec apresenta no centro da questão o livre-arbítrio. Conforme a nossa liberdade de escolha uniremo-nos a este ou aquele Espírito que tenha as mesmas intenções que nós. A ligação, portanto, é moral!

À medida que nos filiamos, por liberdade de escolha, a essa ou aquela intenção, executando-a, assumimos a responsabilidade absoluta pelas consequências das nossas ações perante as leis da vida.

O item 551 é uma pérola de esclarecimento. Em linhas gerais, não há, perante as leis divinas, autorização para Espíritos inferiores efetuarem o mal para alguém sem que o indivíduo esteja em sua faixa de ação.

Sabe-se, porém, que determinados elementos materiais são utilizados para fragilizar as pessoas, para impressioná-las. Em verdade, nada do que é

material tem influência no que for espiritual. O medo costuma paralisar os que não conhecem os mecanismos do amor divino. Impressionados, não agem positivamente atingindo planos maiores. Temerosos, poderão entrar na faixa de ação dos adversários do bem, autorizando-lhes a ação negativa.

Um homem jamais poderá fazer o mal, com o concurso de um Espírito maléfico, a alguém que esteja fora da sua sintonia. Compreendendo que os Espíritos maus aproveitam as tendências humanas, somente cairemos nessa malha se estivermos na mesma frequência de intenções ou fragilidade moral. Nenhuma pessoa é arrastada irresistivelmente aos Espíritos imperfeitos sem que lhes autorize quer por irresponsabilidade ética, afinidade de comportamento, débitos anteriores, ou ausência de ação no campo do bem. Desse modo, de fato, Deus não permite que o mal produzido por um homem perverso, acompanhado de um Espírito imperfeito, atinja o indivíduo que, por seus pensamentos, esteja naturalmente fora da faixa de atuação dos Espíritos menos felizes. Isso é o que significa o: “Não; Deus não o permitiria.”



Inicialmente, a providência divina permite-nos agir com relativo livre-arbítrio para que a escolha traga a responsabilidade da ação quer nas atividades superiores ou inferiores.

Em um mundo de provas e expiações, em que se converte o planeta Terra, os escândalos, como pedras de tropeço, podem ocorrer para que as criaturas humanas aprendam a progredir por meio das próprias quedas.

Catarina complicava-se demasiadamente com aquele processo. Não guardava ideia das complicações que teria no futuro.

Interessante notar a criatura humana! Muitas acreditam, de maneira equivocada, que podem burlar as leis divinas, desconhecem que o Universo é regido por normas imutáveis e que o Senhor da Vida dirige tudo, através dos seus editos. Não há acaso nem descuidos nas leis de Deus, e o Senhor sabe que muitas criaturas estão em processo de evolução espiritual e a misericórdia Dele estende-se para todos.

Assim, os que estamos em processo evolutivo precisamos ter sobre nós a inexorável lei da reencarnação, é necessário prudência a fim de não nos complicar espiritualmente. Muitas almas banalizam os recursos sagrados da mediunidade e pensam que, em se colocando como intérpretes, porta-vozes das sombras, estarão protegidas ou atrairão para si favores especiais que outros não alcançam. Essas pessoas complicam-se muito espiritualmente e haverão de recompor todos os desequilíbrios que ora encetam.

A mediunidade, como faculdade humana que permite o intercâmbio entre as duas realidades da vida, “é coisa santa e deve ser santamente praticada” (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XXVI, item 10). A doutrina espírita está na Terra representando a sequência do pensamento divino para a concretização do reino de Deus no planeta.

Doutrina filosófica de bases científicas e consequências morais, vem trazer aos homens a libertação de dogmas e credices que as religiões politeístas e bárbaras espalharam sobre o orbe.

O espiritismo, como doutrina, não aceita que se utilizem dos Espíritos – isto é, as almas dos homens que viveram sobre a Terra e que agora, morto o corpo biológico, continuam a viver numa outra realidade de vida – para atender a interesses mesquinhos e materiais.

Os Espíritos que se dizem capazes de interferir em leis espirituais rompendo com os propósitos divinos são ingênuos ou enganadores; eles sabem que há limites de ação para aqueles que cooperam na região das sombras.

Esclarece, ainda, o espiritismo que somos seres imortais e que seres inferiores não são maus (na sua origem), estão maus, por serem pouco desenvolvidos ou por desejarem percorrer voluntariamente o caminho das trevas. No mundo, cada um carrega consigo seus próprios valores. O fenômeno morte arrebatam-nos meramente para outro estado da vida. O corpo morre, mas o Espírito permanece vivo, e, conforme o que cultivamos na Terra, teremos os acompanhantes no plano espiritual.

Na vida do infinito poderemos passar por severas expiações adequadas ao nosso estado moral, até que surja o desejo de arrependimento e

renovação ou, se esse desejo tardar, se ultrapassar os limites em que as leis divinas respeitam nosso livre-arbítrio, a reencarnação como lei implacável do progresso vai buscar-nos onde quer que nos encontremos, impondo-nos o processo reencarnatório como meio do nosso desenvolvimento, colocando-nos junto àqueles que desestruturamos e nas situações adequadas para as provas ou expiações que nos ajudarão a retomar o caminho de nosso adiantamento espiritual.

Em seus pontos básicos, a doutrina espírita traz as ideias de:

Deus, inteligência suprema do Universo, causa primeira de todas as coisas;

a criação, através de leis naturais;

reencarnação, a volta do mesmo Espírito em um novo corpo, objetivando sua evolução; os Espíritos reencarnam para passar por provas (situações que objetivam experimentar o ser) e expiações (o retorno de algo negativo que porventura tenhamos feito a alguém), para evoluírem, aperfeiçoarem-se intelectual e moralmente, além de cooperarem na obra da criação;

pluralidade dos mundos habitados;

comunicabilidade com os Espíritos;

unidade e solidariedade universal, dentre outras...

Doutrina surgida na França a 18 de abril de 1857, revelada pelos próprios Espíritos, sob as ordens de Deus, através de médiuns comprometidos com a verdade, longe de qualquer interesse material e envolvidos com o avanço humano; codificada por um eminente educador francês de nome Hippolyte Léon Denizard Rivail. Para divulgar os resultados de suas pesquisas, lançou cinco obras básicas, consubstanciando o pentateuco do espiritismo, apresentando a filosofia, a ciência e a religião espíritas; são elas:

O livro dos Espíritos (1857);

O livro dos médiuns (1861);
O evangelho segundo o espiritismo (1864);
O céu e o inferno (1865);
A gênese (1868).

Por ter organizado os ensinamentos dos Espíritos de maneira didática, é chamado de codificador, por haver estabelecido um código, uma ordem, uma sequência. Adotou o pseudônimo de Allan Kardec para diferenciar as obras que já possuía como pedagogo daquelas que foram reveladas pelos Espíritos. Sua tarefa, portanto, foi “apenas” a de pesquisar, organizar e divulgar os ensinamentos dos Espíritos.

Usando o método do consenso universal, jamais aceitou uma informação isolada, proveniente de um único médium. Submetia suas questões a Espíritos diferentes e medianeiros variados, admitindo como verdade somente as informações que suportassem a mais severa lógica e mais firme razão. Compreendeu por segurança que os Espíritos não são todos iguais nem em sabedoria nem em moralidade. Assim como os homens na Terra, no mundo dos Espíritos, os seres espirituais agrupam-se de acordo com os seus interesses. Se o desejo for o contato com seres iluminados e moralmente desenvolvidos, nossos pensamentos e sentimentos necessitam da mesma sintonia.

O espiritismo abre uma grande porta para o entendimento da vida, pois que nos fala do sentido e dos objetivos da existência. Sendo o consolador prometido por Jesus,^[3] é uma doutrina eminentemente cristã que vem recordar tudo aquilo que o Cristo nos ensinou, revelando vários pontos que antes foram transmitidos aos homens de maneira velada, pois que não estavam, pelo seu pouco desenvolvimento moral e intelectual, preparados para absorvê-las.

Com base em quase todas as religiões e tradições culturais de todos os povos, a mediunidade ou o fenômeno mediúnico vem agora, à luz do espiritismo, servir de instrumento para a comprovação da imortalidade da alma, bem como sua necessidade de evolução.

Doutrina progressista, caminha lado a lado com a ciência. Verdade consoladora, vem libertar-nos do medo da morte afirmando e comprovando uma outra realidade de vida. Fala, ainda, da misericórdia divina e aponta Jesus como guia e modelo para a humanidade.

Dessa maneira, o espiritismo está habilitado a tratar das questões espirituais e não coaduna com o mediunismo, isto é, a prática mediúnica sem compromisso com o aspecto da moral e da evolução do homem. A faculdade de entrar em contato com os chamados “mortos” não é propriedade do espiritismo, é antes uma capacidade humana, orgânica. E muitas pessoas utilizam-se da faculdade mediúnica para fins egoístas e completamente fora dos propósitos superiores revelados pelos imortais. Allan Kardec fez uma classificação geral dos mundos e dos Espíritos. Dos mundos, pelo grau de desenvolvimento ou inferioridade de seus habitantes; e dos Espíritos, pelo nível de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições das quais terão de se depurar, esclarecendo-nos ainda que existem diferentes classes de seres espirituais, já que são simplesmente as almas dos homens fora do corpo físico, e que no espaço, ou seja, no mundo espiritual, reúnem-se com os mesmos objetivos que os animam.

Assim, o espiritismo não endossa posturas como as de Catarina, e lamentamos que no planeta ainda existam pessoas que se demoram no processo de reabilitação, almas iludidas com o fenômeno de intercâmbio, sem conhecê-lo profundamente, sem atentar para seus reais objetivos quais a iluminação e o progresso da criatura humana.

Não há sobrenatural em espiritismo, tudo segue leis lógicas, racionais e naturais. Catarina sorverá amargo vinho no cálice sinistro das próprias atitudes...

— • • • —

ONZE

O segredo de Lourenço

Lourenço Ventura era claramente um Espírito bastante enfermo. Vivia supliciado pelos próprios pensamentos, além de um segredo que lhe mortificava a consciência.

Periodicamente fazia viagens secretas sem que ninguém o acompanhasse. Mesmo quando os bajuladores dele se aproximavam preparando a liteira e as medalhas nobiliárquicas, ele recusava-os de pronto.

Sempre mal-humorado e orgulhoso, o semblante do malfeitor aos poucos se transfigurava. Lourenço entristecia-se. O déspota também possuía coração.

Veza por outra saía da sua região de trevas e seus olhos perdiam-se no infinito, alguma coisa o tocava.

Procurava os lugares ermos a fim de refletir sobre si mesmo. Sua consciência transformou-se numa tela cinematográfica e os principais acontecimentos das suas existências mais recentes projetavam-se como a saltar de um inconsciente profundo.

Sozinho, isolado, Lourenço chorou.

Logo o pranto tornou-se ira e a sanha afogou-se num soluço de fogo, que o êmulo do bem sufocava comprimindo o peito com as mãos.

Dali, ele caminhou durante horas. Não trazia a capa púrpura, muito menos o séquito de servidores. Carregava consigo o peso da consciência.

Absorto nas próprias emoções, nem se deu conta de que chegara ao destino de sua viagem, seguido oculta, ardilosa e silenciosamente por Agenor, seu subordinado.

No plano material, imensa favela apresentou-se.

Abordado pelas entidades inferiores ligadas a alguns homens perversos que imaginavam dominar aquela região, reconhecendo a figura austera do chefe das trevas, os “guardas” autorizaram a incursão de Lourenço.

Da mesma maneira, minutos depois, Agenor não teve dificuldades para entrar, após ligeira conversação, apresentando a insígnia que o identificava

como servo dileto de Ventura.

O inimigo da paz deambulou pelas ruas estreitas da cidade de madeira por cerca de 30 minutos. Estacou, então, diante de uma choupana assustadoramente miserável. Não havia a menor condição de higiene, todos os recursos de saneamento básico, ali, eram inexistentes.

Passeou os olhos pela tosca construção e ouviu, de dentro do barraco, gritos terríveis. Provinham do casal residente que se atracava em violência.

Ele desejou arrombar a porta, avançar para dentro, mas se conteve por alguma razão.

Então, pôde ouvir:

— *Eu não suporto mais!*

— *Você pariu e está criando um monstro!*

Jogue esta besta em alguma vala e nos livraremos desta criatura medonha! Veja, ele nos enche de embaraço e repugnância, parece um suíno malcheiroso!

De fora, Ventura escutou o barulho das pancadas e o choro desesperador de uma criança. Cheio de ansiedade, transpassou a porta com violência e, encarando o homem bruto que agredia o menino, esmurrou-o direcionando densos fluidos, com os quais conseguiu provocar um mal-estar repentino no agressor físico, fazendo-o cair atordoado.

A mãe do menino, em vez de socorrer o próprio rebento, foi amparar o rufião que a maltratava periodicamente. Após o equilíbrio do bárbaro, o casal retirou-se deixando o deficiente sozinho e aos prantos. Abraçaram-se temerosos e espantados, como se a criança fosse a encarnação de alguma entidade diabólica e detentora de forças misteriosas.

Era inacreditável, Lourenço Ventura ajoelhou-se ao lado da criatura disforme e igualmente chorou.

Do lado de fora, pelas frestas da miserável construção, Agenor acompanhava a tudo de maneira estarecida; porque não conseguia sopitar a curiosidade, resolveu apresentar-se, esforçando-se para não rir, desejando contar para o mundo todo que o tão valente Lourenço Ventura chorava, e, tomando coragem, entrou.

Ao vê-lo, o chefe imediatamente se levantou exprobrando-o: — Cão infame! segue-me? Por qual motivo? Quem o autorizou? Maldito!

Quer perscrutar meu mundo íntimo, deseja fazer uma campanha de difamação espalhando pelos quatro cantos os meus sofrimentos?!

E aproximando-se com violência, esbofeteou várias vezes o subalterno no que foi esclarecido, nervosamente, pelo agredido: — Não, senhor!

Julguei que poderia ser útil aos seus propósitos, sabe que pode confiar em mim! Perdoe-me!

E desejando mostrar ao mestre que, de fato, era fiel, propôs julgando ser prestativo: — Quer que eu acabe com esta criatura horrenda, com este filho de belzebu, com esta coisa que deve ter saído dos infernos...

— *Ora*, interrompeu o mandante afastando o servo com energia, *cale-se!*

E aproximando-se, estendeu uma das mãos sobre a cabeça gigante da criança, afagou-a com ternura e continuou: — Ele não é um monstro!

— *Como não, senhor?! É quase uma fera bestial!*

Lourenço estava tão insano que, no desejo de defender o pequeno, revelou num ímpeto seu grande segredo: — Cale-se de uma vez por todas! Meu filho não é um monstro!

— *Filho?!* gritou Agenor espantado. *Este é o seu filho?!*

— • —

Repentinamente, aquele homem duro e severo desapareceu, dando lugar à imagem de um pai cujo coração parecia varado por uma espada.

— • —

Aquela criança era a reencarnação de Dante Ventura, filho de Lourenço Ventura.

Na nova existência, o Espírito, gravemente comprometido com as leis divinas, ocupava um corpo inteiramente desmedido. A cabeça agigantava-se com a hidrocefalia, os olhos quase lhe saltavam das órbitas, os dentes, desproporcionais e pontiagudos, saíam da cavidade bucal à maneira de garras contorcidas. O corpo diminuto, subnutrido, tomado periodicamente por violentas convulsões, imprimiam-lhe uma aparência de horror. As pernas fracas, tortas e os braços paralisados retiravam-lhe qualquer tentativa

de locomoção. E a severa deficiência mental impedia-o de comunicar-se claramente com o mundo exterior.

— • —

O tirano, ajoelhado, abriu os braços e acolheu o menino. A criança que contava cerca de sete anos de idade não falava pronunciava apenas sons guturais. Captando a presença de Ventura, percebendo-lhe os fluidos negativos, sentia-se mal repudiando a presença do pai.

Agenor não resistiu, vendo o líder das sombras naquelas condições, arriscou uma pergunta: — Senhor, como Dante foi parar aí, neste corpo, se todos sabemos que ele é o seu grande general e foi enviado a terras distantes para organizar suas hostes?

— • —

Como que tomado por mil ferroadas, aquela pergunta lhe fez lembrar todo o processo de dor; porque as lágrimas caíam em abundância, ele não conseguiu esbravecer e, pela primeira vez, como se precisasse desabafar, abrir o coração para alguém, narrou o seu drama: — Agenor, Agenor! você não conhece as leis terríveis que nos envolvem! Meu filho não está em outras paragens, inventei essa mentira, para justificar sua ausência.

Dante era a felicidade da minha vida! Juntos desfrutamos de riquezas e prazeres, até que a morte nos arrebatou, separando-nos. Quando assumi posição de relevância na administração das trevas, iniciei longa e exaustiva expedição para encontrá-lo, achando-o, décadas depois, trabalhando como escravo numa das milícias infernais daqueles que nos comandam as atitudes.

Foi preciso trocar favores, cooperar em outros processos obsessivos, suportar chacotas e humilhações, para que ele fosse liberado.

Assim que consegui, ladeamos no serviço das trevas, formamos uma dupla imbatível, e quando, pelo nosso esforço, dominamos as regiões que você conhece, tornamo-nos invencíveis. Vieram, então, os títulos, e nossa fama se espalhou por toda a parte, até que meu menino se imantou a essa mulher que vimos sair daqui. Ele valorizava muito as práticas de estupro e as meretrizes, o que me enchia de orgulho. Certa vez, envolveu um homem

encarnado, aproveitou-se do desequilíbrio sexual do rapaz, guiando-o na devassidão, enquanto Dante a ele se ligava colhendo-lhe as sensações.

Aí, o inesperado aconteceu! Como se estivesse ébrio de prazer, não se afastou da moça em plena atuação do meretrício, ligou-se mais intensamente à jovem; e antes que eu pudesse adverti-lo, as leis automáticas da reencarnação o sugaram para o útero dela no momento em que o óvulo foi fecundado pelo espermatozoide! Quando fui avisado por um dos meus servos mais fiéis, já era tarde, o processo da reencarnação já se havia iniciado. Eu perdia o meu único e adorado filho!

— E o senhor não fez nada?

— Eu tentei! respondeu o tirano amargurado, fitando e acariciando ternamente o menino. Incentivei a infeliz às drogas e ao aborto, mas uma dessas igrejas intrometidas fez campanha contra essa prática, justamente no auge do meu plano, neutralizando, assim, nossa influência, quando a ampararam oferecendo todos os recursos para o pré-natal.

Então, numa segunda tentativa, ordenei às entidades cruéis que perseguissem essa devassa transformada em mãe do meu filho; alguma coisa impedia a nossa atuação. A maldita fora envolvida por entidades luminosas que sustaram nossa atividade; e a meretriz, para minha desgraça, por meios inexplicáveis, sentiu-se animada à maternidade!

Tentamos ainda derrubá-la, mas, na queda, a barriga foi salva. Meus comandados foram tão incompetentes que o máximo que conseguiram foi quebrar uma perna, colocando a criatura de repouso, o que de certa forma a protegeu, limitando nossa atuação.

Imaginamos então que poderíamos complicar o parto, e, quando me dei conta, meu filho saiu do ventre dela, numa casa de prostituição!

Notando o corpo que ele ocupava, odiei o Cordeiro com todas as minhas forças.

— Senhor, perguntou o servo, por que isso se deu?

— Eu não sei! Mas tenho percebido que os seguidores do filho do carpinteiro costumam torturar muitos dos nossos desta forma, deve ser um

castigo qualquer. Por isso, temos de estar alerta e lutar contra o absurdo do retorno à carne de qualquer modo.

Lourenço chorou, enquanto Agenor permanecia boquiaberto.

Ventura levantou-se, sacudiu violentamente o servo e retomando a tirania ordenou: — Guarde esse meu segredo e suma em silêncio!

E o capataz, à semelhança de serviçal medroso, retirou-se num átimo.

— • —

O chefe das empresas infernais aproximou-se do filho bem-amado, estendeu as mãos e, enquanto lágrimas funestas lhe brotavam em abundância dos olhos rubros, falou paternalmente: — Dantinho, meu filho! por que você foi tão imprudente? Veja o que a reencarnação fez com você!

Ah! quanto lhe quero bem! Quanto minha alma sofre vendo-lhe quase como um animal! Fale com seu pai...

E, afogado em lágrimas, continuou com o peito arfante: — Dorme meu menino, para que eu possa, pelo menos, recebê-lo do lado de cá e ficar um pouco com você.

Perturbado por dorida emoção, não coordenava as palavras, afogando-se na amargura.

— *Diga, meu querido, que sairá deste corpo e retornará para nossas empresas. Você me reconhece, não? Veja, sou o mesmo, não mudei nada!*

Os olhos do menino perdiam-se nas paredes frágeis do barraco, enquanto o corpo revestia-se de sujeira, servindo de morada aos insetos e aos vermes que o cortejavam. Embora percebesse a influência espiritual, não conseguia organizar o pensamento para expressar qualquer reação.

Ventura ainda falava quando a porta foi aberta e, então, presenciou uma cena que jamais esqueceria.

O filho amado chorava de fome, dor e medo.

De retorno a casa, a meretriz e o explorador viram que o menino ainda pranteava, tamparam os ouvidos e começaram, os dois, a espancar a criança. Quando tudo acabou, Dante estava exausto, o sangue corria-lhe pelas narinas, enquanto os olhos lacrimejavam. Caído, retorcido, indefeso, a

pequena criatura gemia, desmaiando logo depois, enquanto os tutores encarnados riam na companhia de drogas e bebidas alcoólicas.

O casal, sob efeito das substâncias tóxicas e etílicas, de igual modo adormeceu. Ventura desejou matá-los, mas aguardava-os pelo desdobramento a fim de recepcioná-los no plano espiritual e conduzi-los para regiões inferiores onde devolveria, em escala infinitamente pior, as torturas que impunham a Dante.

Lourenço fora surpreendido por algo inusitado. Súbito, a palhoça encheu-se de luz. O Espírito protetor do menino apresentou-se, aproximando-se do infante de maneira fraterna. Estendeu as mãos suaves sobre o pequeno, e o seu magnetismo elevado aliviou as dores do padecente. O tutor espiritual cooperou no desdobramento do filho de Lourenço, acolhendo-o, em Espírito, parcialmente liberto do vaso físico, conchegando-o com afeto.

Ventura permaneceu estarecido diante dos novos acontecimentos. O benfeitor fitou-o fraterna e demoradamente, dirigindo-lhe as seguintes palavras: — Meu caro!

Eis a misericórdia divina visitando o filho do teu coração! Saiba que para Deus não existem excluídos e que todos vivem e deverão ter as mesmas oportunidades.

Pensas que o retorno do teu menino tenha sido um acidente, uma obra do acaso? Enganaste!

Ainda desconheces muitos dos mecanismos de Deus para conduzir os filhos desviados ao crescimento espiritual.

Dentro das leis gerais que regem o universo moral de cada um de nós, já estava previsto o retorno do teu menino. Para ele, esta reencarnação será de grande valia!

— *Valia?! interrompeu o tirano, como pode um corpo deste, e uma situação familiar como esta, levar alguém ao progresso? A propósito, já que é o representante do Cordeiro, diga-me, gritou o infeliz, por que estas coisas se dão? Por que meu filho foi aprisionado neste corpo monstruoso?*

O benfeitor, enternecido, respondeu:

— Não, prezado, ainda falta muito para que eu, de fato, seja um fiel representante de Jesus; com efeito, para a tua pergunta, tenho recursos elucidativos apoiados na Terceira Revelação. Vejamos de maneira sucinta: Tu não desconheces completamente os mecanismos da Lei. Sabes, por exemplo, que todos temos um corpo espiritual ou perispírito, que nos serve de instrumento para atuarmos no âmbito material e espiritual. Reencarnados, é por meio dele que nos ligamos à matéria, ele é, portanto, o intermediário entre o Espírito e o corpo material, no qual se liga molécula a molécula; quando estamos fora do físico, continuamos com este instrumento semimaterial, ou perispírito, que conserva nossa identidade, permitindo-nos agir sobre a matéria, em outro estado de vibração.

De modo geral, todas as nossas atitudes, boas ou más, ficam registradas neste envoltório fluídico, que é apenas um instrumento do Espírito; os nossos pensamentos e sentimentos grafam neste vaso de fluidos nosso estado interior. Pensamentos superiores e sentimentos edificantes fazem as “células” perispirituais iluminarem-se sob a atuação do ser; o contrário torna-as opacas, sem brilho; e ainda, quando nos desequilibramos e a maldade faz-se por nosso intermédio reincidentemente, o conteúdo mental desalinha-se de tal maneira que os pensamentos deformados pela maldade e as emoções perturbadas pelas atitudes morais inferiores desarranjam o corpo espiritual, a ponto de, em casos graves, estabelecidos pelas leis divinas, em um novo processo de reencarnação, em que o corpo sutil será a matriz, o molde, do novo recipiente físico, ele, o perispírito, imprimirá no corpo denso em formação as características morais íntimas que cada um de nós carrega na alma, ou as marcas dos nossos desatinos.

Foi isso que aconteceu com o teu filho!

Portador de severos desequilíbrios, num ataque de loucura foi levado pelas paixões. Entretanto, Deus é tão sábio que estabeleceu leis automáticas que regularizam nossa atuação no Universo. Por toda a parte existem mecanismos limitando a produção do mal.

Preso à devassidão, abusando dos recursos sagrados da vida, a própria vida tratou de corrigi-lo, aconchegando-o no ventre materno, violentado

sob sua indução, que lhe oferecerá as condições exatas para a expiação e a futura reparação.

Assim, verificamos que Deus só criou o bem e que o mal aparece quando a criatura, usando do livre-arbítrio, ausenta-se das atitudes dignas. Contudo, a maldade não se sustenta por si e conduzirá sempre à obrigatoriedade da reparação, que produzirá inexoravelmente o bem àqueles que prejudicamos, harmonizando-nos com o universo divino, devolvendo-nos cedo ou tarde ao caminho do Senhor.

Por toda a parte, os olhos de Deus abençoam-nos por meio das Suas santas e sábias leis. A reencarnação do teu menino nestas condições representa a presciência de Deus para com os perturbados da alma, numa espécie de dispositivo de segurança, pois que os editos divinos serão cumpridos por nós mesmos, uma vez que as leis de Deus estão em nossa própria consciência.

Repara que não há castigo divino! O Pai não se utiliza destes recursos para punir Seus bem-amados, solicita, antes, a correção. Todas as nossas ações trarão necessariamente uma reação. E o corpo denso do teu filho reagiu sob os impulsos dos desequilíbrios morais registrados no perispírito, numa consequência natural e depurativa.

Isso não quer dizer que a situação particular física do teu rebento seja regra absoluta para todos os outros casos. A lei geral é: toda e qualquer ação tem uma reação, pensamentos e atitudes superiores fazem o Espírito vibrar em harmonia com o Universo, pensamentos e sentimentos infelizes o desequilibram como ser espiritual. Os desdobramentos das nossas atitudes variam ao infinito, cabendo às leis divinas colocar-nos, cada qual, na situação adequada que objetiva a nossa recondução ao caminho do bem.

No mundo, certamente existem os portadores de necessidades especiais por outros fatores; os deficientes físicos e enfermos de toda a sorte por vários motivos; um corpo em desalinho representa alguém em provas ou expiações que luta pelo progresso interior.

Com efeito, nem sempre um corpo são é sinônimo de saúde espiritual. Quantos se complicam e terão de enfrentar inevitavelmente os efeitos das

próprias atitudes?!

Por isso, meu caro, aproveita a oportunidade também! Se amas teu filho, verdadeiramente, se desejas fazer algo em benefício dele, abandona as regiões inferiores, larga os processos obsessivos sob as tuas ordens.

Observa, estás antevendo teu futuro, todos iremos renascer, por que protelar? Aproveita enquanto é tempo, usa do livre-arbítrio, pois que a Lei, se é imperativa, leva em conta também as atenuantes da boa vontade na reparação de todo e qualquer delito. Lembra-te: “O amor cobre uma multidão de pecados”. (1Pd 4:8)

Aceita a reencarnação e volta a conviver com ele, sob as bênçãos da fraternidade. Faze com que a tua vida tenha algo de verdadeiro!

— Nunca! respondeu o êmulo sentindo-se humilhado. Deseja mexer com o meu emocional para que eu acabe como ele, preso num corpo débil.

Afaste-se do meu filho, disse Lourenço, ameaçando arrancá-lo dos braços do benfeitor.

Em tempo algum abandonarei meu posto, e quando este corpo horrível, que reveste a alma do meu menino, perecer, eu mesmo estarei aqui para recebê-lo e salvar o seu Espírito.

— Meu amigo, disse a entidade veneranda, não somos os teus adversários nem desejamos o teu mal, não viemos sequestrar o teu querido. Enquanto permaneceres na perseguição, nunca terás felicidade plena.

Valoriza este sublime momento, desejamos abraçar-te sob as bênçãos dos sentimentos superiores.

— Jamais!

Nesse ínterim, Maria, a bem-amada de Ventura, apareceu ao lado do benfeitor sustentada por Álvaro. Intensa luz foi projetada no local.

Quando o tirano viu a antiga companheira, vacilou.

— • —

Ele estava diante das criaturas a que mais se afeiçoara e defronte ao convite de reformar-se intimamente.

Mas, tomado pelo orgulho, sentindo-se espicaçado pelos olhares amorosos, interpretados por ele como afronta, começou a urrar como fera

acuada e cutilada: — Não conseguirão me vencer!

Maria, maldita, pensa que esqueci sua traição? Afaste-se do meu filho, ou sua mãe pagará mais caro ainda...

Foi nesse clima que o protetor do menino transferiu-o, em desdobramento, para os braços da antiga meretriz. Ela o acolheu com ternura tão maternal que arrancou lágrimas do déspota.

— *Devolve o meu menino*, pediu Ventura sufocado pela emoção.

— *Não, meu filho*, respondeu Álvaro, *enquanto cultivares ódio e destruição, nunca terás o teu menino. Não vês que quanto mais persegues os outros, quanto mais processos obsessivos engendras, mais longe estarás do teu rebento?*

Pensa em tudo isso e coloca o amor acima da tua vaidade e orgulho tolos, que te impedem de viver em efetiva felicidade.

Os benfeitores entreolharam-se fraternalmente, despediram-se de Ventura emitindo-lhe sinceras vibrações, tomaram de Maria e o menino, desaparecendo do campo de visão do tirano, buscando as regiões tranquilas a fim de fortalecerem o pequenino, auxiliando-o na expiação terrena.

Quando as entidades bondosas desapareceram, vendo-se sozinho na choça, enquanto os tutores materiais do seu filho dormiam, Lourenço aguardou que se desdobrassem, recepcionando-os.

Diante da fúria de Ventura, o casal tremia. Ele queria vingança, iniciando assim uma luta corporal com o alcoviteiro e a libertina; ordenou horas depois aos seus comparsas que excursionassem com eles por regiões tenebrosas e que os torturassem todas as noites quando se desenlaçassem, por ocasião do sono físico, iniciando ali mais um processo de vingança e perseguição.

— • —

Em regiões maiores, Álvaro, o mentor espiritual, acompanhado de Maria e outros tarefeiros reuniam-se para tomar novas diretrizes.

O abnegado orientador trazia nos braços em situação semiconsciente o filho amado de Lourenço.

Os olhos do benfeitor estavam marejados. De alguma forma sentia-se ligado a Ventura; desejava fazer alguma coisa que pudesse beneficiar aquelas almas cujo coração endurecido jazia nas teias do orgulho e da vaidade.

Envolto na mais pura emoção, Álvaro buscou os ajudantes com os olhos luminosos, acrescentando em seguida estas lúcidas orientações: — Caríssimos irmãos!

Nosso dever não é de reprovação, não devemos julgar as criaturas sob o peso do orgulho, pois que desconhecem ainda a felicidade que a alma desfruta quando consorciada com a simplicidade, humildade e fraternidade. Devemos, com isso, representar pelas nossas atitudes a misericórdia do Pai.

É certo que Dante Ventura não está abandonado no mundo. Suas próprias atitudes pretéritas colocaram-no diante desta situação expiatória.

Ele é um nosso irmão que, perante as leis universais, foi convocado à própria reabilitação. Ainda por quase um decênio permanecerá neste estado lamentável, até que, desprendido do corpo totalmente, pela lei da desencarnação, retorne para este plano onde a consciência sofrida e a alma amargurada o farão refletir sobre a sua própria vida.

Oremos, então, todos, rogando a Deus o ampare.

E, colocando a destra sobre a fronte do menino, fez prece mental estimulando a consciência adormecida do assistido.

Aos poucos despertava e tomava posse, sob a atenção do mentor, de sua consciência imortal.

Quando acordou e reconheceu o ambiente, gritava, fugindo dos braços que o acolhiam, ao mesmo tempo em que dizia:

— Malditos, canalhas, afastem-se de mim!

Por quais mistérios me atam àquele corpo, por quais motivos me castigam?

Não sabem que meu pai tem autoridade e que não podem fazer isso comigo?!

Pai! clamava Dante. Pai! tira-me daqui! referindo-se a Lourenço Ventura.

Nesta hora, Álvaro apascentou com ternura: — Calma, irmão!

Não somos carrascos, não estamos aqui para maltratar-te, e sim para envolver-te no mais puro carinho e nas mais sinceras vibrações. Toda a tua vida, todos os teus desatinos, legaram-te um corpo débil, teu Espírito, todavia, continua guardando os atributos que o vaso físico momentaneamente embota! Tuas conquistas e capacidades intelecto-morais jamais se perderão.

Desejamos auxiliar-te no que for possível!

— *Sim, retrucou o enfermo, há um meio de auxiliar-me, matando-me na carne e libertando-me da prisão!*

— *Não, meu filho, para o teu bem, não será possível!*

Se guardas lucidez das tuas atitudes, debes recordar de que foste tu mesmo que caíste na própria armadilha. Queremos confortar-te estimulando-te na suportação desta experiência, porque será o início do teu progresso moral.

— *Vocês não sabem o que estão falando! Não entendem nada de sofrimento. Colocaram-me com loucos! Todos os dias, eles me torturam, diuturnamente me açoitam, chamam os vizinhos para debocharem de mim, como se eu fosse uma fera exótica, uma aberração da natureza!*

Eu desejo me locomover, mas as pernas atrofiadas não atendem ao meu comando, eu quero falar, mas a língua trava e os dentes me torturam! Vejam! Isso não é justo!

— *Ora, meu irmão, o que entendes por justiça?* perguntou o mentor entre sério e bondoso.

Lembras-te dos teus atos de vandalismos, dos processos obsessivos, das pessoas que conduziste ao suicídio, dos mais de 500 casos de estupros ligados diretamente à tua influência. As vítimas que espancaste, os seres que torturaste, os medos que imprimiste, as loucuras que induziste e muitos outros crimes hediondos?! Durante anos foste o representante da iniquidade, agora é a própria vida que te exige a reparação.

Tua violência e teus desequilíbrios sexuais precisarão ser abafados num corpo que te permitas a suportaçãõ silenciosa, como que num processo de decantaçãõ. Impedido de exteriorizar essas forças, naturalmente elas se aquietarãõ; e, à medida em que enfrentares valentemente esta expiaçãõ, outros sentimentos hãõ de emergir.

Necessitando do auxílio do outro, aprenderás a humildade, Deus enviar-te-á criaturas bondosas que, encarnadas, ensinar-te-ãõ o verdadeiro sentido da caridade. Terás o toque da fraternidade e não as carícias da sensualidade. Receberás o ósculo da piedade e não o beijo da seduçãõ.

Isso será apenas o início do preparo para o teu processo de reequilíbrio, se souberes valorizá-lo e se te encheres de ânimo, passarás por estas experiências de maneira menos penosa.

Coragem! estaremos contigo. Aprende a orar, avalia desde já este momento sublime em que Jesus vem em busca de mais uma de suas ovelhas.

E porque o filho de Lourenço trazia as mãos na cabeça e os olhos em lágrimas, caracterizando dor e desespero, o mentor julgou oportuno devolvê-lo ao estado de semiconsciência, orientando ao seu protetor de encarnação que o sustentasse e dele não se afastasse, mantendo a proteção que lhe fora concedida desde a concepção; e, aproveitando a presença de Maria, delegou-lhe a tarefa de auxílio, influenciando a progenitora de Dante, aguçando-lhe o instinto materno, ajudando-a na sagrada missão da maternidade. Em seguida, determinou que o Espírito, parcialmente liberto, fosse devolvido ao corpo.

— • —

Enquanto isso, Ventura programava novos ataques. Envolvido em ódio terrível, o tutelado de Álvaro retornou para a cidade das trevas a fim de que pudesse dar novas ordens aos seus capangas.

Num acometimento de fúria, pediu informações sobre Casimira e fora cientificado de que ela conseguira fazer com que o senhor Alicante tivesse contato com o Consolador, o que o deixou insano e descontrolado.

— • • • —

DOZE

O Consolador

As semanas correram...

Na casa dos Alicante, Casimira dedicava-se ao trabalho doméstico com apreço. Judite apresentava relativo equilíbrio. Ela permanecia sob o domínio de fortes remédios receitados pelos psiquiatras. Sob o torpor dos medicamentos ficava momentaneamente fora da ação dos Espíritos inferiores. Merecendo os cuidados de zelosa enfermeira, a mãe de Valério seguia os dias como que imobilizada.

Murilo sentia-se envolvido por forças estranhas e, vez por outra, era tomado por bruscas convulsões que não encontravam explicações na medicina. Valério já havia visitado várias instituições religiosas sem êxito; então foi ter com Casimira a fim de recolher orientações acerca do espiritismo.

Aguardou pacientemente que a doméstica concluísse as atividades de rotina e, no fim do expediente, solicitou: — Casimira, por favor, podemos conversar um pouco?

— *Pois não, senhor.*

E dirigindo-se para delicado vergel, apontando elegantemente o caminho, como que convidando a criada, considerou: — Casimira, lendo os livros de Allan Kardec sugeridos por você, pude entender perfeitamente a diferença entre o espiritismo e as outras religiões espiritualistas. Compreendo agora a imortalidade da alma bem como a possibilidade da comunicação com os Espíritos. De fato me parece lógico, já que a alma é imortal, comunicar-se com aqueles que permanecem ligados à carne. Compreendo também a importância de Allan Kardec na codificação do espiritismo e o objetivo da doutrina espírita: o de transformar moralmente os que a compreendem. O livro dos Espíritos é um tratado filosófico como poucos. Encontrei nessa obra as explicações racionais acerca da existência humana, a ideia de Deus, como inteligência suprema do Universo e causa primeira de todas as coisas. Esses estudos me fizeram compreender os

atributos do Criador, bem como as provas de Sua existência através dos seus efeitos. Para mim, foi um verdadeiro achado!

Foi extraordinário encontrar na introdução de O evangelho segundo o espiritismo o resumo da doutrina de Sócrates e Platão, como se repentinamente fosse arrebatado para a própria Grécia, e podia “ouvir” o apóstolo de Atenas discursando na ágora. Encontrar naquelas páginas luminosas o pensamento de João Evangelista, São Vicente de Paulo, o Santo Cura de Ars, Santo Agostinho, São Luís e outros que contribuíram para o progresso humano foi um bálsamo para meu Espírito. Em O livro dos médiuns, a presença de Erasto, Joana d’Arc, Rousseau, Pascal, Fénelon e múltiplas outras personalidades, cantando a imortalidade e comunicabilidade da alma, foi encontrar a razão da existência.

Notei o rigor e a lógica de Allan Kardec na análise das comunicações dos Espíritos, o bom senso do seu pensamento. Os esclarecimentos da doutrina espírita me convenceram! As argumentações lógicas do livro O céu e o inferno tranquilizaram meu coração sobre a inexistência das penas eternas, além da contribuição dos Espíritos dos mortos que retornaram contando seu estado do outro lado da vida!

No livro A gênese admirei as belezas do Universo e me encantei com o estudo racional sobre os milagres de Jesus.

Talvez, Casimira, pelo momento psicológico em que vivo, fruto da nossa situação familiar, nada me chamou mais a atenção do que o capítulo XXIII de O livro dos médiuns sobre a obsessão.

Jamais imaginaria as pessoas que na Terra foram más atormentando-nos do além. E quando comparei com o texto de O evangelho segundo o espiritismo sobre os inimigos desencarnados, pude observar ali, talvez, a origem de todos os nossos problemas. Seria isso, Casimira?

A empregada, verificando a gravidade do momento, considerou: — Eu poderia, senhor Alicante, falar-lhe várias coisas sobre a obsessão, o nosso tempo certamente se prolongaria e não responderia todas as suas dúvidas; por isso, julgo oportuno apresentar-lhe o educandário que lhe poderá

esclarecer melhor, falo do centro espírita. Por que o senhor não faz uma visita à nossa Casa?

— *Eu, Casimira?* indagou assustado.

— *Por que esse espanto, senhor?*

— *Ora, Casimira, um homem da minha posição frequentar centros espíritas!*

— *E qual o problema?* perguntou a empregada, carregando nas palavras paz e tranquilidade. *O senhor já procurou tantas religiões, não vejo problemas em conhecer o espiritismo nas casas que o representam.*

Por acaso, o senhor está com vergonha? Pelo que ouvi, o senhor já leu toda a obra da codificação, o que me surpreende! Se nos livros o senhor pode encontrar tanta lógica e lucidez, por que tanto pudor em visitar o centro espírita?

Diante das argumentações de Casimira, Valério ficou ruborescido e perante a autoridade moral da empregada ele aquiesceu ao convite, impressionando-se com a postura da funcionária.

— *Muito bem, disse o patrão, quando são realizadas as sessões?*

— *Todos os dias a partir das 19 horas!*

— *Está certo! Marcaremos para amanhã. Eu posso apanhar você na sua residência.*

Imediatamente, Casimira interrompeu dizendo: — Não será necessário, senhor, eu lhe darei o endereço e nos encontraremos no local.

Nas despedidas, agradecido, Valério quis abraçar Casimira, no que foi interrompido por um aperto de mão. A colaboradora sabia o seu lugar e não queria se prevalecer de um momento de descoberta espiritual para tirar proveito à custa do espiritismo.

Na sequência, ele foi visitar a mãe, dona Judite, encontrando-a em uma cadeira de rodas completamente dopada.

Dirigindo-se à enfermeira, perguntou: — Lúcia, como ela está?

— *Ah! senhor Valério, não temos conseguido nenhuma melhora, ela permanece lunática. Se suspendermos os medicamentos, as visões se agravam: anjos, ladrões, sombras e uma infinidade de personagens*

exóticos começam a povoar sua mente, fazendo-a gritar como louca. O psiquiatra recomendou internação, não é certo tratarmos dona Judite assim! Ela necessita de tratamento especializado. Temo que, se um surto qualquer acontecer, ela poderá jogar-se pela janela, nos agredir e receio até por Murilo. Sei que esses distúrbios mentais podem ser hereditários e, talvez, Murilinho esteja indo pelo mesmo caminho. Ele também precisa de atenção.

— • • • —

TREZE

Chegando ao centro espírita

No dia imediato, Valério trazia certa expectativa e alegria incomuns. O discurso de Casimira impressionara-o. Apesar da gravidade da sua conduta e da condição séria de seu caráter, ansiava pela visita.

Na hora aprazada compareceu ao endereço que lhe fora fornecido e lá estava sua colaboradora, discreta e sorridente.

A construção do centro espírita impressionava pela simplicidade. Não havia ostentação. Notava-se a arquitetura planejada e tudo parecia elaborado para favorecer o acolhimento e o aprendizado. A estrutura assemelhava-se ora a um educandário, ora a um hospital.

Valério radiografava cada centímetro; observava em minúcias os trabalhadores, identificados apenas por discreto crachá com nome e função, mas sobretudo por respeitável e afetuoso sorriso.

Não havia abraços acalorados, o que não representava ausência de fraternidade, e sim respeito à individualidade.

Os cumprimentos eram livres da euforia desportiva e os gracejos eram dos mais delicados e polidos.

Valério entendeu logo que aquela congregação procurava estimular a naturalidade e a disciplina no trato das questões espirituais.

Espantou-se porque os tarefeiros do Centro não usavam uniformes, falavam em tom de voz modulado à discrição, as vestimentas eram sóbrias, sem os rigores dos puritanos. As mulheres não desfilavam ostentando sapatos barulhentos e roupas de grife; os homens, do mesmo modo, ocupavam-se com a circunspeção; vários se dedicavam à leitura silenciosa e reflexiva enquanto esperavam pelo atendimento, muitos, porém, colaborando nas atividades de recepção e acolhimento dos que chegavam.

Parecia em tudo haver uma preocupação com o outro, um cuidado. A atitude de todos revelava um ambiente no qual o sagrado era espontaneamente respeitado por meio do entendimento de que o centro espírita é uma escola para o Espírito e um hospital para a alma. Atmosfera

em que exércitos invisíveis laboram promovendo o bem e estimulando a paz.

O visitante lobrigou encontrar um caixa para pagamentos, uma tesouraria para recolher o dízimo ou o recebimento pelas benesses alcançadas. Mas nada encontrou.

Imaginando que a cobrança viria no fim, aguardou os acontecimentos.

Havia, logo na entrada do Centro, uma comissão de simpáticos recepcionistas. A auxiliar apresentou o patrão, no respeito da simplicidade, e solicitou fosse ele encaminhado ao trabalho de entrevista e esclarecimento. Na sequência, despediu-se dirigindo-se às suas atividades.

Feita a recepção, Valério fora convidado a aguardar em respeitável biblioteca. Esperar, naquela casa espírita, representa aprender.

Uma discreta ficha com o seu nome e a indicação de que era iniciante em espiritismo fora-lhe entregue.

Ao apresentá-la ao recepcionista da biblioteca, fora conduzido a longo balcão em que a voluntária, ao identificar pela ficha o iniciante, ofereceu-lhe literatura adequada.

Conduzido para ambiente organizado e acolhedor, o recém-chegado lia enquanto aguardava.

Dez minutos depois, seu nome souo discreto e um voluntário indicou-lhe o caminho.

Em ambiente coletivo, no qual as portas não se cerravam, espíritas conscientes, estudiosos, esforçados na arte de compreender a dor do outro e, sobretudo, aptos ao esclarecimento seguro em Jesus e Kardec, dialogavam com naturalidade com os que chegavam pela primeira vez ou os que buscavam conversa fraterna objetivando a vida correta e a orientação espírita.

— *Seja bem-vindo, senhor Valério!*

Ele ficou assustado, imaginando que ela havia adivinhado o nome dele.

A colaboradora, identificando-lhe o espanto, tratou logo de informar, evitando qualquer sentido sobrenatural: — Recebi com antecedência a sua

ficha e sei que esta é a primeira vez que está em nossa Casa. Em que podemos ajudar?

Como o Centro era bem organizado, a equipe do acolhimento fraterno, que periodicamente se reunia para planejamento e capacitação, já sabia pelo cronograma qual o capítulo de *O evangelho segundo o espiritismo* seria explanado naquela noite; estudaram em conjunto na reunião preparatória antes do início das atividades e procuravam explorar seu conteúdo aplicando-lhe, delicada e de maneira pertinente, durante cada conversa.

A acolhida fora tão respeitosa e afetuosa que despertou encanto em Valério.

Narrou, assim, o seu drama, recebera as mais nobres orientações e impressionou-se com a última frase da colaboradora transformada em fraternidade: — Frequentemente são as lutas mais tormentosas da vida que nos conduzem a Deus. Confiança!

Ele recebeu orientações sobre o passe, seu mecanismo e efeitos.

Fora convidado para, antes, assistir às preleções evangélicas.

O preletor, tarefeiro espírita responsável pela explicação do evangelho, era bem preparado e praticamente dispensava amparo espiritual. Estudioso, valorizava o momento sagrado de explicar a boa-nova de Jesus aos interessados ou sofredores; e, porque sua responsabilidade compactuava com a dos bons Espíritos, não se preocupava em fazer palestra com arroubos de oratória.

Aquele era o momento de explicar, usar a lógica e a razão para salvar vidas que se debatiam num mar de lutas. Essa postura e a pureza do seu propósito mantinham-no em perfeita sintonia com os responsáveis espirituais daquela tarefa, que já o conheciam, respeitavam, apoiavam e, por estarem ligados pela excelência do trabalho, conferiam-lhe a responsabilidade do momento permitindo-se outras atividades, deixando-o aos cuidados apenas do seu anjo da guarda, ou Espírito protetor, que externava alegria e satisfação por saber que seu tutelado, pela dignidade e esforço, merecia aquela deferência dos bons Espíritos.

Quem visse o nosso irmão com os olhos do corpo, nele não identificaria nada além de um homem dedicado, cuja palavra esclarecia com afeto e respeito.

Para o início da atividade, observava-se a mesa formada por três colaboradores discretíssimos. Um deles levantou-se, fez breve e respeitosa saudação, leu pequena porém poderosa mensagem espiritual objetivando preparar as mentes dos participantes; fez prece singela e ao mesmo tempo afetuosa, ligando-se de imediato à nossa esfera, conduzindo os pensamentos dos presentes, permitindo à espiritualidade agir com mais eficácia.

Quem pudesse observar, veria nesse momento uma vasta equipe de benfeitores espirituais muito bem preparada, acolhendo, ali mesmo durante a preleção, os Espíritos sofredores e obsessores que acompanham os encarnados; veria ainda os parentes “mortos” bondosos e equilibrados, autorizados pela organização espiritual da Casa, ao lado dos seus queridos ouvindo a preleção e inspirando-lhes interesse pelo tema e ânimo para viverem as instruções. Além de centenas de outros Espíritos enfermos ou combalidos, em tratamento de reequilíbrio, assistindo a exposição.

O assunto abordado fora o capítulo V de *O evangelho segundo o espiritismo*: “Bem-aventurados os aflitos”, itens 1 a 6.

— • —

A explicação fora muito apropriada.

Apresentou a tese espírita para a justiça das aflições, esclareceu que as causas atuais de nossas dores podem se dar por problemas criados numa mesma existência sem que nada tenha com o passado. Muitos males são produzidos por nós mesmos numa mesma encarnação, por incúria, leviandade, imprevidência, mal proceder, vaidade, falta de cuidado com o corpo, orgulho...

Demonstrou, a partir da imortalidade da alma, que os sofredores de hoje podem estar recebendo, como instrumento educativo, o retorno das próprias atitudes em vidas passadas. E ao suportarem com resignação, coragem e alegria cristãs, os indivíduos libertam-se e reabilitam-se ante as leis divinas,

traduzindo com isso o “bem-aventurados os que choram porque serão consolados”. (Mt 5:5)

O conforto ficou por conta do fim do item seis: O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: “Perdoa-me, Senhor, porque pequei”.

— • • • —

CATORZE

Ação espírita

Apos a explicação do evangelho, um dirigente ou coordenador de atividades espíritas orientou seguramente sobre os mecanismos daquele procedimento espiritual, o passe, alertando acerca da necessidade de concentração, explicando sucintamente que concentrar não é ficar sem pensar em nada, é participar com entendimento de causa da atividade espiritual. Informou, ainda, que as luzes seriam diminuídas para favorecer a introspecção e que os participantes deveriam fechar os olhos somente se assim o desejassem e/ou se favorecesse a sua paz interior. Iniciou-se o passe, isto é, a oração com imposição de mãos que uma pessoa de boa vontade faz por outra mais necessitada, numa espécie de transfusão de energias.

Naquele modelo, porém, numa variante da prática espírita perfeitamente aceitável, não havia cabine para o passe. (Aquele agrupamento mantinha todas as muitas salas ocupadas com atividades espíritas variadas e precisava otimizar o ambiente. Além de não desenvolver a crença de compartimentos hermeticamente fechados ou místicos. Se nosso trabalho for santo, toda a casa espírita será santificada e, por isso mesmo, apta para a atuação dos bons Espíritos.) As entidades aproveitavam aquele mesmo clima espiritual produzido pelos benfeitores do infinito e pelas mentes dos assistidos estimuladas pelas palavras do expositor sobre o evangelho de Jesus, e acompanhavam os passistas que se aproximavam, em silêncio quase absoluto, distendendo mãos silentes que veiculavam fluidos poderosos oriundos dos próprios encarnados e potencializados pelo magnetismo dos Espíritos superiores.

Os colaboradores da prece evitavam o passe mediúnico para não impressionar ou criar dependência nos assistidos. Não é essencial que um Espírito se manifeste por meio de um médium para ministrar fluidos benéficos, embora não seja impedido.

Os Espíritos amigos, ligados àquela Casa, em tudo primavam pela elegância das atitudes, fraternidade e absoluta discrição.

Os companheiros encarnados, estudiosos e dedicados, entenderam a lógica do cristianismo e reproduziam espontaneamente essa prática da espiritualidade amiga, que prefere o trabalho no silêncio e, na maioria das vezes, no anonimato.

Terminada a tarefa, os passistas retiraram-se para discreto local, para as preces e vibrações pelos necessitados.

Aquele Centro, por preferência e variante, abolira a prática do uso dos papéis para oração. Instruíram os participantes sobre a responsabilidade de cada um informando acerca das leis dos fluidos e os mecanismos da prece.

Assim, o responsável fez a oração e conduziu o pensamento dos presentes a locais necessitados, ensinando-os a dar para receber.

Hospitais, asilos, creches, dentre outros foram nomeados enquanto os partícipes pensavam com estima naqueles recintos direcionando pensamentos e emoções. A sala encheu-se de luz. Cada coração funcionou como um dínamo de energia. Alguns figuravam a luminosidade tênue de uma vela, outros de uma lanterna e alguns como verdadeiros faróis iluminando a distância.

Após esse breve período, o dirigente solicitou que cada um pensasse na sua residência ou nos casos particulares que desejavam auxílio.

Valério, encantado com tanta simplicidade, envolvido com as explicações lúcidas do evangelho, pensou em Murilo, Judite e Catarina com as forças mais poderosas de um pai, filho e esposo.

Como se o Sol surgisse repentinamente de nuvens densas, uma luminosidade fez-se, permitindo aos bons Espíritos agirem mais e melhor. A residência de Valério fora tomada por intensa luz interpretada pelos obsessores como desagradável descarga elétrica afugentando-os de lá.

Álvaro e o protetor de Valério conseguiam agora a autorização das leis divinas para ajudarem de maneira mais efetiva, uma vez que o senhor Alicante fornecia a ação moral que o colocara em sintonia com esferas maiores, trazendo uma natural proteção para ele e a família. Terminada a reunião, ele estava renovado. Procurou alguém para pagar e decepcionou-se. Tudo era gratuito!

Fora informado de que os espíritas seguem as instruções de Jesus: “De graça recebestes, de graça dai”. (Mt 10:8) Desejou fazer uma doação, era uma maneira elegante de pagar, mas do mesmo modo fora recusado.

Recomendaram que continuasse a receber o passe durante cerca de quatro semanas para então ter uma nova conversa, e que efetuasse a matrícula no curso de espiritismo. Ele inscreveu-se de imediato para o outro dia e passou a frequentá-los com assiduidade.

De volta a casa, encontrou Murilo mais animado, Judite mais calma e Catarina ausente.

Comoveu-se e entendeu que de fato Jesus é o caminho da verdade e da vida.



Na sala do grupo mediúnico de Casimira, para o qual os amigos espirituais encaminhavam os casos para desobsessão, o clima era dos mais nobres.

Após a primeira parte de estudos, os medianeiros preparavam-se para o intercâmbio com a espiritualidade.

Casimira tomou o cuidado de incluir a família Alicante nos registros graves de obsessão. O dirigente fez triagem rigorosa dos casos para efetivo auxílio e acompanhamento.

Quando o relógio anunciou 21 horas, iniciou-se a sessão com prece seguida da leitura dos nomes selecionados para o trabalho.

Nossa médium usou um critério ético para sua atuação como intérprete. Sabia da problemática da família, preocupou-se com a sugestão, mas fora tranquilizada pelos seus orientadores espirituais, percebidos fluidicamente, que afirmaram a necessidade do labor.

Iniciados os trabalhos, espiritualmente a porta abriu-se e uma turbamulta de adversários apresentou-se como desordeiros do além.

Prontamente, poderosa força envolveu-os, imantando-os aos médiuns absolutamente disciplinados.

É de se admirar os companheiros cuja mediunidade produz com equilíbrio.

Os médiuns presentes, embora socorrendo Espíritos terríveis e desequilibrados, usavam da educação mediúnica para conter os excessos dos adversários.

Controlavam o corpo com vigilância e firme vontade, evitando frêmitos de arrepios, cerravam os dentes controlando os bocejos barulhentos, não alteavam a voz, não crispavam as mãos, não se lançavam sobre a mesa, não grunhiam, não doestavam sob nenhuma hipótese, não se agitavam bruscamente batendo sobre a mesa, controlavam as emoções evitando o choro exagerado, e muito menos gritavam.

Agiam como devem agir os médiuns espíritas, com equilíbrio e controle das manifestações.

— • —

Mediunidade é coisa santa e deve ser santamente, religiosamente, praticada! (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XXVI, item 10) Nesse exercício de amor ao próximo, não há espaço para credices, superstições, mentiras e exibicionismo.

Somente a seriedade, o recolhimento e a autoridade moral garantir-nos-ão amparo nas reuniões de intercâmbio.

O bom médium estuda a doutrina, exercita sua faculdade e, por honradez de propósitos e disciplina espírita, facilita os graves serviços dos amigos espirituais.

Médium que se contamina com o choro do Espírito, reproduzindo-o superlativamente, dá mais valor às lágrimas que ao seu dever de acalmar a entidade com suas emoções e pensamentos pacificados, a fim de que ela receba, sob o concurso do equilíbrio emocional do medianeiro, o necessário esclarecimento.

Médium que funga, chia, tosse, grita, agita-se desnecessariamente valoriza muito mais a expressão gutural e corporal que a arte sublime de acolher o sofredor nas bênçãos da fraternidade, que sabe silenciar os excessos dos perturbados, para que recebam, sob poderosa afetividade mediúnica, o esclarecimento que liberta.

Médium que cede às intrigas dos adversários do bem, sujeitando-se a ofender companheiros de trabalho com o fito de expor-lhes as chagas,

valoriza mais as trevas que tudo confunde à luz que tudo apazígua.

— • —

Irmãos médiuns, não permitais que a vossa conduta inadequada sirva de exemplo aos detratores do espiritismo. Afastai-vos das ilusões, estudai Kardec, evitai pavonearem-se usando os Espíritos como meio de atração dos desocupados.

Que vossa atuação seja plena do Santo Espírito que em tudo solicita ordem para o progresso da humanidade.

Os adversários da fenomenologia mediúnica encontram nos médiuns deseducados farto material para atacar as ideias santificadas pela verdade! Trabalhai, irmãos, de modo a aperfeiçoardes a vossa prática mediúnica, recordando que mediunidade é faculdade de socorro e não um *show* de desequilíbrios. É ferramenta de libertação e não doença nervosa. É oportunidade redentora e não circo de horrores para o qual se lançam os amigos da maledicência, da curiosidade e da exaltação da loucura.

Aplicai sobre vós mesmos aquela severa disciplina e dizei não aos Espíritos que vos querem ridicularizar! Não cedais aos caprichos do mundo espiritual inferior. Antes, ofertai vossa conduta correta, vosso equilíbrio e vossas emoções alinhadas ao Cristo, atraindo para vós as entidades iluminadas, ajudando-vos no exercício do bem.

Comportai-vos!

Equilibrar-vos e trabalhai para Jesus!

Analasai, com lógica severa, tudo o que proceder dos Espíritos!

Médium educado sob o lume do espiritismo, cuja prática é à luz do evangelho, representa os tempos novos da doutrina espírita estudada, entendida e praticada livre dos indesejáveis condicionamentos; por meio dessa atuação, a mediunidade será reconhecida e respeitada como tarefa de luz em ambiente de ordem e absoluto equilíbrio.

— • —

Esse comportamento eminentemente espírita fazia com que aquela equipe detivesse a confiança da espiritualidade, mantendo seus nomes na lista de bons trabalhadores pelos amigos espirituais.

Notava-se como alguns Espíritos sentiam-se amarrados, mediante a ligação com a mediunidade e o controle moral dos intérpretes.

O atendimento múltiplo em reunião de companheiros experientes e espiritualmente fortalecidos permitiu o amparo a vários comparsas de Lourenço.

Diálogos dos mais belos foram travados, libertando alguns e sensibilizando outros.

— • —

Os dialogadores, sob as bênçãos do Consolador, eram estudiosos da codificação, empenhados na análise do evangelho de Jesus e não se preocupavam em doutrinar os desencarnados.

A tarefa era de acolhimento, ouvidoria, empatia e instrução fraternal sem a imposição e o proselitismo.

Uma conversa esclarecedora entre duas pessoas, em planos diferentes, sob o concurso de um intérprete.

Os colaboradores dessa área, trazendo entendimento do labor, não tocavam nos médiuns, evitavam perfumes fortes que pudessem atrapalhar a concentração dos medianeiros, falavam com respeitosa distância ao ouvido do médium e dosavam a voz, preocupando-se até mesmo com a saúde bucal.

Periodicamente capacitavam-se trocando experiências, apresentando o cerne de cada caso, buscando junto aos companheiros mais experientes os argumentos apropriados para socorrer os comunicantes.

Conheciam em profundidade o processo mediúnico e, por essa razão, estavam habilitados no processo de condução de Espíritos e médiuns.

Uma perfeita harmonia fez-se.

Os medianeiros sabiam concentrar-se e desconcentrar-se com perfeição, porque se dedicaram aos estudos das próprias faculdades mediúnicas com muito empenho, compromisso e responsabilidade. Assim, facilitavam muito o trabalho dos bons Espíritos que, percebendo poderem confiar na equipe encarnada, voltavam-se quase que exclusivamente ao trabalho gravíssimo de socorro espiritual.

Quem observasse as manifestações mediúnicas naquele dia não poderia imaginar o longo trabalho de Álvaro e sua equipe espiritual. Os decênios de devotamento nas regiões de sombras, sensibilizando uns e socorrendo muitos, conduzindo-os aos grupos mediúnicos para que o trabalho de reerguimento moral dos Espíritos contasse com a colaboração dos encarnados, a fim de que também eles pudessem aprender sobre as lutas, provas, expiações e felicidades humanas do outro lado da vida.

Inúmeros casos são atendidos pela espiritualidade sem o concurso da reunião mediúnica.

Entretanto, ela é de fundamental importância para que a humanidade entenda a fraternidade universal como lei, compreendendo pela fenomenologia espírita que, embora Deus possa resolver todas as questões, partilha com os seres humanos o sublime labor de apoio e reerguimento aos caídos.

Com esse trabalho, a humanidade fica esclarecida sobre as leis que regem o mundo espiritual, exercita o coração na caridade, estimula-se ao próprio melhoramento quando tem a oportunidade de observar como os erros no planeta e a perversidade entre as criaturas podem perturbar-nos na vida do infinito. E, sobretudo, compreender que céu e inferno não existem como locais geográficos, e sim como estado de consciência.

Por esse nível de instrução e mormente pela pureza das intenções, aquele grupo oferecia largo canal para as inspirações advindas dos benfeitores espirituais, que promoviam através dele nobres atividades.

Esse compromisso dos médiuns, dirigentes, elementos de apoio e dialogadores permitia um proveitoso entrosamento entre a equipe física e a espiritual, ampliando a proteção do agrupamento e elevando os índices de socorro, libertação e aprendizado.

— • —

Os amigos do infinito respeitaram os adversários do bem, nada lhes impondo.

Vibrações de ternura, originadas dos corações dos elementos de apoio, verdadeiras colunas de sustentação, colaboraram imensamente para o êxito

do trabalho.

Os Espíritos protetores de Valério, Judite, Murilo e Catarina estavam presentes acompanhando e cooperando com o socorro necessário, inspirando os dialogadores no trabalho de libertação das entidades malvadas.

Casimira agiu de modo discretíssimo. Orava pelos patrões com sincera ternura. Terminada a reunião, os bons Espíritos transmitiram palavras de ânimo e conforto, fortalecendo os companheiros na continuidade do serviço em nome de Jesus.

Após a prece de encerramento, com os médiuns em perfeito equilíbrio, o dirigente fez comentários dos mais edificantes em torno das manifestações, ajudando a equipe encarnada no entendimento das questões relativas à obsessão e buscando a aplicabilidade das lições aprendidas na noite.

Os médiuns agiam com absoluta circunspeção, narrando das comunicações apenas o necessário, evitando a exposição e o comentário sobre as chagas dos comunicantes, procurando aprender com cada drama, com cada diálogo, cujas instruções luminosas buscavam meditar no âmago do ser.

— • —

Sim, era o início da libertação definitiva de Valério.

Batei e vos será aberto! (Mt 7:7)

Bater é símbolo de ação. Jesus ensina que é preciso agir positivamente, fazendo o bem à humanidade. E essa ação, essa batida nas portas do amor por meio de mãos de trabalho, é que fará com que as portas dos céus se abram para nós em efetivo socorro!

Raramente a obsessão acaba sem a ação positiva e renovadora dos encarnados, colocando-os fora da ação dos adversários do bem que, em constatando a transformação real dos que eles perseguem, verificando que não mais encontram campo de ação para prejudicá-los e notando a companhia espiritual superior que os circundam, sentem-se motivados ao

abandono de suas “vítimas”, ao desânimo por não conseguirem atingi-las ou à própria transformação pelo arrependimento.

Para alcançarmos as portas do amparo espiritual é preciso saber bater, isto é, ter o conhecimento para acionar leis espirituais por meio do nosso comportamento em benefício do próximo. Agindo assim, os pórticos do equilíbrio abrir-se-ão para todos nós!

Imperioso lembrar que não apenas a prática espírita, mas toda e qualquer ação religiosa verdadeira, independente do rótulo, será capaz de libertar e reabilitar os que de algum modo caíram entregando-se aos problemas da vida moral. Embora todas as religiões sérias e nobres sejam necessárias, atendendo a condição evolutiva de cada um, Deus sabe transcender as convenções humanas e acolher, em braços de luz, os que tocam a lira do amor em acordes de caridade.

Vivemos tempos em que as religiões não podem mais se atacar. Forçoso o respeito para com os que pensam diferente. Que os espíritas sejam sempre o exemplo de *trabalho, solidariedade e tolerância*; jamais acusando, difamando ou perseguindo grupos ou filosofias religiosas. Preocupemo-nos em estudar e viver o espiritismo para que a luz do Cristo, irradiando em revérberos de prática no bem, ilumine os que de nós se aproximarem!

— • • • —

QUINZE

A tragédia de Catarina

Quase dois anos se passaram...

Valério seguia mais fortalecido. Frequentava o Centro com assiduidade, matriculando-se nas obras de assistência social da casa espírita, e preparava-se para a implantação de o evangelho no lar.

Murilo acalmara-se e retomara o equilíbrio, com discretas e espaçadas crises.

Judite diminuía os remédios e retomava aos poucos a rotina da casa.

Um período de relativa paz.

Catarina aguardando que as forças ocultas trabalhassem e perturbassem o marido, levando-o ao desequilíbrio e à morte, permanecia inquieta.

Telefonou para Laércio em viagem de negócios ao exterior, queixou-se do esposo e anunciou que, se as forças demorassem muito a agir, ela resolveria de outro modo.

Afirmou ainda que colocaria Menelau na cadeia, julgando-o charlatão e enganador!

O amante tentou acalmá-la, mas ela estava resoluta.

— *Catarina, lembrou Laércio, eles são poderosos. Menelau, segundo ouvi, é ligado à bandidagem. Temos de ter cautela!*

— *Bobagem, Souza! bobagem... São farsantes, espertalhões! ledores da buena-dicha! enganadores e larápios. Terão de devolver meu dinheiro. Parece que tudo que fiz aconteceu errado. Meu marido está cada vez mais forte!*

Não se preocupe, informou a amante, quando você voltar, tudo estará resolvido!

Agendou um horário com Menelau, o líder da seita lunática, a exigir-lhe providências.

O que Catarina desconhecia é que Menelau era o líder de perigosa quadrilha. Usava aquela comunidade como fachada para o tráfico de drogas

e outros graves delitos; financiava assaltos, contratava matadores e ocultava bandidos perigosos.

No dia marcado, após os rituais que caracterizavam o ambiente, ela chamou-o acusando-o diante de outros consulentes.

Fez denúncias graves, rotulando-o de ladravaz e exigindo o numerário de volta. Todos estavam fartos da arrogância de Catarina.

Ela ameaçou chamar a polícia e denunciar a dissimulação de Menelau incriminando-o de charlatanismo.

Ele tratou de acalmá-la e prometeu devolver o dinheiro. Era uma pequena fortuna.

Combinaram a devolução para a próxima semana.

Catarina estava insana.

Intoxicada pela vaidade e arrogância, imaginou que todos se submeteriam aos seus desmandos.

Partiu do salão das sombras triunfante, sobre um escaupim negro, envernizado e reluzente; o salto altíssimo conferia-lhe elegância e poder.

Na data apazada, Menelau combinou o encontro em luxuoso centro comercial.

Compareceu de terno escuro, com o mais fino corte, carregando o dinheiro em elegante sacola de destacável loja masculina.

Encontraram-se em airoso restaurante, tomaram sofisticada refeição, Menelau tentou reaver a confiança de Catarina e mais uma vez foi humilhado.

— *Acabarei com você, farsante! Pensou que eu seria uma vítima fácil? Você é um fracasso!*

Ele tentou intimidá-la, porém sem sucesso.

— *Não tenho medo das suas ameaças, tenho amigos na polícia e no poder!*

Ela agiu de modo a feri-lo ainda mais.

Levantou-se, pegou a sacola com o dinheiro, deixou a conta para ele pagar e saiu deambulando qual representante legítima da elegância passageira, entre as lojas sofisticadas do centro comercial.

Menelau fora tomado de ira. Ao se levantar, fez pequeno sinal a um dos seus homens, infiltrado propositadamente entre os outros frequentadores, que, entendendo a hora de agir, fez não conhecer o superior; aguardou que ele se ausentasse do ambiente. Enquanto Menelau saia do estabelecimento o outro seguia discretamente os passos da amante de Laércio Souza.

Na via pública, seguida pelos bandidos, o carro blindado de Catarina sofrera um pequeno impacto. Um automóvel luxuoso dirigido por um dos comparsas de Menelau chocou-se contra o dela. Verificando tratar de veículo sofisticado, ela saltou da máquina para pedir providências na arrogância que a caracterizava.

Nesse ínterim, enquanto o motorista do importado fazia teatro, uma moto conduzida por assassinos abeirou-se dos dois, exigindo e arrancando o dinheiro que estava na sacola sobre o banco do passageiro; puxaram violentamente as joias, machucando-lhe o pescoço e os pulsos, subtraíram-lhe a bolsa riquíssima em perfeita harmonia com os sapatos da mesma cor.

Quando estavam de saída, já sobre a motocicleta que roncava em urros mecânicos, dispararam impiedosamente contra ela.

Cinco projéteis crudelíssimos, evitando a cabeça, ceifaram a vida de Catarina.

O impacto a lançou contra o próprio carro. O susto, o medo e a dor imprimiram na face o pânico dos que, de alma atormentada pela consciência comprometida, afastaram-se de Deus.

Ela abriu os braços, o sangue jorrou da boca em violentos soluços, e o corpo desgovernado deslizou pela lataria do automóvel, conferindo uma forte mancha vermelha estampada verticalmente na rica condução.

Houve azáfama entre os motoristas que surpreenderam a cena; os assassinos fugiram e todos os outros abandonaram o local, deixando Catarina agonizante e sozinha até que a morte a arrebatasse definitivamente.

Mais tarde ouviu-se a sirene do serviço público de saúde, acionado pela polícia destacada para a diligência.

O crime seria registrado posteriormente como latrocínio, sem que ninguém jamais soubesse os reais motivos.

A arrogância e a vaidade de Catarina de nada lhe valeram; a morte surpreendera-lhe com os sapatos de luxo, num corpo ricamente vestido e marcado por vergas de violência.

O físico perfurado encharcou de sangue as roupas caríssimas preenchendo, de maneira trágica e ao mesmo tempo irônica, o ataúde enferrujado de paupérrimo e malcheiroso rabecão.

— • —

A esposa de Valério abandonara o mundo físico sem ter deixado contribuição real para a humanidade. Portadora de recursos variados, administrando na Terra os bens divinos, chegaria à vida do infinito de mãos vazias e, por muitos meses, percorreria zonas de dor, sombra e sofrimento como mendiga néscia, em andrajos de miséria, traduzindo sua pequenez moral, fazendo-nos recordar de Jesus: Todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado. (Lc 18:14) — • —

Na casa dos Alicante, a notícia chegou na madrugada com Valério acordado e ávido pelo retorno da esposa. Seu corpo fora impactado pela inesperada e terrível notificação trazida pelos policiais.

A placa do carro ajudara aos profissionais da ordem na chegada à residência do proprietário. O filho de Judite chamou um funcionário de confiança, pediu nada dissesse à mãe e à babá, saindo de imediato para o reconhecimento do corpo e as devidas providências.

— *Catarina assassinada?! exclamou em grande sofrimento.*

No necrotério, não houve dúvidas, era ela.

O industrial conhecia o espiritismo e isso o fortaleceu. Sabia agora da existência racional de um Deus e da imortalidade da alma. Necessário viver aquela mensagem.

Informou, na companhia de médicos especialistas, à mãe, que sob o concurso de remédios suportou a tragédia.

Na competência de uma psicóloga, que com eufemismos soube conduzir a situação, Murilo superou a tristeza e a saudade.

Casimira foi o apoio direto para os familiares da casa, que por razões de saúde emocional não participaram do velório e do sepultamento.

Catarina não possuía religião definida, não participava de ações nobres e benemerentes. Sua parentela, que lhe mantinha declarado desafeto, não compareceu. Somente a alta sociedade e a imprensa da região.

No funeral, Valério teve postura espírita. Não usou de nenhum rito, nenhum símbolo, velas ou imagens.

Somente respeito e oração silenciosa para cooperar no processo de desligamento de Catarina.

Ele recebeu os sentimentos, na maioria falsos, dos que tinham de tolerar sua esposa e de outros que desejavam destacar-se socialmente. A todos tratou com diligência e respeito.

Em hora determinada pronunciou comovente discurso, demonstrando todo o seu amor, ressaltando a ideia da divindade e a sua misericórdia, impressionando a multidão pela robustez da fé e pela filosofia espírita assumida declaradamente. Fez prece espontânea conforme havia aprendido na doutrina e aguardou o sepultamento. Havia equilíbrio e confiança no viúvo de Catarina.

No exterior, Laércio Souza soube do acontecido, enviou condolências ao amigo e recordou-se de que a amante lhe comunicara o que faria. Ele ligou os fatos e imediatamente entendeu que ela fora assassinada por encomenda. Pusilânime, decidiu calar. Na realidade, estava com medo, imaginava-se o próximo da lista, visto que a seita o conhecia. Meses depois diria a Valério que preferia vida nova fora do Brasil e assim vendeu para o sócio a parte que lhe cabia na indústria, sem jamais retornar à pátria.

— • —

A morte de Catarina não foi obviamente uma punição divina. Como a mãe de Murilo não possuía ligações superiores, por ausência de bem proceder, ficou entregue às próprias atitudes. E, porque nunca se preocupou com o outro, imaginava-se, por arrogância, vaidade e prepotência, acima do bem e do mal. Lamentavelmente encontrou alguém pior que ela mesma: Menelau.

Entretanto, este último não ficaria fora das consequências geradas pela loucura, violência e insensatez. Ele era conhecido pela maldade. Agia com

seus inimigos feito huno ensandecido.

Teve morte cruelíssima quando, anos mais tarde, fora traído por um dos seus e entregue nas mãos de adversários encarnados que, lutando por uma posição melhor no mercado de entorpecentes, haviam-no entregue a brutais estrangeiros do tráfico internacional que, após inúmeras e terríveis torturas, separando-lhe em vida os membros do corpo, queimaram-no vivo entre gritos de maldição e vingança.

— • —

Deus não descuida da humanidade, mas respeita no limite de suas leis a liberdade de ação de cada indivíduo, para que a responsabilidade traga o arrependimento, a expiação e a reparação dos erros de cada um. Até mesmo os mais perversos como Menelau e Lourenço terão o seu dia de redenção!

— • —

No plano espiritual, porém, os homens de Ventura aguardavam Catarina. De modo geral, a misericórdia divina sempre socorre os vitimados. Mas a nora de Judite provocara aqueles acontecimentos à medida que se mancomunou com pessoas perigosas e malvadas. Não havia programação para aquela morte. Foi o resultado do livre-arbítrio mal utilizado e da incúria representando o modo equivocado de interpretar a vida.

Agora, Catarina era esperada pelas sombras.

Ela morrera fisicamente, mas ainda não desencarnara. Pela vitalidade do corpo e por não ser vítima de fato, não se desprendera totalmente do vaso biológico, deambulando espiritualmente no velório, em estado de perturbação e loucura, ouvindo os comentários menos felizes que dela faziam os seus inimigos.

De algum modo entendeu o que acontecera e, mesmo sentindo o desconforto e a perturbação do momento, lançava-se entre os presentes ouvindo as suas observações ferinas e risíveis; de punhos cerrados, cabeleira revolta, trazendo as marcas dos projéteis impressas no perispírito, por sua mente fixada no momento da morte, chorava, urrava, ameaçando com imprecizações os presentes, que não a percebiam de maneira objetiva.

Aproximava-se do caixão, apoiava-se nos bancos para subir no féretro e lançava-se no ataúde tentando acomodar-se no próprio corpo e revitalizá-lo. Tudo em vão. O vaso físico estava definitivamente morto.

Olhava para Valério e o amaldiçoava.

Clamava por Laércio e ouvia risos e acusações dos “mortos”.

Entrementes, coisas ainda mais difíceis aconteceriam. Na porta do velório, um grupo de dez “crianças” apresentou-se choramingando e clamando: — Mamãe, Catarina! mamãe, Catarina!

Ela estava de costas, olhando para o próprio caixão, quando um frêmito correu-lhe pelo corpo espiritual. Volveu-se num vagar e parecia assistir a um filme de horror.

Os “pequeninos” estavam disformes, esquartejados uns, representando o bisturi dos médicos insanos, queimados outros, traduzindo o envenenamento que intoxica e queima. Aqueles eram os Espíritos que não perdoaram Catarina. Dos quinze abortos delituosos e conscientes que fizera, cinco dos assassinados remitiram-na e retornaram ao educandário terrestre em outras famílias. Catarina, na juventude, estagiara na delinquência sexual. Esses Espíritos disformes, seus parceiros de bacanais, atraídos para um corpo cuja insensibilidade dela permitiu fossem feridos e destroçados no seu ventre, desejavam persegui-la e, à medida em que dela se aproximavam, fizeram-na esconder-se agachada debaixo do féretro, enquanto trazia as mãos aos ouvidos para não escutar as acusações.

As “crianças”, em sua mente perturbada e culpada, pareciam crescer adquirindo a forma de adultos mutilados.

Eram ainda acompanhados por dezenas de tresloucadas mulheres que, mortas sob o peso das mãos abortivas de Catarina, vinham exigir-lhe explicações.

Ela figurava enlouquecer.

— • —

Isso tudo acontecendo no plano espiritual, sem que os encarnados percebessem. Muitos levianos presentes recolheriam em forma de mal-estar as vibrações de Catarina e atribuiriam ao ambiente “carregado” do

cemitério, sem perceber que a falta de respeito, o gargalhar, a ironia e a maledicência colocavam-nos na linha de desequilíbrio da “morta” intoxicando-os espiritualmente.

O marido, porém, que com respeito orava pela esposa, permanecia, pela postura digna de cônjuge e irmão espiritual, amparado, protegido e livre das vibrações doentias da desencarnante.

Foi graças às orações silenciosas do filho de Judite, e de alguns poucos amigos de outras religiões sérias e verdadeiras, que a equipe espiritual pode naquele ambiente de desequilíbrio, criado pela mãe de Murilo, afastar as entidades abortadas que posteriormente buscariam a esposa de Valério.

Quando o corpo fora introduzido na sepultura, ela não tolerou e perdeu os sentidos.

Resistiu várias semanas aos horrores da perseguição e à tortura psicológica dos Espíritos perturbados sem conseguir afastar-se do corpo no mausoléu da família.

Catarina permanecia sentada ao lado da gaveta em que seus restos mortais foram depositados, aguardando, sem o saber, que o fluido de vitalidade a libertasse por definitivo. Ela passou verdadeiros momentos de horror que o estado de semiconsciência a ajudou a suportar.

Os adversários do bem de tempos em tempos tentavam arrancá-la puxando-a a semelhança de quem tenta arrebenatar fortes correntes de densa e poderosa coluna. Dessa vez conseguiram. O fluido vital finalmente desvaneceu e ela fora arrancada do corpo putreficado pelos capangas de Lourenço que a levaram até ele...

— • —

Padeceu assim, rememorando em cenas fortes da sua juventude promíscua os seus próprios infanticídios e de muitos outros que ajudou a executar, aliciando jovens indefesas e perturbadas, convencendo-as perversamente ao delito. Recebia, por isso, dos traidores de Hipócrates, dos réprobos de Asclépio, desses inescrupulosos convertidos em abutres de jaleco branco, perversa e insana comissão.

Nesse caso, era duplamente responsável. Não figurava na conta das mulheres abandonadas pelos parceiros pusilânimes, nem entre as ignorantes coagidas, humilhadas, indefesas, temerosas, violentadas que, embora sejam sempre responsáveis pela vida que carregam no ventre, terão atenuantes para apresentar diante de Deus. E, tendo sempre de reparar o mal, têm a ignorância por álibi perante o tribunal da consciência. Essas e outras poderão, se despertadas para o respeito à vida, compensar o mal com o bem na mesma existência do crime.

Quantas ao encararem a verdade, sinceramente arrependidas, procuram nunca mais reproduzir ou induzir o assassinato de indefesos e, ao mesmo tempo, cooperar em campanhas esclarecedoras e/ou com genitoras carentes, instruindo-as e favorecendo o nascimento das crianças e a sua educação?

Lembremo-nos uma vez mais da carta de Pedro: “O amor cobre uma multidão de pecados”. (1Pd 4:8) Irmãs e irmãos do caminho, ouvi as vozes dos imortais em *O livro dos Espíritos*, obra que revela a filosofia espírita:

344. Em que momento a alma se une ao corpo?

“A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

358. Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?

“Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, porque impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.”

359. Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda?

“Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.”

— • • • —

DEZESSEIS

Médium em provação

A casa de Alicante ainda respirava a tragédia dos últimos acontecimentos. Não fosse Casimira e outros funcionários dedicados, Judite e Murilinho não suportariam.

Valério ofereceu lindo testemunho.

Apesar da dor, seguia confiante trabalhando e frequentando a casa espírita duas vezes na semana e aos sábados, nas atividades caritativas, sem jamais esquecer de orar pela esposa desencarnada.

Numa noite, o filho de Judite pediu a Casimira que o ajudasse a implantar o evangelho no lar.

A empregada de bom grado explicou que essa reunião se constituía na simplicidade em ação. Era necessário escolher um cômodo da casa o mais silencioso e que favorecesse a leitura e reflexão. Escolheram a sala de jantar.

A reunião deveria ser feita em dia e horário previamente combinados para favorecer a participação de todos e cooperar com a programação dos amigos espirituais que certamente se organizariam para comparecer e cumprir com aquele combinado moral apoiando os familiares.

Não era necessário colocar toalha branca, muito menos a jarra com água, apenas em caso de doença e, especialmente, para o enfermo. Os bons Espíritos podem aplicar silenciosamente passes nos encarnados.

Um livro seria escolhido para estudo e Murilinho participaria somente se demonstrasse a disciplina necessária do silêncio e da atenção.

E não deveriam ultrapassar o tempo médio de 20 minutos, alcançando 30 minutos no máximo. É um recurso simpático para não cansar os participantes.

De maneira funcional, para atingir o objetivo de espiritualização dos presentes por meio do cultivo das verdades eternas, aplica-se com simplicidade o método do bom senso. A finalidade da reunião não é o

intercâmbio mediúnico, e sim a harmonia da família pelo estudo do evangelho de Jesus.

Assim, pensa-se em iniciar a reunião com uma prece rogando a presença dos amigos espirituais. Prece simples e amorosa.

Na sequência, estuda-se o livro escolhido; Casimira sugeriu *O evangelho segundo o espiritismo*, em pequenos trechos previamente analisados pelo dirigente da reunião, que pode ser a pessoa mais experiente da família em questões espíritas.

Nas reflexões e comentários, em que todos podem participar estimulados pelo dirigente, evitar acusações pessoais corrigindo moralmente os presentes. O tom deve ser sempre conciliatório e não acusador.

Após os comentários, uma vibração pela casa, isto é, a irradiação dos melhores pensamentos e sentimentos pela família, rogando a Deus amparo e ajuda, pode ser feita; seguida da prece de encerramento.

Necessário desligar os aparelhos de comunicação da casa para que a reunião não seja interrompida. Se vizinhos ou familiares comparecerem sem aviso prévio, convidá-los à participação ou respeitá-los, solicitando aguardar em outro cômodo.

Casimira aplicou a prática espírita de o evangelho no lar e o ambiente alterou-se. Essa atividade sublime é o convite que fazemos para Jesus participar da nossa vida em família. Com isso, renova-se o ambiente fluídico e os bons Espíritos podem socorrer entidades que eventualmente nos perturbem a convivência, além de trazer equilíbrio, espiritualidade e proteção para casa. Realmente, a residência modificara-se e tudo corria bem.

— • —

Lourenço Ventura, informado por Osório do ocorrido, não se alterou.

O preposto esperava ver o chefe esbravejar, vociferar, contrair-se de ira, mas... Lourenço estava meticulosamente malvado.

Recolheu uma chusma de adversários e foi diretamente à escola dos filhos da trabalhadora da mansão dos Alicante.

Lourenço posicionou-se, entrou sala por sala, conferiu alunos e professores. E fora sustado nas suas intenções mais perversas pela proteção que os ambientes escolares costumam ter.

Espíritos nobres, auxiliados pelos professores e pela equipe escolar, costumam minimizar perigos e graves problemas, cooperando na sublime missão de educar.

Contudo, também esses, os bons Espíritos, têm a sua ação limitada ao livre-arbítrio de cada ser.

Conquanto não possam interferir diretamente nas escolhas de cada um, estão sempre dispostos a inspirar e proteger, no limite de suas forças.

Embora pensadores da filosofia da educação pugnem por uma prática meramente profissional dos educadores, os Espíritos do Senhor concebem o magistério, transcendendo as barreiras do profissionalismo frio e egoísta, uma grande missão, um sacerdócio a serviço do bem intelecto-moral da humanidade.

— • —

Professores!

Trabalhai com afinco, suportai quanto possível as dificuldades do caminho, porque glorioso é o vosso mister. Lutai pacificamente pelos vossos direitos, mas não descuidai dos vossos deveres!

Nunca vos sintais desamparados!

Em horas de grande angústia e sofrimento moral em vossa profissão lembrai-vos de Deus; enviai vossa prece silenciosa ao Criador e sabeis que seres de luz vos auxiliarão no cumprimento do dever.

Se, por um ato de nossa imaginação, corporificássemos o futuro em uma pessoa e se ela pudesse vos falar, certamente diria: Coragem, benfeitores da humanidade!

Erguei a vossa frente!

Sou eu, o futuro, que vos fala!

Compreendei que daqui posso falar-vos, eternamente agradecido, pois as vossas lutas construíram uma nação melhor!

Vossa voz não se ergueu em vão!

Vossa disciplina evitou que muitos se perdessem!

Criastes uma nação de leitores críticos, de escritores, de médicos renomados, de juízes incorruptíveis, de engenheiros revolucionários, de cientistas comprometidos com a pátria, de lentes mais capacitados e de muitos outros profissionais que se tornaram pessoas de bem!

Sim, vós construístes um venturoso futuro.

Mas não vos esqueçais: sem desânimo!

Porque, se desanimardes agora, eu continuarei apenas como uma promessa!

Brasileiros, ouvi!

Uma nação educada, forte e invencível, moral e intelectualmente, constrói-se com professores e livros!

Coragem, amigos!

Porque eu dependo de vós!

— • —

Em poucos dias, Ventura, auxiliado por vários dos seus, assistiu aulas, acompanhou os docentes, registrou as intrigas, observou os pontos fracos dos estudantes, identificando mestres desatentos e alunos viciados.

Incentivaram os tutores descomprometidos à animosidade contra os filhos de Casimira, que guardavam o frescor da adolescência. Os meninos contavam um ano de diferença na idade e na vida escolar.

Rapidamente um mal-estar se estabeleceu entre as crianças e alguns professores. Certos mestres invigilantes agiram de modo inadequado. Não eram maus, propriamente, mas o estresse, o salário e as dificuldades da escola não lhes permitiam transcender ao cumprimento do dever. Pensavam, com justeza, nas suas lutas e conquistas, esquecidos de que muitos reencarnaram assumindo a missão de cooperar com Deus tendo a docência por religião; e logo, sob influência espiritual negativa, iniciaram um processo de irritabilidade “gratuita” em relação aos meninos, nossos personagens.

As crianças de Casimira, desejando fazer parte do grupo de adolecentes, destacado pela rebeldia e aclamado por muitos, esqueceram-se dos ensinamentos

aprendidos na educação espírita e iniciaram pequenas brincadeiras que brevemente tornaram-se ondas de incivilidade disciplinar.

Os filhos da empregada caíram em notas, o mau comportamento fora identificado com rapidez e Casimira teve de comparecer à escola notificada pelos diretores. Em casa, eles não souberam explicar o motivo e deprimiram.

Aos poucos, Casimira observava a vida alterar-se em agitadas e dolorosas transformações.

Não foi difícil para Ventura, na sequência dos acontecimentos, envolver outros adolescentes de natureza rebelde e viciosa, levando-os na direção dos nossos personagens, fazendo-os dependentes das drogas.

As crianças sabiam, sim, discernir entre o certo e o errado, mas a necessidade de fazer parte do grupo eleito por eles como a referência social era mais forte.

Jean Piaget na sua epistemologia genética leciona que os indivíduos passam por quatro estágios básicos:

- sensorio motor (de 0 a 2 anos);
- intuitivo ou simbólico (de 2 a 7 anos);
- das operações concretas (de 7 a 14 anos);
- e das operações formais ou hipotético dedutivo (a partir da adolescência).

Os quatro estágios são a representatividade do desenvolvimento da inteligência, da afetividade e da consciência moral dos indivíduos. Na passagem de um estágio para outro ocorrem desequilíbrios naturais quando o ser busca adaptar-se ao novo momento biológico, psicológico e social em que vive.

Daí, podemos inferir que o adolescente está em um período de turbulência em que mostra suas inclinações, oportunizando aos pais a compreensão e a emenda.

Os meninos cederam à tentação e, abandonando os sacrossantos ensinamentos espíritas, tornaram-se usuários de drogas “simples”, evoluindo para drogas mais devastadoras.

Lourenço vibrava e não descansou até envolver os garotos com traficantes que os ameaçavam pelas dívidas.

Foi assim que numa noite, enquanto todos dormiam, assaltantes ligados às hostes do tráfico invadiram a residência da funcionária dos Alicante.

Agiram com violência, ameaçaram de morte a todos.

Casimira pedia calma e piedade aos malfeitores.

Um dos filhos quis intervir e fora agredido por um deles. Exigiram dinheiro, e Casimira teve de entregar suas poucas economias.

Após uma hora de horror, os bandidos afastaram-se deixando medo e tristeza.

Quando se recompunham, a dona da casa ouviu espiritualmente uma gargalhada e uma ameaça.

— *Ouçã, vassala: isso é só o começo!*

Casimira entendeu tudo.

Fez prece fervorosa, trancou as portas e exigiu a verdade.

Os meninos contaram, ela foi à escola, fora informada pelas dignas autoridades de ensino e, sincera, procurou alguns poucos amigos do Centro.

Lembrou-se de um irmão muito querido em estado distante e, sob sua ajuda, encaminhou as crianças para lá, retirando-as do ambiente pernicioso e internando-as, com ajuda de confrades, em clínica apropriada.

Doíam-lhe os filhos fora do lar.

Na sequência, ela foi assediada por um companheiro menos digno da casa espírita que a atormentou meses intermináveis.

No grupo de amparo social fora hostilizada por alguns companheiros que invigilantes caíram nas malhas da competição.

Seus vizinhos de residência passaram a insinuar que ela vendera os meninos para entregar-se à vida fácil.

Aos poucos amigos para quem contara suas lutas, com o fito de encontrar consolo, acharam que ela exagerara nas narrativas desenhando o

cenário com as tintas fortes da sua imaginação, apresentando-se como mártir sofredora. Ouvindo por vezes: — Então, tudo acontece com você?

— *Onde sua fé?*

— *Se fosse equilibrada, não cairia nas malhas dos adversários.*

Ela calou-se e volveu a casa.

— • • • —

DEZESSETE

Suportando o mal

Chgando ao lar, Casimira chorou solitária. Ventura nesse momento lhe apareceu: — Eu avisei, vassala! Não disse que você pagaria pelo seu atrevimento?! Você não se entregou aos emissários do bem? Por que não lhe protegeram impedindo esses acontecimentos? Por quê? perguntou ele com fúria.

Eu explico! continuou ensandecido. *Porque são fracos! Você ameaça meus planos e acha que ficará sem resposta?! Saiba que eu trouxe sua filha para cá, buscarei os seus rebentos e eles serão meus!*

Contudo, disse ele em tom irônico, enquanto batia o cetro no solo, *estou hoje em um bom dia! Faço uma proposta! Peça demissão da casa dos Alicante e eu a deixarei em paz!*

Ela permaneceu em silêncio e orou. Na prece adormeceu.

Álvaro e o Espírito protetor, mais o guia da médium, apareceram no ambiente. Lourenço bradou draconiano, deu um silvo, fitou-a com ódio e desapareceu.

Casimira estava emocionada. Chorava, não de autopiedade e covardia, mas de emoção pedindo forças para continuar. Rogou auxílio para os filhos, ajuda para recuperar seu bom nome junto à sociedade.

O seu condutor mediúnico acolheu-lhe, dizendo: — Acalma-te, minha filha! Confiemos em Deus! Lembra-te de Kardec, Casimira: “Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter.” (A gênese, cap. XIV, item 45)

Vê, estás no capítulo das provas e dos testemunhos. Necessário vencer!

Teus filhos já estão recebendo o nosso socorro. Aliás, nunca deixaram de receber. Acontece que as criaturas têm direito às suas escolhas.

Sabe que não faltaram aos teus amados a conversa de nobres professores, acionados por muitos dos nossos, orientando os teus meninos. Nem colegas dignos para ajudá-los. Escolheram esse caminho por fraqueza moral.

Mas tudo acabará bem! Eles trazem n'alma a semente da mensagem espírita, muito bem plantada, e ela florescerá.

Escuta, não temos muito tempo! Preste atenção: Logo tudo estará terminado.

Neste sábado, tu vais como de costume às visitas assistenciais e nós te guiaremos a alguém que pode definitivamente acabar com essa odisséia.

Temos trabalhado diuturnamente para compor este momento. E tu verás que tuas lutas e testemunhos não serão inglórios! Tem confiança. Deus é por nós!

Casimira ficou perplexa pensando como isso se daria. Acordou guardando apenas a essência dos acontecimentos, colocou-se em vigilância e aguardou os dias...

— • —

Irmãos médiuns!

Que nenhum medo se apodere de vós!

Que a coragem seja sempre vossa flâmula a identificar-vos como seguidores de Jesus. Se a mediunidade nenhum privilégio oferece aos seus portadores, fortifica e aprimora a alma de todo aquele que trabalha louvando a Deus e testemunhando o bem.

Não pensais que é a mediunidade que provoca a obsessão!

Não! nunca!

Mas por meio dela é possível saber que um Espírito menos feliz aproxima-se e auxiliá-lo com bondade. Na ausência dessa faculdade ostensiva, entidades espirituais atuam na vida humana de outras múltiplas maneiras mais ou menos ocultas. Pensar que os Espíritos exercem sua atuação apenas por meio da mediunidade falante ou escrevente é um equívoco. Essa influência ocorre a todo o momento e mesmo os que nos Espíritos não creem ou os que deles não se ocupam estão expostos a ela.

Confiai em Jesus e estudai as obras da codificação para vossa segurança intelecto-moral. Consultai especialmente o capítulo XXIII de *O livro dos médiuns* e estudai com afinco!

A mediunidade permite, por assim dizer, que se veja o “inimigo” frente a frente e se combata no mesmo campo. Na ausência dessa faculdade, o adversário atua ocultamente, aproveitando-se da invisibilidade em relação aos olhos físicos, podendo realmente prejudicar!

Quantas vezes a humanidade sofre atuação análoga sem a perceber? E se tivesse meios de se informar sobre essa realidade que lhe está oculta? E mais, se soubesse os mecanismos para se precaver ou ainda para desvendar e aprender sobre a continuidade da vida e o prosseguimento dos homens do outro lado da existência, agindo sobre os seres humanos de acordo com sua moral, com seu caráter? Os que estão sofrendores, revoltados, vingativos, poderão retornar para perturbar os seus pares, ou servirem de provas aos que persistem em boa marcha; mas os iluminados, fúlgidos de bondade e amor, também retornam para inspirar, proteger os homens, apoiar os que seguem em provação e socorrer os que necessitam em ambos os lados do

existir. E são exatamente as faculdades psíquicas ou mediúnicas que descortinam esse universo, possibilitando aos seres humanos esse aprendizado.

Conhecer o espiritismo não favorece a presença dos maus Espíritos, pelo contrário, auxilia para a emancipação da humanidade, cooperando, com sua poderosa filosofia e com sua portentosa moral, para que os homens não se tornem maléficos; possibilita também a cada indivíduo que conheça a doutrina colocar-se em guarda contra as sugestões inferiores.

Casimira é o símbolo dos medianeiros corajosos e comprometidos que não usam o véu da santidade falsa, mas que, cientes de suas lutas pessoais, santificam-se a cada dia. Quem poderá avaliar a importância de Casimira para Álvaro e sua equipe? Que mentor desperdiçaria um médium de faculdades morais em pleno exercício de santificação? Que equipe espiritual não ficaria eternamente grata, recordando para a imortalidade o trabalho de renúncia e amor dos seus médiuns?

Que casa espírita não gostaria de contar com irmãos da mediunidade seguros e discretos, os quais não portariam a vaidade que entoja, o orgulho que cega, a rispidez que afasta e o analfabetismo espiritual que fascina e ensandece?

Pois bem!

Sede, irmãos, esses médiuns!

Está ao vosso alcance, trabalhai!

Nós vos convocamos ao entendimento de que o mediunato é o produto do esforço pessoal de cada sensitivo. Jamais desperdiçar a oportunidade de colaborar com Jesus.

Não espereis, portanto, faculdades excepcionais, não vos percais nos horrores da ambição. Trabalhai com o que Deus vos concedeu. Produzi cem por um, capacitando-vos e especializando-vos nas faculdades que mais vos caracterizam.

Mas não vos esqueçais:

Vosso compromisso tem de ser com a verdade!

Quanto mais testemunhais, quanto mais estiverdes com Cristo, quanto mais viverdes o cristianismo primitivo, renunciando os momentos fúteis da vida, aprimorando-vos na arte de servir, mais perto estareis do Senhor!

Jesus conta convosco! Os Espíritos do Mais Alto procuram-vos, mas por vezes não vos encontram!

Levantai, portanto, a vossa mão pelo trabalho, produzi lume pelo amor, pelo estudo do espiritismo, pela fé raciocinada, discricção e disciplina; fazei o bem pela caridade, e os Espíritos do Altíssimo encontrar-vos-ão e, cantando hosanas, farão luz nas trevas.

Permanecei confiantes e corajosos lembrando-vos de Paulo na epístola aos Efésios:

Portanto, ponde-vos de pé e cingi os vossos rins com a verdade e revesti-vos da couraça da justiça e calçai os vossos pés com a preparação do evangelho da paz, empunhando sempre o escudo da fé, com o qual podereis extinguir os dardos inflamados do maligno. E tomai o capacete da salvação e a espada do espírito, que é a Palavra de Deus. (Ef 6:14-17) — • • • —

DEZOITO

Dante Ventura

M

ais uma vez, Ventura empreendera visita ao filho amado. Dante jazia melancólico e, apesar de todo o sofrimento, seu corpo não adoecia gravemente.

Ele retinha a esperança de que o vaso biológico do menino percesse promovendo-lhe a libertação, mas malgrado seu o rebento resistia.

No caluje repetia-se a cena. Os responsáveis pela criança eram adictos, estavam na parte mais carente da favela e o pequeno era socorrido, quando possível, por vizinhos piedosos e honestos, como muitos outros habitantes daquela região paupérrima.

— • —

Espíritos nobres e bondosos reencarnam em ambientes semelhantes, enfrentam lutas para apoiar os seus em regime de provas ou expiações. Não encaram a pobreza como punição nem as favelas como ambientes perniciosos. Antes se compadecem do povo, sem terem autopiedade, e organizam-se em tarefas elevadas, cooperando com a transformação social. Erguem bandeiras das mais variadas a exigir pacificamente do trabalho pessoal e coletivo a transformação social.

— • —

A mãe ausentara-se da choça.

No tugúrio, o calor asfixiava...

Subitamente, o explorador da genitora de Dante fitou o menino com olhos perturbadores. O pequeno, por conta das dores que sentia, gritava e batia a cabeça contra uma das paredes da frágil habitação, e, mais uma vez, o ébrio fora tomado de ira e avançara para a criança.

Chutara, cuspira, esbofeteara até o menino expelir, de dor, fezes e urina, fazendo com que o algoz, por asco, sustasse a sessão de torturas saindo às pressas do casebre para limpar-se e afastar-se do mau cheiro.

Lourenço chorava. Ele, de fato, à sua maneira egoísta, amava o menino. Aproximou-se, tentou consolar, enlaçou-o e soluçava.

Era sábado.

Casimira apresentara-se de bom grado para a tarefa de visitação às comunidades carentes.

Várias equipes formaram-se e ela fora escalada para uma região bem distante do centro espírita, local de muita pobreza e violência para o qual poucos voluntários se matriculavam.

Fora tomada por estranha vontade. Dirigiu-se à enfermaria e recolheu fraldas dos mais diversos tamanhos, medicamentos antissépticos, água, lenços umedecidos, esparadrapos, roupas limpas e material de higiene.

Ela acondicionou tudo em uma prática mochila e seguiu viagem.

No bairro dividiram as tarefas de visitação por meio de um mapa. Casimira seguia rigorosamente os combinados de conduta e ação.

Guiada pelos benfeitores, apressou-se estacando defronte a um barraco paupérrimo de onde partiam gritos de uma criança.

Todos se impressionaram.

A equipe toda ali se reuniu.

Casimira bateu palmas e aguardou.

Ouviu-se apenas um choro infantil.

Ela empurrou um frágil tampo de madeira convertido em porta e entrou.

Sim, era a habitação onde vivia Dante, o filho de Lourenço Ventura.

Quando Casimira adentrou e foi vista por Lourenço, ele pensou sofrer de uma alucinação.

Trouxe as mãos ao peito, sentindo o impacto das emoções e expressou um grito rouco e gutural de horror: — Casimira!

Ela parecia em transe. Às pressas ajoelhou-se, pediu ajuda aos amigos que desacorrentaram a criança, solicitou chamassem um policial amigo da instituição, que acionou os órgãos competentes, e iniciou a higiene do menino.

Cuidou de Dante com esmero, limpou o seu corpinho, banhando-o com lenços umedecidos, e acolheu-o dignamente em fralda aconchegante.

Colocou nele roupas limpas e perfumadas. Retirou do seu lanche e partilhou com o menino que, faminto, o devorou.

Ventura estava atordoado.

Não era possível!

O infante parecia gostar de Casimira. Os fluidos dela o acalmavam e logo o pequeno adormeceu.

A serviçal de Valério fez prece belíssima. Maria, sua filha e a amada de Lourenço, apareceu ladeada por Álvaro e o guia mediúnico de Casimira. Todos oraram, um silêncio absoluto caiu respeitoso até que o Alto enviou ajuda.

Além dos Espíritos presentes, uma entidade veneranda, luminosa e delicadíssima apresentou-se.

Trazia o semblante suavemente amadurecido, as cãs cuidadosamente presas num coque de elegância, discretos brincos argolados nas orelhas e um xale ibérico às costas.

Quando a viu, Lourenço caiu de joelhos.

— *Vovó Emília?!*

Era a benfeitora de Ventura em autoridade moral de amor e afeto.

— *Sim, Lequinho, sou eu meu filho!* disse ela num sotaque lusitano encantador, revelando o nome de casa de Lourenço com o qual ele viera, o apelido familiar gerado por um dos seus irmãos menores que não sabia falar Lourenço, pronunciando apenas Leco e depois, para os mais íntimos, Lequinho. *Quanto tenho orado por ti!*

— *Vê, senhora, o que fizeram com teu “bisneto”!*

— *Sim, meu filho, Deus faz sempre o melhor!*

Ele quis altear a voz em acusações diversas, mas ela o disciplinou com firme bondade: — Lequinho, agora chega!

Ele obedeceu de imediato e permanecia paralisado.

Ela aproximou-se, fitou-o com olhos da verdade e continuou: — Vês este xale, meu filho?

— *Sim, senhora!* respondeu bondoso, de voz embargada e corpo trêmulo.

— *Tu te recordas?*

Ele balançou a cabeça afirmativamente, enquanto o corpo tiritava.

Este foi o presente que tu me deste quando foste a Portugal após longos anos de estudos e dedicação!

Nunca me separei dele, porque representa a vitória de um neto que sempre me encheu de orgulho e alegria!

Todas as nossas economias te foram entregues para que nada te faltasse no aperfeiçoamento do teu curso de direito. Lembra-te de que teu avô vendeu o relógio de ouro, presente paterno, nossas alianças de casamento e todas as nossas joias para que pudesses estudar?! Foste à terra dos meus pais, para qual eu nunca, em vida física, consegui retornar!

Depois, tu nos deixaste porque não tínhamos a educação necessária para frequentarmos os mesmos lugares em que convivias!

Compreendemos perfeitamente!

Lembro-me de quando tua mãe, imigrante italiana, quis vender-te como fez com os outros! Morávamos próximo ao cortiço que te servia de lar; trouxe-me um vestido rasgado para costura, usado por ela nas noites de meretrício. Aconselhei-a e, em nome de Jesus, pedi que não fizesse isso! Em vão! Ela entregou-te a um vendeiro distante que tencionava escravizar-te!

Ele pareceu recordar e foi apoderado pela amargura.

Tu tinhas a idade de Dantinho!

Resgatamos-te usando a influência dos superiores do teu avô e adotamos-te enquanto tua mãe lutava com a vida! Nunca permiti que me chamasses de mãe, porque jamais desejei apagar da tua memória a mulher que te deu a vida. Tendo já àquela época alguns outonos e os cabelos nevados, permiti que me chamasses de avó!

— *Ela me abandonou...* disse ele protestando.

E impedindo que pronunciasse vitupérios, ela o interrompeu, sobrepondo-lhe a voz: — Não! nunca digas isso! Quando enriqueceste e não mais nos procuraste, entendemos que, em razão das tuas imensas responsabilidades, o tempo faltava-te para nos ver e beijar-nos; e que, certamente, o teu passado poderia manchar a nova vida que lutavas por

erguer! Com tua mãe deve ter acontecido o mesmo, Lequinho, ela não teve tempo...

Acredito, contudo, que nunca deixou de te amar.

Ele entendeu a correção e, ruborizado, aquietou-se.

Orávamos por ti, continuou comovida, felizes por tuas conquistas!

E aplicando na voz divina ternura continuou: Amigos malvados diziam-nos que tu tinhas vergonha de nós, do nosso modo de falar e agir. Mas, de nossa parte, sempre te defendemos. Tu tinhas direito de seguir o teu caminho!

Tu nada nos devias!

Se resolvemos amar-te, a honra foi nossa!

Ventura chorava. Havia tanta sinceridade naquelas palavras que o desarmaram.

As lágrimas de solidão, prosseguiu com absoluta verdade, transformávamos em preces para tua vida.

E hoje, meu filho, deu-me uma saudade imensa, mais do que todos os outros anos e, por isso, decidi ver-te!

— • —

Lourenço estava possuído pela vergonha.

Aqueles olhos da verdade fitavam-no sem cobrança, sem mágoa, sem exigências. E isso, de certo modo, perturbava-o.

Sabia que por ambição fora ingrato. Por vergonha, ele abandonou os pais adotivos, esquecendo-os na miséria.

Desencarnaram numa casa de caridade sem jamais receberem notícias.

— • —

A senhorinha, após lhe acariciar a face, beijar-lhe e reerguê-lo, maternalmente assumiu expressão grave e continuou: — Te perdeste, meu filho?!

Ele permaneceu em silêncio, com olhos chumbados enquanto parecia desenhar, com um dos pés, um risco qualquer no chão de terra batida do barraco.

Queres ajudar o nosso Dantinho? perguntou com inefável ternura.

Ele ergueu os olhos afogados, como se quisesse pedir-lhe perdão e abraçá-la; um suspiro fez cair grossas lágrimas revelando dois sóis, fúlgidos de ansiedade por aquecer o seu rebento. Mas, humilhado e moralmente devedor, limitou-se a responder de voz embargada: — Com todas as forças de minha alma!

— *Então observa!*

Casimira terminou a prece, recolheu o menino, embalou-o em seu braço de serva forte e decidida e aguardou a assistente social. Quase duas horas eles permaneceram lá sem que alguém da família aparecesse.

Quando o socorro chegou, o menino fora imediatamente conduzido para um hospital e depois a um abrigo. Casimira implorou levar a criança para sua casa, mas o pedido fora negado.

Então, ela prometeu visitar o garoto todas as noites.

Ventura, ladeado pela avó, não sabia como reagir. Não entendia a linguagem da caridade.

E antes que ela lhe pudesse dizer mais alguma coisa, ele fugiu com o peito oprimido pelas emoções em desalinho.

Confuso, pareceu recrudescer o ódio e petrificar o coração.

— *Malditos! foram eles! Trouxeram minha avó para me humilhar! Certamente me denegriram para ela!*

E parecendo doutrinar-se, influenciado pelo modo de falar da avó, dizia na segunda pessoa do singular: Ventura, Ventura, nada de tolices! Tu não deves nada a eles. Se te adotaram, foi por escolha pessoal! Ergue a cabeça e não te entregues à gratidão. Altivez é virtude dos fortes!

Lançou a fronte para o alto e, subtraindo o pouco de humanidade que havia em si, enxugou as lágrimas e, parecendo retomar a tirania, vociferou: — Mesmo com a tua nobreza, Vovó Emília, vendi minha alma ao mundo, e não desejo acompanhar-te aos céus!

— • • • —

DEZENOVE

Dolorosa sorpresa

Tomado de ira retornou semanas depois para a casa de Valério, decidido a acabar com todos.

Levou consigo cerca de 500 dos seus homens.

Deu ordens para que cantassem os hinos de guerra.

Evocou forças trevosas.

Um tropel fora ouvido e de uma soberba carruagem desembarcou Bernardo Feitosa, conhecido pela crueldade no tempo da Inquisição.

Vestia-se como os dominicanos e a todos ameaçava com o fogo do inferno.

— *Tu me chamaste, Ventura?*

— *Sim, eminência, para que vejas nossa vitória.*

Ele estava irreconhecível.

Parecia transudar, o peito arfava, os olhos arregalaram-se e num trovejar de ira determinou: — Hoje tomaremos conta deste palácio! Abalaremos de tal sorte Murilinho com uma possessão demoníaca que o faremos pular na piscina e afogar-se! Valério ficará tão impressionado que o sentimento de culpa fará arrebentar o coração. Dona Judite será possuída por centenas dos nossos e se lançará pela janela. Nossa atuação ao longo desse tempo já os fragilizara. A vitória é certa! Mas a minha vingança ainda não acabou!

Ouviu-se, então, um grito.

Era Catarina que louca e trazida pelo grupo das trevas também queria vingar-se do marido por um motivo inexistente.

Ventura a utilizaria no momento, tencionando escravizá-la mais tarde; exigiu que Osório trouxesse Marcus e Olavo ao centro do círculo.

Ele chamou Catarina ordenando-lhe:

— *Devassa, infeliz, conhece esses miseráveis?*

Os dois entreolharam-se e fitaram o tirano sem compreender a forma de tratamento.

A esposa morta de Valério fitou os dois e após alguns instantes, num grito de horror, perguntou: Marcus, Olavo? são vocês? meus cunhados? filhos de Judite, irmãos de Valério?

Como se um raio os iluminasse, reconheceram Catarina e lembraram-se de tudo.

Ela convencera a ambos sigilosamente de que um roubava o outro nos negócios da indústria e semeara a discórdia na família até que ensandecidos duelassem e, numa noite, em briga familiar puxassem arma simultaneamente. Eles não resistiram aos ferimentos e morreram possuídos pela ira. O trauma pelo fratricídio foi tamanho, ampliado pela perturbação da morte abrupta, que os irmãos mergulharam numa amnésia traumática explorada por Ventura. Recordando-se apenas do ódio que nutriam e de pequenos lampejos de convivência social. Odiavam-se com tanta força que não se empenharam em recobrar as lembranças.

A história parecia um conto de terror.

Marcus chorava lembrando-se de Judite sua mãe, Murilo, o sobrinho, e o constrangimento que ajudara a lhes impor. Perturbou-se ainda mais.

Olavo rememorou o convite dos benfeitores espirituais e, mortificado pela culpa, acusava o irmão pela própria insensatez.

Tencionaram insurgir-se contra Catarina no que foram separados e aprisionados para o grande julgamento.

— *Querem saber o motivo da minha ira?* perguntou Lourenço num berro de ironia.

Os três, entre gritos de imprecações, responderam afirmativamente.

Trabalhei para o bisavô dos Alicante, o fundador da indústria; ele vinha de família fidalga, e eu do proletariado. Formei-me em direito à custa de muito esforço dos meus avós; multipliquei a fortuna dele, tornei-me sócio das empresas e seu amigo pessoal. Fiz casamento de interesse, unindo-me a desprezível mulher, cujo pai era abastado e acionista, sem, contudo, encontrar felicidade na vida conjugal; apenas Dante foi a alegria dessa união!

Décadas mais tarde, quando pelo apoio dos sócios assumiria a presidência, colocando Dante como meu preposto, tencionei roubar a esposa do industrial. Ela relutou, rejeitando-me. Mas por muito amar o marido não lhe revelou minha paixão. Planejei, então, a morte dele, mas algo deu errado! Fomos, eu e Dante, assassinados por causas que me permitem pensar que ele descobriu tudo e matou-nos intoxicados, arrancando-nos as melhores oportunidades! Agiu de modo a nos enganar!

A multidão explodiu num rumorejo de espanto.

Tomando fôlego e parecendo mais irritado, continuou: Por isso, pagarão! Não apenas pelo meu assassinato, mas pelos privilégios que a vida ofereceu a vocês, pela arrogância que carregam, pela vida boa que levaram graças aos meus esforços.

Parte da fortuna de vocês me pertence! Estou nesse inferno por causa da família Alicante!

Enquanto ele falava, várias outras “autoridades” chegaram.

A notícia espalhou-se célere e logo uma multidão de Espíritos perversos ou dominados por Lourenço congregou-se espiritualmente na mansão.

Um tribunal fora montado na frente da residência. Os dois irmãos foram condenados a trabalhos forçados nas empresas de Lourenço pelos supostos crimes do bisavô.

Catarina, de modo semelhante, fora condenada pelos 15 abortos praticados e por aliciar moças ingênuas, pela vida de meretrício e por enganar e conduzir os cunhados à morte.

O julgamento ia longe quando se ouviu o ronco dos motores, e três luxuosos carros pararam diante da faustosa residência.

Médicos e advogados entraram às pressas. Sorriam com ansiedade.

Do carro de Valério desembarcam ele e Casimira. A serviçal carregava algo nos braços, com extremo cuidado, oculto por finos e acolchoados tecidos.

Todos correram para a casa. Lourenço e os seus superiores, espantadiços e curiosos, ocupavam o centro do ambiente na residência, enquanto a multidão se acotovelava para seguir o desenrolar dos fatos.

— • • • —

VINTE

Redenção

Fisicamente, a grande sala contava apenas com dois médicos, três advogados, Valério e Casimira com uma criança no colo.

Foi assim que um dos doutores da lei, passando importante papel para Valério, anunciou: — Senhor, eis aqui o documento de guarda provisória. Brevemente terá a adoção por completo!

Casimira retirou a cobertura que protegia a criança e todos puderam ver que era um menino hidrocefálico e portador de necessidades especiais.

Alicante segurou o garoto com tanto amor, beijando-lhe a grande e disforme cabeça, que o envolveu em luzes de ternura. E de olhos marejados disse: — Meu filho, a partir de hoje nada lhe faltará! Eu o amarei com todas as forças de minha alma.

Nesse ínterim, Murilo desceu as escadarias, abraçou o pai e perguntou: — Quem é esse, papai?

— *Esse, meu filho, foi um anjo que Deus mandou para nós por meio de Casimira. Acabou de chegar. Vem, ele é seu irmão!*

Por razões que remontam o tempo e o espaço, os reencontros que a vida nos impõe, houve uma afinidade fraternal imediata entre eles, fazendo com que Murilinho abrisse um gracioso sorriso e do filho de Lourenço se aproximasse e o beijasse com indizível ternura.

— *Como o chamam, papai? Qual o nome do meu irmãozinho?*

Os olhos já não podiam segurar as lágrimas. Tomado pela emoção, Valério Alicante, comovido com a postura do filho, respondeu:

— *Eu o chamarei de Dante, em referência ao poeta florentino, por ter suportado os infernos de horror e me conduzido ao paraíso da sua presença!*

Vovó Emília retirou o xale ibérico e colocou espiritualmente sobre o menino, beijando-lhe a fronte.

Lourenço Ventura não suportou.

Ajoelhou-se e gritou.

Sentia o ventre a revirar-se.

Sua alma fora invadida por sentimentos de amor, revolta, gratidão, vergonha...

Aquele gigante chorava o pranto de quase um século, reprimido na alma dorida.

A cena impactara positivamente os Espíritos obsessores.

Enlaçado pelo desespero, arrebatado pelo opróbrio, cerrou os punhos, trazendo-os à boca, bradando: — Valério, não!

E lutando contra os soluços que pareciam afogar-lhe, continuou: Você... não!

Acolhido pela avó, falou tomado por indescritível dor: Como posso perseguir esse homem? Vó Emília, senhora, o amor também dói!

— *Não, Lequinho, o teu orgulho é que causa essa dor!*

Ouviu-se uma exclamação geral dos Espíritos presentes. E uma comoção possuiu a todos. Por recursos audiovisuais que não tenho competência para descrever, toda a conversa da sala reverberava altissonante, de modo que os Espíritos, fora da residência, a tudo acompanhavam com absoluta clareza.

Nesse instante, Álvaro apresenta-se conduzindo desgraçada entidade. Esquálida, macérrima, vinha de regiões perturbadas fora dos domínios de Lourenço. Era Tamires Ventura, esposa oficial de nosso vilão.

— *Tamires!* exclamou ele soluçante. *O que faz aqui?!*

— *Acabo de ser resgatada; decênios de dor me sufocaram por um mal que lhe fiz!*

— *Mal? Acaso não se suicidou depois do nosso assassinato?*

— *Sim, matei-me de remorso!*

— *Remorso?* perguntou espantado. *E qual o motivo?*

— *Você nunca suspeitou, não é?!* questionou a perturbada com olhos chumbados de arrependimento.

Não percebeu que não foi Virgílio, o bisavô de Valério, que lhe matou, e sim eu, cega de ciúme, que o empeçonhei?!

Vi e ouvi você se declarar para Regina, esposa dele, numa tarde de confraternização na casa de campo dos Alicante; notei a paixão que nutria por ela, seus olhos de desejo que nunca se projetaram sobre mim! Estava cansada do seu desprezo; sentime usada, humilhada e, ferida, desvairi! Ensandecida de ódio, sequiosa de vingança, o entreguei à morte, sem que notasse! No mesmo dia, após a tua finitude, envenenei Dante, que lhe imitava a vida promíscua. Queria que você perdesse tudo, a própria vida e o filho que detinha mais amor do que aquele devotado a mim! Você nunca me amou de verdade!

— *Oh! Deus!* exclamou Lourenço tomado por dores lancinantes que o fizeram regurgitar.

— *Oh, Lourenço,* exclamou Tamires tomada pelo remorso, *perdoe-me, fiz por amor! E se deseja saber, nunca mais tive paz!*

Oh, Dante, filho, perdoa sua mãe que de tanto amar enlouqueceu!

Ela caminhou lépida para Lourenço e o abraçou, mas ele não correspondeu. Estava por demais ferido e envergonhado. Construiu uma vida de ódio e vingança por conta de uma dedução errônea e egoísta, além da inveja e revolta.

Emília, a veneranda avó, dele aproximou-se acompanhada do guia de Casimira, falando-lhe maternalmente: — Filho, esquece o passado! Vê, persegues Valério que se tornou pai do teu amado e te lançaste a uma vingança sem fundamento!

Agenor, interrompendo o clima espiritual elevadíssimo, rompeu a multidão e denunciou: — Camaradas, Lourenço é uma farsa! Lembrem-se de Dante?

E a multidão respondeu afirmativamente.

Ele agora está neste corpo monstruoso, fora aprisionado pela reencarnação. Lourenço faliu! Eu o vi chorando qual moleque assustado diante do filho, em extensa favela do mundo.

Ele mentiu para nós afirmando que o general Dante Ventura administrava uma sua empresa.

Ouçam, camaradas, eu vi a mansarda na qual o filho de Lourenço fora sepultado pela reencarnação e o féretro é esse corpo bestial que a ambos castiga!

Senhores, disse ele às autoridades, eu solicito a expulsão de Ventura de nossas organizações e indico meu nome para o seu lugar!

Houve um silêncio absoluto.

A plateia não se manifestou.

Exigiram quietude de Agenor. Todos desejavam acompanhar os acontecimentos.

E hostilizado pela maioria, retirou-se apressadamente, frustrado e humilhado.

Dona Emília, terna e afetuosa, continuou: — Não há outra alternativa, meu filho, senão recomeçar! A vida é bênção de Deus!

E, porque Dante estava adormecido, as entidades amigas fizeram-lhe o desdobramento.

Lourenço viu o filho em outras condições.

Sob o concurso da “bisavó”, ele guardava relativa lucidez e pôde dizer com certa dificuldade: — Chega, meu pai! Temos de progredir!

Não sabe o quanto esta cabeça grande e dorida, aliada a esse corpo limitado, me recompuseram as emoções.

Entendo agora, pelas bênçãos dos amigos espirituais, que é imperioso enfrentarmos o próprio destino. Arrependa-se para que não lhe suceda algo semelhante.

Viverei nesse corpo mais dez anos, tempo suficiente para que o senhor decida pelo retorno e me receba mais tarde num novo lar, em um corpo reajustado e propício ao meu trabalho em benefício próprio e dos que eu maltratei.

O amor de Valério me salvará! Chega, meu pai! implorou novamente o filho.

E lançando um olhar de compreensão para a mãe, se não pôde amá-la, não lhe desejou mal, esforçando-se intensamente por desculpá-la.

Tamires teve de ser retirada do ambiente pelos amigos espirituais, por causa da demência que dela se apoderara.

— *Chega, Lequinho!* solicitou a “avó” com firme ternura.

— *Basta, irmão!* disse o mentor. *Jesus conta contigo!*

— *E você, quem é?* perguntou Lourenço.

— *Venho da parte de Virgílio Alicante, patriarca da família, explicou Álvaro, o mentor, que nunca deixou de te estimar; para salvar os descendentes, Espíritos para os quais ele tem débito de gratidão, era preciso amar-te também. E como ele está por méritos de trabalho em esferas maiores, pediu-me, por conta da nossa amizade cristã, que te socorresse em nome dele e em nome da lei da fraternidade universal!*

Ele pretende voltar em futuro próximo e pergunta se tu retornarias como filho dele e irmão de Marcus, Olavo e Catarina, para que mais tarde tu recebas Maria como esposa, Tamires como filha e, finalmente, Dante como teu amado filho!

Lourenço não resistiu e chorou copiosamente.

Abraçaram-se sob o poder luminoso das lágrimas sinceras. E sem que os demais encarnados percebessem, Casimira acompanhou parte da cena e, emocionada, verteu discreto pranto.

— • —

As atitudes de Valério e Casimira, suportando a influência negativa dos adversários, provocaram admiração e interesse na turbamulta.

Viram o destino de Dante e as leis divinas em ação, entenderam que o mal, por si só, não se sustenta e que o amor é o destino de todos nós. Observaram a presença dos familiares de Ventura e pensaram nos seus queridos.

Um clima de constrição e saudade gradativamente se formou.

Os mais de dois mil espectadores aspiravam merecer aquela assistência.

De alguma maneira, observando aquele homem irremediavelmente endurecido e perverso render-se aos acordes luminosos do carinho de uma mãe adotiva e notando, ainda, a afabilidade dos mensageiros, sentiram a poderosa força do amor pulsar em suas almas; essa força, que é a centelha

divina em nós, por mais que demore, buscará sempre a sua fonte original: o Criador!

Por esse momento, quase ninguém se interessava por competição, domínio das sombras, perseguição e obsessões...

Estavam encantados com o poder da bondade e da justiça.

Todos queriam ver a atitude do líder da maldade.

Um clima de expectativa, ansiedade e respeito petrificou a multidão.

Lourenço levantou-se vagarosamente, fitou a senhora que lhe fora mãe de coração num olhar de infinito respeito; aproximou-se de Dante, desdobrado do corpo, e o abraçou.

Era a primeira vez em anos que se enlaçavam.

Ele abeirou-se de Valério acompanhado de dona Emília, viu-o acariciando o corpo informe e adormecido do próprio filho. Tomou postura do homem digno, exumou os valores de honestidade e gratidão que sepultara na alma e, sob incentivo familiar, rogou perdão.

A assembleia de Espíritos perturbados calou-se. Jazia em silêncio quase tumular entre lágrimas e soluços de emoção.

Repentinamente, numa explosão de emotividade, ouviu-se espontaneamente o estrugir de palmas provenientes dos liderados de Lourenço que se libertavam finalmente.

Não aplaudiam o líder malvado, mas a ajuda dos céus, o fim da tirania e a sua própria salvação.

Muitos se abraçaram rememorando os seus familiares, desejando revê-los e renunciando a liberdade.

Outros se aproximaram rogando o retorno ao mundo.

E o mais comovente foi observar Bernardo Feitosa e os outros líderes, de olhos vítreos e coração cansado, dizerem: — Chega! Também não queremos mais!

Eram, sim, homens perversos, almas endurecidas, envoltos em dramas terríveis, para os quais a história de Lourenço Ventura serviu como dolorosa lição.

A atitude de Valério, adotando o filho do próprio perseguidor, aquele drama convertido em tragédia por conta de equívocos variados, vendo a multidão o carinho dos amigos espirituais e tendo aquele quadro se convertido em exemplo prático de como funcionam as leis divinas, sentiram-se motivados a renovarem-se. Estavam cansados de recalcitrar.

Pensaram em seus amados e entregaram-se comovidos.

Inacreditavelmente, mais de duas mil pessoas equivocadas, perdidas, sofredoras, obsessores arrependidos, sentaram-se ao cair da tarde e ouviram com entusiasmo o discurso de poderoso benfeitor que os convidara e organizara-os para permanência espiritual em respeitável instituição espírita, aqui mesmo no planeta, no Brasil, enquanto se preparavam para a reencarnação.

A essa multidão de almas perturbadas e arrependidas, uniu-se em cantos de louvor os seus Espíritos familiares, produzindo o mais belo cenário de triunfo pessoal e coletivo.

Houve muito choro e comoção.

Mãezinhas afetuosas, tios respeitáveis, pais amorosos, irmãos enternecidos, esposos e esposas nobres, sobrinhos, avós, professores emocionados, amigos fieis e uma infinidade de entidades bondosas desciam dos céus como estrelas cadentes; vieram buscar os seus queridos que despertaram.

Incentivada pelos mentores, Maria aproximou-se de sua mãe, a doce Casimira, com quem romperá os laços de afetividade ainda na juventude, por impetuosidade, arrogância e vaidade. A médium em transe de vidência percebeu a filha a alguns passos dela, chorando e rogando perdão. A genitora, compreendendo a renovação da moça, derramou dos olhos piedosos duas grossas e silenciosas lágrimas, transformadas em luminosas irradiações que, interpretando os mais lídimos sentimentos de amor materno, envolveram sua filha.

Ela afastou-se, renovada, da genitora e soprou num espalmar de mão um beijo de reconhecimento e gratidão. A serviçal dos Alicante pôde ler nos

lábios de dor da sua menina a frase sufocada pelo remorso: — Estou bem, mamãe, perdoe-me! Obrigada, por tudo!

E amparada pelos Espíritos amigos, desapareceu do campo de visão de Casimira, ocupando-se com o próprio destino.

A nossa heroína, compreendendo que não há privilégios nas leis divinas, e sim misericórdia e conquistas, rendeu graças a Deus pela libertação de sua filha, serenando finalmente o coração de mãe dedicada.

— • —

Em nossas reuniões mediúnicas, nenhum diálogo que objetive libertar um obsessor tem talvez essa força, o poder do exemplo, da ação cristã verdadeira e desinteressada em benefício de alguém.

Os médiuns talvez não sejam capazes de avaliar o quanto as suas lutas na Terra, se suportadas com o fulgor do trabalho cristianizado, produzem em luminosidade e reabilitação.

Clamamos a Deus que os grupos mediúnicos, e especialmente os dedicados aos trabalhos de desobsessão, nunca fechem suas portas. Que os médiuns encontrem em Lourenço Ventura e outros o motivo para continuar.

Orai, companheiros, pelos obsessores, porque são nossos irmãos em humanidade. Quantos de nós, hoje reabilitados, não estagiamos em zonas sombrias, arrastando-nos pelo vale da morte e da dor? Oferecei vossas preces, mas sobretudo vosso exemplo cristão em trabalho ininterrupto na caridade moral e material!

Os dirigentes, médiuns, dialogadores e elementos de apoio que se devotam ao bem, nas bênçãos do intercâmbio mediúnico disciplinado e nobre, têm, sim, os seus nomes registrados em letras de fogo nos corações dos amigos do infinito!

— • —

O querido de Emília fora levado a regiões de socorro, enquanto milhares de Espíritos eram libertos. Entre eles, finalmente, Marcus, Olavo e Catarina que presenciando a cena clamaram por um recomeço.

— • —

A família Alicante retomou o curso natural. Casimira recuperou os filhos, conduzindo-os a condição de espíritas dedicados, e permaneceu fiel, fazendo da sua mediunidade um mediunato.

Valério não contraiu segundas núpcias, dedicou-se à mãe, aos filhos e à doutrina dos imortais, apoiando creches, escolas e construindo centros de espiritismo. Murilo tornou-se o maior amigo e defensor de Dante. Amava-o. Quando, uma década depois, Dante partiu, toda a família se comoveu de saudade.

Ventura, em conjunto com Emília e outros benfeitores, recepcionou-o na vida do infinito enquanto se preparava para o retorno.

Eram as leis divinas agindo de modo a reabilitar as criaturas a fim de que cumpram com seu grande objetivo: chegar por meio do esforço pessoal à perfeição! Ninguém escapa à lei do progresso! Progredir sem cessar é um determinismo imposto pelo amor divino!

— • —

Álvaro alcançara seus objetivos, recordando com sua equipe de valorosos servidores as orientações de Allan Kardec sobre a obsessão: — “(...) para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem (...)” (A gênese, cap. XIV, item 46) Rememorando ainda a lei de sociedade, indagou de si mesmo, reflexivo: E quem é a vítima?

Foi com o semblante transfigurado que respondeu no silêncio filosófico dos que já entenderam os editos do Criador:

No processo de evolução somos todos devedores uns dos outros. Somente a fraternidade em ação, como lei e determinação divinas, poder-nos-á de fato redimir perante o Senhor e a própria consciência!

Louvou a Deus, vislumbrando a vasta equipe de operários da bondade e do amor, reconhecendo com os olhos no infinito a sabedoria de Jesus: “O reino dos céus é conquistado pela força e são os que se esforçam que dele se apoderam.” (Mt 11:12) ——— • • • ———

POSFÁCIO

Sobre o termo “possessão”.

Allan Kardec, no prodigioso empreendimento de codificação do espiritismo, evitou inicialmente usar o termo *possessão* por falta de evidências do fenômeno, preferindo o termo *subjugação*.

Avançando nas pesquisas, constatou conforme segue em *A gênese*, cap. XIV: **46**. Necessário se torna este socorro, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque nesse caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio.

47. Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constrangido a proceder contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseqüentemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, nº 18.)

De igual modo, cita importante relato, publicado na *Revista Espírita* de dezembro de 1863, sob o título: “Um caso de possessão – senhorita Júlia”.

Registrou, ainda no mesmo capítulo XIV, item 48 do livro *A gênese*, que essa palavra “possessão” pode ser aplicada também quando um bom Espírito deseja atuar mais intensamente através do médium, com a diferença de que respeita o intermediário agindo com doçura por meio dele: **48**. Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, *toma* do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria sua roupa a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito

encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

A EDITORA

VALÉRIO

UM CASO DE OBSESSÃO

© Copyright 2014

by Centro de Estudos Espíritas “Nosso Lar”

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP BRASIL)

[C8689v] Cristiano, Emanuel (*1974) *Valério: um caso de obsessão*

Emanuel Cristiano (médium) Nora (Espírito) Fidelidade: Campinas, SP, 2014

320 pp. 15,5×22,5 cm ISBN 978 85 68456 00 2 (tradicional) 978 85 68456 01 9 (clube)

1. Novela espírita 2. Espiritismo 3. Obras psicografadas i. Cristiano, Emanuel, 1974 ii. Nora (Espírito) iii. Título CDD 133.93 CDU 133.9

1ª edição impressa – novembro de 2014

1ª edição eletrônica (Kindle) – dezembro de 2014

FIDELIDADE EDITORA

(Centro de Estudos Espíritas “Nosso Lar”) CNPJ 01 990 042/0001 80

Rua Dr. Luiz Silvério, 120 – Vila Marieta 13042 010 Campinas SP

19 3233 5596 www.nossolarcampinas.org.br



Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos, mecânicos, fotográficos, eletrostáticos, gravação, ou similares, sem permissão prévia por escrito da Editora.

Os recursos gerados pelos direitos autorais desta obra são integralmente revertidos para a manutenção do Centro de Estudos Espíritas “Nosso Lar”, sediado em Campinas, SP.

Produzido no Brasil *Produced in Brazil*

Colofão

título Valério: um caso de obsessão

autoria Nora (Espírito), Emanuel Cristiano (médium) edição 1.^a

editora Fidelidade (Campinas SP) capa César Oliveira

revisão doutrinária Helton M. Monteiro, Fátima Granja revisão Ary Dourado, Helton M. Monteiro
notas Editora

projeto gráfico Ary Dourado diagramação Ary Dourado diagramação kindle Helton M. Monteiro

tipografia texto Sabon Next LT Pro

título Trajan Pro notas de rodapé Sabon Next LT Pro produção dezembro de 2014



- [1]. Mensagem psicografada pelo médium Emanuel Cristiano em reunião da noite de 18 de dezembro de 2000 no Centro de Estudos Espíritas “Nosso Lar” em Campinas, SP.
- [2]. Mensagem psicografada pelo médium Emanuel Cristiano em reunião da noite de 18 de dezembro de 2000 no Centro de Estudos Espíritas “Nosso Lar” em Campinas, SP.
- [3]. *cf.* Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. VI, item 3.